



Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Ciências Sociais – ICS  
Departamento de Antropologia – DAN

**COMPRA ALI, VENDE AQUI:  
Comércio transnacional e relações familiares em Mindelo -  
Cabo Verde**

Vinícius Venancio de Sousa  
Brasília, 2017

Vinícius Venancio de Sousa

**COMPRA ALI, VENDE AQUI:  
Comércio transnacional e relações familiares em Mindelo -  
Cabo Verde**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa de Souza Lobo

Brasília, 2017

Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Ciências Sociais – ICS  
Departamento de Antropologia – DAN

**COMPRA ALI, VENDE AQUI:  
Comércio transnacional e relações familiares em Mindelo -  
Cabo Verde**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia.

Vinícius Venancio de Sousa

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andréa de Souza Lobo – Departamento de Antropologia - UnB

---

Prof. Dr. Wilson Trajano Filho – Departamento de Antropologia – UnB

Brasília, 2017

## Agradecimentos

À minha mãe, Valéria, a pessoa que eu mais amo neste mundo. Obrigado por todo o amor e pelo incentivo para que eu seguisse os meus sonhos. Obrigado por ser o meu maior exemplo de ser humano. Sem você eu não seria nada!

À minha avó, Ismenia, por ter me acolhido em seu lar nos últimos três anos e meio, pelos pequenos mimos que alegraram os meus dias, pelas broncas quando eu chegava tarde e pelas histórias que me entretiam nas noites de domingo. Ao Rafa, que, apesar das enormes diferenças, sempre esteve pronto para defender o seu irmão caçula. À minha madrinha e ao meu tio Carlos, por todo o carinho e apoio prestado neste novo (mas agora nem tanto) período da minha vida. Ao Matheus, por me fazer enxergar a vida pelos olhos de criança.

Aos amigos de Formosa, os queridos Mosquerdos. Anaf, Bia, Bruno, Carine, Carol, Duda, Gabi Klitzke, Gabi Ribeiro, Laura, Mari, Neto, Ricardo e Teury, obrigado por fazerem parte da minha vida e por todo o apoio nos momentos em que perdemos o chão. À Michelly, Thayná, Isabella, Mariana e Gabrielle, obrigado por toda a confiança, apesar de minha constante ausência. Ao Dudu, pela oportunidade de poder contar a minha história.

Não posso me esquecer de Kaithy, quem me apresentou ao mundo das ciências sociais e perdia quase todos os intervalos sanando as minhas inesgotáveis dúvidas e curiosidades no meu curto período no IFG. Mahyra, outra peça fundamental na minha vida, agradeço pelas aulas instigantes, por todas as tardes e noites que gastamos revisando o conteúdo do PAS no agora longínquo 2013, e, principalmente, por ter feito de mim seu colega de profissão. Obrigado por ter aberto as portas do Instituto Galileu para mim.

À família que tive o prazer de construir aqui em Brasília, só tenho a agradecer pelas maravilhosas pessoas que cruzaram o meu caminho. À Babi e Ju, minhas primeiras amigas de UnB. Às melhores pessoas que eu poderia ter conhecido, Bia, Lud Andrade e Lud Brasil, minhas queridas irmãs. Ao CATOP, Bruna, Leotti, Elisinha, Jô, Zé, Kamis, Liz, Lucas e Mari. Ao Vilton, Fê e Raquel. À Geovanna e à Carol. Mais uma vez, agradeço à Bia, Jô e João pela atenção e carinho enquanto estive em campo.

Ao André, meu querido companheiro de laboratório, que ao longo dos últimos semestres compartilhou das fofocas, alegrias e momentos de ansiedade comigo. A sua companhia e incentivo foram vitais para mim. Estendo o meu agradecimento à Andreza e ao Raoni, cujas conversas, trocas e momentos de desabafo tanto me motivaram!

À Monitoria de Introdução à Ciência Política, quando pude me apaixonar ainda mais pela docência em meio a controles de leitura, aulas e as reuniões. Deixo aqui um agradecimento especial aos queridíssimos Adriano, Caio, Geovanna, Gui, Jacq, Morgana, Rebeca e Tiago.

Deixo o meu mais sincero agradecimento à Carla Costa Teixeira, responsável pela minha paixão pela Antropologia, assim como aos professores Carlos Alexandre, Christine e Juliana, pelas disciplinas ministradas que tanto contribuíram com a minha formação.

À professora Juliana, estendo meu agradecimento por ter me apresentado ao fascinante mundo da etnologia em contextos africanos, assim como por todo o apoio e amizade durante o trabalho de campo em Mindelo. Ao Arthur, meu companheiro de campo, obrigado por ter tornado os dias mais leves e divertidos, mas principalmente por ter dividido comigo a novidade de fazer campo. Ao professor Trajano, pelas histórias contadas que sempre nos faziam rir. Ainda agradeço por ter aceito o convite para compor a minha banca e pelos preciosos comentários tecidos ao decorrer da arguição.

À minha orientadora, professora Andréa, obrigado por acreditar em mim, por todas as reuniões de orientação e por tornar as minhas ansiedades mais brandas. Esse trabalho não seria possível sem a sua dedicação ímpar e leituras minuciosas. Serei sempre grato por essa parceria.

Às pessoas sem as quais este trabalho nem existiria: Emeline, Simone, Tatiana, Naïss, Eugênio, Amílcar, Alexandrina, Maria José, Guiomar, Gertrudes, Raquel, Ana Maria e Nilza. Não sei como agradecer a vocês por terem aberto as suas vidas para que eu pudesse desenvolver a minha pesquisa. Ao staff da MORABI, nas pessoas de Dona Fátima, Odete e Sara, e ao da OMCV, agradeço por toda a atenção nas inúmeras vezes em que frequentei as duas ONGs.

Ainda em Cabo Verde, agradeço à Celeste, José e Carlos pelos debates e informações que tanto contribuíram para a apuração dos dados colhidos. À Gillian e a Cuca, pelo acolhimento, fazendo com que eu me sentisse em casa. À Maria, por ser a melhor guia do Barlavento e melhor aspirante a vlogger. À Janaina e Rivânia, duas brasileiras que facilitaram imensamente a minha vida em Mindelo.

Aos funcionários da secretária do DAN, Rosa, Carol, Jorge, Thais e Laise, que tantas vezes me salvaram.

À Isabella Lopes e Gabriela Fiuza, pelo suporte nos momentos de ansiedade.

Agradeço à CAPES, pela bolsa do programa Jovens Talentos para a Ciência, e à FAP/DF, cujo auxílio financeiro foi crucial para o desenvolvimento desta pesquisa.

## **Resumo**

O presente estudo etnográfico visa analisar e compreender as dinâmicas comerciais transnacionais desenvolvidas por mulheres cabo-verdianas residentes na ilha de São Vicente. Como essa prática comercial se desenvolve, ao mesmo tempo, nos âmbitos local – envolvendo não só a relação comprador e vendedora, mas também as famílias das comerciantes – e global – tendo em vista as redes comerciais que essas mulheres tecem entre os países que elas buscam produtos e Cabo Verde. Por ser desempenhado majoritariamente por mulheres, investigo também como se dá a congruência entre dois mundos que rotineiramente são colocados enquanto opostos, a casa e a rua, a partir da noção de centralidade feminina no âmbito doméstico, tão presente nos estudos sobre o arquipélago.

**Palavras-chave:** Cabo Verde, comércio transnacional, centralidade feminina.

## **Abstract**

The present ethnographic study aims to analyze and understand the transnational commercial dynamics developed by Cape Verdean women living in the island of São Vicente. As this commercial practice develops at the same time at the local level - involving not only the buyer and seller relationship, but also the families of the businesswomen- and globally - in view of the commercial networks that these women weave among the countries that they seek products and Cape Verde. I also investigate how the two worlds that are routinely placed as opposites, the home and the street, are based on the notion of female centrality in the domestic sphere, which is so prevalent in studies about the archipelago.

**Key words:** Cap Verde, transnational trade, women centrality.

## Índice de ilustrações

Figura 1- Mapa político de Cabo Verde.....	19
Figura 2 - Mapa da ilha de São Vicente .....	25
Figura 3- Mercado Municipal de Mindelo .....	29
Figura 4 - Arredores da Praça Estrela .....	30
Figura 5 - Mulher vendendo roupas na porta de casa no Chã de Alecrim .....	31
Figura 6- Mural exposto no primeiro piso do Mercado Municipal de Mindelo.....	41
Figura 7- Cartaz na sede da OMCV "empodere mais mulheres no processo de tomada de decisão - Beijing +15 Plataforma para África" .....	60
Figura 8- Cartazes na sede da MORABI com o passo-a-passo para se conseguir o microcrédito.....	62
Figura 9- Principais rotas das comerciantes de Mindelo.....	69
Figura 10- Bidão que costumava ficar na porta da boutique de Júlia. A folha na parte superior dele indicava que ela veio de Boston.....	72
Figura 11- Bidões na Praça Estrela enviados por um marido emigrado à sua esposa.....	76
Figura 12- Havaianas expostas em uma banca na Praça Estrela .....	79
Figura 13- Parte dos produtos de Amadeu expostos na Praça Estrela .....	91
Figura 14- Na imagem podemos ver o Centro Cultural Português de Mindelo e, ao seu lado, uma casa comercial chinesa. Passado e presente de uma história imperialista lado a lado. ....	105
Figura 15 - No letreiro da Loja Felicidade, na rua 5 de Julho, pode ser ver o aperto de duas mãos, cada uma delas simbolizando um dos parceiros comerciais com as suas respectivas bandeiras.....	113
Figura 16 - Loja de cosméticos Made in Brazil .....	119
Figura 17- Cremes para cabelo brasileiros em um quiosque da Praça Estrela.....	119

## Lista de tabelas

Tabela 1- Situação de jovens perante à vivência com os pais biológicos .....	58
Tabela 2 - População residente com 12 anos ou mais segundo grupos etários por sexo e estado civil – do documento Cabo Verde em Números.....	117
Tabela 3 - Peso máximo da bagagem de porão pela TACV .....	118
Tabela 4- Valor do excesso de bagagem pela TACV .....	118



## Lista de siglas

INE-CV – Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

MORABI - Associação Cabo-verdiana de Auto-Promoção da Mulher

OIM – Organização Internacional par as Migrações da Organização das Nações Unidas

OMCV – Organização das Mulheres de Cabo Verde

ONG – Organização Não-Governamental

PAICV – Partido Africano da Independência de Cabo Verde

PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

PIB – Produto Interno Bruto

TACV – Transportes Aéreos de Cabo Verde

TAP – Transportes Aéreos Portugueses

TCV – Televisão de Cabo Verde

UnB – Universidade de Brasília.

## Sumário

Agradecimentos.....	3
Índice de ilustrações.....	7
Lista de tabelas.....	7
Lista de siglas.....	8
Considerações iniciais.....	10
Capítulo 1 – O Atlântico como palco de múltiplas trocas.....	18
i. Cabo Verde.....	18
ii. O Porto Grande do Mindelo.....	23
iii. Mindelo: comércio e (é) arte.....	28
iv. <i>Rabidante</i> : uma categoria nativa?.....	32
Capítulo 2 – “A mulher cabo-verdiana tem mais espírito de luta”.....	41
i. Trajetórias comerciais.....	43
ii. Centralidade feminina na vida doméstica em Cabo Verde.....	47
iii. O papel das ONGs para o comércio em Mindelo.....	58
Capítulo 3 – Compra ali, vende aqui – o comércio transnacional em Mindelo.....	65
i. Fazer comércio dentro e fora de Mindelo.....	65
ii. A confluência das redes migratórias e os fluxos comerciais.....	71
iii. Brasil.....	77
iv. Funcionárias.....	82
v. Falar de dinheiro: um terreno inóspito.....	85
vi. Relação com os clientes.....	86
vii. E os homens comerciantes?.....	89
Considerações Finais.....	94
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	98
Epílogo: Mindelo na “Rota da Seda”.....	105
i. “Eles são universais, estão a invadir toda parte”.....	106
ii. Os sombrios acordos econômicos entre China e Cabo Verde.....	110
iii. Mindelo na rota da seda.....	114
ANEXO 1 – Estado civil da população residente em Cabo Verde com mais de 12 anos.....	116
Anexo 2 – Excesso de bagagem na TACV.....	118
Anexo 3 – Produtos brasileiros.....	119
Anexo 4.....	120

## Considerações iniciais

### Os percursos da pesquisa<sup>1</sup>

Cada pesquisa, não importa a área de conhecimento na qual ela está inserida, está dotada de uma história construída a partir da vida de quem a realiza. Logicamente, o meu caso não foge à regra. O percurso que deu origem a esse trabalho remonta ao primeiro semestre de 2016, quando, após já estar em contato com o campo da etnologia em contextos africanos, por meio de uma iniciação científica realizada com a professora Juliana Braz Dias, recebi o convite da professora Andréa Lobo para fazer parte de um segundo programa de Iniciação Científica, cujo tema inicial seria mulheres cabo-verdianas que, naquela altura, estavam presas por tráfico de drogas no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa, na região metropolitana de Fortaleza.

A ideia preliminar era fazer uma ponte entre as mulheres que estavam no Instituto Penal e suas famílias em Cabo Verde, na tentativa de compreender a concepção de cada um dos lados sobre o ocorrido. O foco se dava nesse tema pela convergência de duas situações: i) a utilização do Nordeste brasileiro, em especial das cidades de Fortaleza e Recife por causa dos voos diretos entre Brasil e Cabo Verde, como rota para o escoamento de drogas provenientes da Bolívia e da Colômbia – como cocaína e entorpecentes – para países da África e Europa; e ii) o não tão recente fluxo de mulheres cabo-verdianas quem vêm ao Brasil para comprar mercadorias industrializadas para revender em seu país natal.

Tudo caminhava para que a pesquisa se concretizasse. As negociações com a diretoria do Instituto Penal iam a todo vapor, até que uma notícia fez com que os planos tivessem que ser alterados: no mês de junho havia sido firmado um acordo de extradição das detentas entre os governos brasileiro e cabo-verdiano. Com essa reviravolta inesperada, tivemos que reestruturar o eixo da pesquisa. Para não perder o trabalho que já havia sido feito, decidi continuar estudando o fluxo comercial desenvolvido pelas mulheres cabo-verdianas, desta vez pela via das mercadorias “lícitas”. Agora que o foco estava fixado em Cabo Verde, comecei a me preparar para a empreitada que era realizar a minha primeira pesquisa de campo, que se daria em outro país.

---

<sup>1</sup> A pesquisa aqui apresentada contou com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, com projeto intitulado "Formas familiares em um mundo de mobilidades: gênero, infância, juventude e identidades em contextos migratórios".

Assim, parti para Cabo Verde na primeira quinzena de janeiro de 2017, tendo o meu campo sido realizado na ilha de São Vicente, em Mindelo, de onde retornei no início do mês de março, quando o semestre letivo na UnB começou.

### **Qual é o tema?**

O debate sobre fluxo de pessoas e objetos nas mais diversas direções vem ganhando cada vez mais espaço dentro da Antropologia nos últimos anos. Diversos estudos sobre e em Cabo Verde se inserem nesse eixo, uma vez que a história do arquipélago é, em síntese, a história dos fluxos atlânticos desde o final do século XV. Em um país em que a mão-de-obra é o principal item de “exportação”, sendo a emigração responsável por grande parte da intensa circulação de pessoas e coisas, o assunto permeia diversas discussões. Apesar da centralidade da emigração, outros fluxos acontecem, como o de produtos enviados pelos e para os parentes emigrados (Defreyne, 2016; Lobo, 2012), o de remessas de dinheiro por quem está no exterior (Braz Dias, 2000; Lobo, 2012) e o que compõe o tema deste trabalho, o de mulheres que vão para outros países comprar produtos que abastecerão o comércio cabo-verdiano.

As *rabidantes*, forma como esse grupo de mulheres é denominado na cidade da Praia, desenvolvem “redes de comércio transnacional” (Grassi, 2003, p. 78) a partir de Cabo Verde em direção aos mais diversos países na rota do Atlântico, sendo que alguns desses fluxos coincidem com os fluxos emigratórios. Embora haja homens exercendo esse trabalho, o comércio informal em Cabo Verde é composto majoritariamente por mulheres, que, no país, é justificado pela via de que “a mulher teria mais jeito para comércio” (Grassi, 2003), uma vez que em muitos casos ele está atrelado ao mundo doméstico, lugar de primazia das mulheres cabo-verdianas.

Muito embora o tema não seja exatamente novo, a continuidade e necessidade de manter o debate vivo se faz por dois motivos. O primeiro é atualizar os dados apresentados pelas pesquisas anteriores,<sup>2</sup> uma vez que os trabalhos mais recentes sobre o tema contaram com pesquisas de campo no início da década de 2010. A segunda razão para a pertinência do estudo da temática se dá pela escassez de trabalhos sobre comércio transnacional em Cabo Verde que tenha como *locus* qualquer uma das ilhas que não seja a ilha de Santiago, onde está localizada a capital do país.

---

<sup>2</sup> Ver Grassi, 2003; Lobo, 2013c; 2015a; 2015b; e Silva, 2012.

Dentro das extensas e altamente articuladas redes de comércio que elas tecem, a posição em que elas se encontram pode mudar. Isso se dá porque ora elas estão na posição de compradoras, ora na de vendedoras, mas em ambas elas se mostram como mestras na arte da pechincha. Toda a negociação que elas travam para diminuir o preço das compras e aumentar o da revenda é em prol da maximização dos seus lucros, embora elas devam ponderar o preço final para que seja possível conquistar os clientes.

A prática comercial desenvolvida por elas faz parte do que Ribeiro (2010) compreende como globalização econômica não-hegemônica, que, dentro do contexto mundial, é “formada por mercados populares e fluxos de comércio que são, em grande medida, animados por gente do povo e não por representantes das elites” (Ribeiro, 2010, p. 21). Mesmo que, em Mindelo, não exista um mercado popular que centralize o comércio como a Rua 25 de Março em São Paulo e o Mercado de Sucupira na cidade da Praia, as comerciantes mindelenses, mulheres de classes populares, são responsáveis pela inserção local de bens de consumo produzidos a nível global, que almejados pela população. Ainda, o fluxo comercial desenvolvido por elas é marcado pela categoria de “(i)lícito”, postulada por Ribeiro (2010), que compreenderia atividades vistas como lícitas pela sociedade, mas com práticas que correm no âmbito da ilegalidade.

Embora haja controle estatal sobre as ações que elas desempenham, este ainda é muito parco. Um bom exemplo para essa situação é que, mesmo elas sendo obrigadas a tirar o visto como comerciantes para poder entrar nos países de destino, elas não são entendidas pelos Estados-nação enquanto importadoras, seja em Cabo Verde ou nos demais países. Em Mindelo, a Câmara de Comércio do Barlavento,<sup>3</sup> responsável oficial pelo controle das importações na nas ilhas da região norte do país, não reconhecia como importação o processo desenvolvido pelas comerciantes transfronteiriças, apontando que os dados produzidos por eles englobavam apenas importações com grande dimensão. Em terras brasileiras, “a legislação não considera como exportação o ato do estrangeiro comprar produtos aqui e conduzir ele próprio para o exterior, situação que ocorre quando essas mulheres transportam, elas mesmas a mercadoria” (Silva, 2012, p. 98). Ainda no Brasil, a ilicitude<sup>4</sup> das atividades desempenhadas por elas se dá pela aquisição produtos em fábricas, quase que domésticas, nas periferias de Fortaleza e nos

---

<sup>3</sup> Atual Câmara de Comércio do Norte de Cabo Verde.

<sup>4</sup> Esta é definida pelo grau de regulamentação estatal ao qual está submetida. Para o autor, o legal e o ilegal agem mais como complementares do que como opostos, sendo a sua relação muito mais complexa do que aparenta (Ribeiro, 2010).

grandes conglomerados comerciais de São Paulo, assim como nas grandes feiras que acontecem nas duas cidades.

Embora as práticas comerciais que elas desenvolvem sejam de extrema importância para o mercado interno no país, sua movimentação econômica individual não é tão expressiva quanto a de grandes empresas importadoras que atuam no arquipélago. Assim, o Estado não as daria visibilidade nas estatísticas nacionais (Grassi, 2003; Silva, 2012). Essa situação, inserida em um contexto de globalização popular,<sup>5</sup> no qual as camadas populares tiram proveito dos fluxos de riqueza e “democratizam” o acesso aos bens, favorece a permanência da maioria das microempresas em Cabo Verde no âmbito da informalidade.

Por isso, é importante analisar o comércio informal muito menos pela ótica do desvio, mas como algo que garante o funcionamento do sistema capitalista, uma vez que é por meio dele que grande parte da população mundial tem acesso aos bens de consumo. Esse é o caso de Mindelo, visto que, ao transitarem entre a formalidade e a informalidade, as comerciantes caboverdianas possibilitam a conexão entre a cidade e importantes centros de comércio ao redor do mundo, possibilitando a chegada de produtos que estão fazendo sucesso no exterior.

A importância dos fluxos que elas tecem é crucial para o comércio mindelense, uma vez que elas estão inseridas em um meio com escassa produção industrial, demandando que se importe quase tudo que será consumido pela população. Por isso, mesmo que elas possam utilizar de meios que as livressem de taxações estatais, as práticas comerciais por elas desempenhadas são muito importantes para o comércio do país, que é marcado por uma série de práticas informais que o sustentam.

### **Sobre a pesquisa, seus limites e possibilidades**

Ao longo da minha pesquisa de campo em Mindelo, que teve caráter descritivo e exploratório, utilizei da observação participante para compreender, no primeiro momento, a dinâmica da vida comercial em Mindelo, uma vez que ela não conta com a presença de polos comerciais como na cidade da Praia. Após reconhecer o terreno, comecei a me apresentar às comerciantes, e, através de conversas cotidianas e entrevistas realizadas a partir de um questionário semiestruturado, pude, aos poucos, compreender as suas relações familiares e de

---

<sup>5</sup> Aqui, faço uso da compreensão de Pinheiro-Machado, na qual a globalização é entendida enquanto um sistema de “fluxo intenso e veloz no qual circulam mercadorias, informações, imagens e pessoas em níveis transnacionais” (2005, p. 127).

trabalho, acompanhando a rotina de suas lojas. Assim, pude construir a trajetória de vida dessas mulheres, que permeará toda a monografia.

Para além das comerciantes, busquei órgãos que estavam relacionados de algum modo ao trabalho por elas desempenhado, como as ONGs – MORABI e OMCV –, a alfândega e a Câmara de Comércio do Barlavento, embora a entrada nas organizações governamentais tenha sido extremamente difícil. Por outro lado, nas ONGs pude acompanhar um pouco mais do trabalho por elas desempenhado em prol da promoção da igualdade de gênero. Na MORABI, tive o privilégio de poder acompanhar formações<sup>6</sup> e o dia-a-dia do expediente das funcionárias de lá, que trabalhavam diretamente com o fornecimento de microcrédito às comerciantes transnacionais, o que facilitou a minha aproximação com algumas delas.

Na impossibilidade de retornar para realizar uma segunda fase do campo, fiz uso das redes sociais, como o Facebook, para continuar acompanhando a rotina das minhas interlocutoras, mesmo que a mais de 4 mil quilômetros de distância, embora saiba das restrições que esse tipo de ferramenta possui.

Contudo, nem todas as interações foram totalmente proveitosas. Isso porque falar de negócios com um completo desconhecido é uma situação complicada. Esse fator é comum em pesquisas que cujo foco envolva comércio, feiras e afins. No meu caso, esse obstáculo se deu de duas formas. A primeira era quando as comerciantes não se disponibilizavam para conversar comigo após eu explicar o tema da minha pesquisa. Com receio de que eu pudesse ser algum agente do Estado coletando informações sobre o comércio, algumas mulheres se recusaram a dar informações que poderiam, de alguma forma, ser utilizadas contra elas.

A segunda aparecia sempre que eu começava a perguntar sobre lucros. Sabendo que esse era um campo dotado de grande sensibilidade, costumei deixá-lo sempre ao final das conversas, porque, a depender da reação das minhas interlocutoras, eu poderia finalizar o bate-papo sem nenhum prejuízo às demais informações que eu deveria coletar. Por esse motivo, informações referentes ao lucro mensal serão escassas nesse trabalho, assim como outras informações sobre o controle financeiro das boutiques, uma vez que as comerciantes sempre apresentavam alguma justificativa que me impedia de ter acesso aos documentos.

Essa dificuldade para se falar de finanças parece ser comum em trabalhos com este cenário. Geertz (1978), por exemplo, ao falar da economia das feiras, faz referência à forte desconfiança que os comerciantes têm uns para com os outros, o que só permite a construção

---

<sup>6</sup> Formações são cursos oferecidos pela MORABI para aprimorar qualidades como empreendedorismo, gestão de negócios e outras.

de redes de apoio entre pouquíssimos deles, tendo em vista que os comerciantes são potenciais adversários, a não ser que eles vendam produtos distintos, como é o caso apontado por Rosana Pinheiro (2005) em sua etnografia sobre camelôs em Porto Alegre.

Mesmo que tenha sido um problema de pequena escala, o relativo desconhecimento que as minhas interlocutoras possuíam sobre antropologia, geralmente associado ao campo da antropologia física ou biológica, foi um elemento que aguçava sua desconfiança, uma vez que elas não acreditavam ser possível estudar práticas comerciais em uma disciplina voltada para a evolução física da humanidade. Ainda, um fator que causou surpresa em algumas das minhas interlocutoras era o fato de eu ser muito jovem para o que elas esperavam de um pesquisador. As caras de espanto eram frequentes quando elas me encontravam pela primeira vez após realizar contato por telefone, que sempre eram seguidas por frases como “nossa, eu esperava que você fosse bem mais velho”.

Todavia, nem só de empecilhos é construída uma pesquisa. Em Mindelo, um fator foi crucial para que eu conseguisse dar prosseguimento ao meu trabalho de campo, o fato de eu ser brasileiro.<sup>7</sup> Sempre que eu mencionava a minha nacionalidade, a *morabeza*<sup>8</sup> dos cabo-verdianos crescia ainda mais, visto que eles viam os dois países enquanto nações irmãs, devido à semelhança no processo de colonização portuguesa, e ao fato de que a formação dos dois países se deu de forma muito parecida, a partir da união de europeus e africanos para os dois casos, além de indígenas no Brasil. Ainda, outro fator facilitou a minha inserção em campo. Como muitos cabo-verdianos vêm para o Brasil a fim de cursar o ensino superior, muitas foram as pessoas que conversaram comigo e me trataram extremamente bem – e até me deram presentinhos – como forma de retribuir o tratamento que os seus parentes que cá estiveram receberam. Como será possível ver ao logo do trabalho, as dificuldades foram superadas pela hospitalidade que encontrei nas minhas interlocutoras, que possibilitam a existência desse trabalho.

### ***A estrutura do trabalho***

Como já exposto, o presente estudo etnográfico visa analisar e compreender as dinâmicas comerciais transnacionais e familiares desenvolvidas pelas mulheres cabo-verdianas

---

<sup>7</sup> No artigo “Brazil and Cape Verde, Musical Connections”, Juliana Braz Dias (2011) explora com maior precisão a relação de proximidade construída pelos cabo-verdianos sobre os dois países.

<sup>8</sup> A *morabeza*, uma daquelas palavras de difícil tradução, seria a amabilidade e simpatia características do povo cabo-verdiano.



residentes na ilha de São Vicente. Para melhor compreensão, o trabalho estará dividido em duas partes: a primeira caracterizada pelo foco nas práticas comerciais locais, e a segunda dedicada aos fluxos internacionais que desembocam na cidade de Mindelo.

Embora as etnografias existentes acerca dessa prática comercial denominem essas mulheres que comprem produtos industrializados em outros países para revender em Cabo Verde como *rabidantes*, evitarei a utilização do termo visto a parca aplicabilidade dele no contexto mindelense, temática que será desenvolvida no primeiro capítulo. Ainda no mesmo capítulo pretendo realizar um apanhado histórico sobre a relação entre a vida comercial e a estruturação de Mindelo, partindo da importância do Porto Grande para a consolidação das práticas comerciais e da vida na cidade.

No capítulo seguinte, tratarei da importância desta atividade econômica para o grupo familiar das comerciantes, pontuando as justificativas apresentadas pelas comerciantes para explicar sua inserção ou opção pela vida comercial. Para isso, farei uso da extensa bibliografia sobre o arquipélago que versa sobre a centralidade feminina no âmbito doméstico, refletindo sobre a aplicabilidade dessa noção para o jogo comercial. Também, faz-se necessário abordar as concepções de chefia de família e de *pai-de-filho*, categorias centrais no entendimento da agência da herança patriarcal na sociedade cabo-verdiana, assim como das performances de masculinidade e feminilidade. Nesse contexto de acentuadas desigualdades entre homens e mulheres, apresentarei a importância de ONGs como a MORABI e a OMCV na concessão de microcrédito, que muitas vezes garante a entrada e a permanência dessas mulheres no comércio.

No terceiro capítulo, abordarei as práticas comerciais realizadas pelas comerciantes, tais como os países frequentados por elas e facilidades no acesso em cada localidade onde elas realizam compras, seja por via da língua ou dos fluxos migratórios. Abordarei também os problemas com as companhias aéreas e o papel das recentes crises econômicas, em especial em Portugal e no Brasil, para a (des) continuidade de fluxos comerciais também serão temas desse capítulo. A conquista da fidelidade dos clientes é outro ponto de extrema importância ao discorrer sobre a fluidez entre a formalidade e a informalidade do comércio mindelense, que pode se desdobrar em frequentes golpes e calotes dos consumidores.

Como a confluência das redes migratórias<sup>9</sup> com os destinos de viagem das comerciantes foi uma constante ao longo das conversas, discorrerei sobre o tema, dando conta, também, da

---

<sup>9</sup> As redes sociais, que podem ser internas ou internacionais, podem determinar para onde as pessoas irão por estarem intimamente relacionadas ao âmbito do parentesco, mas não exclusivamente a ele. São elas que garantem a inserção e estabilidade dos novos agentes dentro dos grupos transnacionais e país de destino (Pedone, 2004), (Gurak y Caces 1998), (Boyd 1989).

necessidade de ter um lugar garantido para ficar enquanto elas fazem compras e do envio de *bidões*, tambores que são enviados pelos parentes emigrados com presentes e produtos que podem ser revendidos.

Por fim, em forma de epílogo, viso discutir a possibilidade de uma nova prática que vem ganhando cada vez mais força dentro dos contextos africanos: a expansão comercial chinesa. Mesmo não sendo o foco do trabalho, creio que esse debate é crucial para entender parcialmente as dinâmicas nas vendas e as inúmeras dificuldades que as comerciantes mencionam. Ainda, questionarei a veracidade dos rumores que rodeiam os diversos acordos econômicos entre os dois países e o impacto deles para os locais.

Realizados esses apontamentos iniciais, entremos no instigante mundo das comerciantes transnacionais cabo-verdianas.

## Capítulo 1 – O Atlântico como palco de múltiplas trocas<sup>10</sup>

Neste capítulo traçarei os contextos histórico e socioeconômico da localidade/comunidade estudada – a cidade de Mindelo, na ilha de São Vicente, Cabo Verde. Não o faço meramente com o intuito de contextualizar, mas por me parecer impossível reconstruir a formação de Cabo Verde sem trazer à tona os diversos fluxos comerciais que perpassaram e deram vida ao arquipélago no decorrer dos últimos seis séculos, sendo o comércio um dos possíveis fios condutores para construção da história do arquipélago.

Portanto, percorrerei o trajeto iniciando do macro, apresentado Cabo Verde a partir do seu descobrimento, para chegar à recente construção do Estado-Nação no ano de 1975. Posteriormente exploro o aspecto mais micro na cidade de Mindelo, capital da ilha de São Vicente. Todo o caminho traçado mostrar-se-á importante para compreensão do fenômeno tratado ao longo deste trabalho: os fluxos comerciais transnacionais desempenhados por mulheres cabo-verdianas – as *rabidantes*.

Por fim, buscarei analisar a categoria *rabidante* a partir de duas óticas: a apresentada nas etnografias existentes realizadas no contexto cabo-verdiano e a percebida no decorrer do trabalho de campo, na tentativa de compreender a aplicabilidade – ou não – do conceito em Mindelo, além de traçar hipóteses que possam explicar o entendimento do termo dentre as mulheres com quem dialoguei ao longo da pesquisa de campo. Tendo em vista que Correia e Silva define as cidades cabo-verdianas enquanto “espaços especializados na área de circulação e troca, (...)onde tudo se troca, gira e circula” (1995, p. 159), tentarei apresentar ao leitor a importância do comércio no contexto cabo-verdiano ao longo de sua história e como ele se dá hoje.

### i. Cabo Verde

Cabo Verde é um arquipélago à aproximadamente 570 km da costa oeste do continente africano, na altura do norte do Senegal e do sul da Mauritânia, composto por 8 ilhéus e 10 ilhas, das quais apenas uma - Santa Luzia - não é habitada. Mesmo pequeno, o arquipélago está dividido em dois conjuntos de ilhas que se agrupam em decorrência das correntes de vento da região: as ilhas do Barlavento, localizadas ao norte - Boa Vista, Sal, Santo Antão, Santa Luzia,

---

<sup>10</sup> Título inspirado no trecho de Braz Dias “Tudo isso tendo o Atlântico como palco para a realização dessas múltiplas trocas” (2004, p. 96).

São Nicolau e São Vicente - e as ilhas do Sotavento, ao sul - Brava, Fogo, Maio e Santiago, onde está a capital política do país, Praia.

Descobertas em 1460 pelos portugueses sem sinal de ocupação humana anterior, as ilhas foram diretamente impactadas pelo apogeu e declínio dos ciclos produtivos de Portugal e dos demais territórios que estavam sob seu domínio colonial. Assim, a sociedade cabo-verdiana, assim como a maior parte dos territórios colonizados por Portugal, se fundou na estrutura escravocrata. Devido à fraca capacidade de produção agrícola se comparada às demais colônias, como Brasil e São Tomé e Príncipe, e a centralidade das ilhas no fluxo Atlântico, o comércio mostrou-se como principal gerador de capital econômico, sendo o tráfico de africanos escravizados a maior fonte de lucros do arquipélago nos primeiros séculos do período colonial. Foi também o tráfico negroiro que possibilitou que a sociedade que ali surgira se mantivesse em pé nos intensos períodos de seca que avassalaram a região.

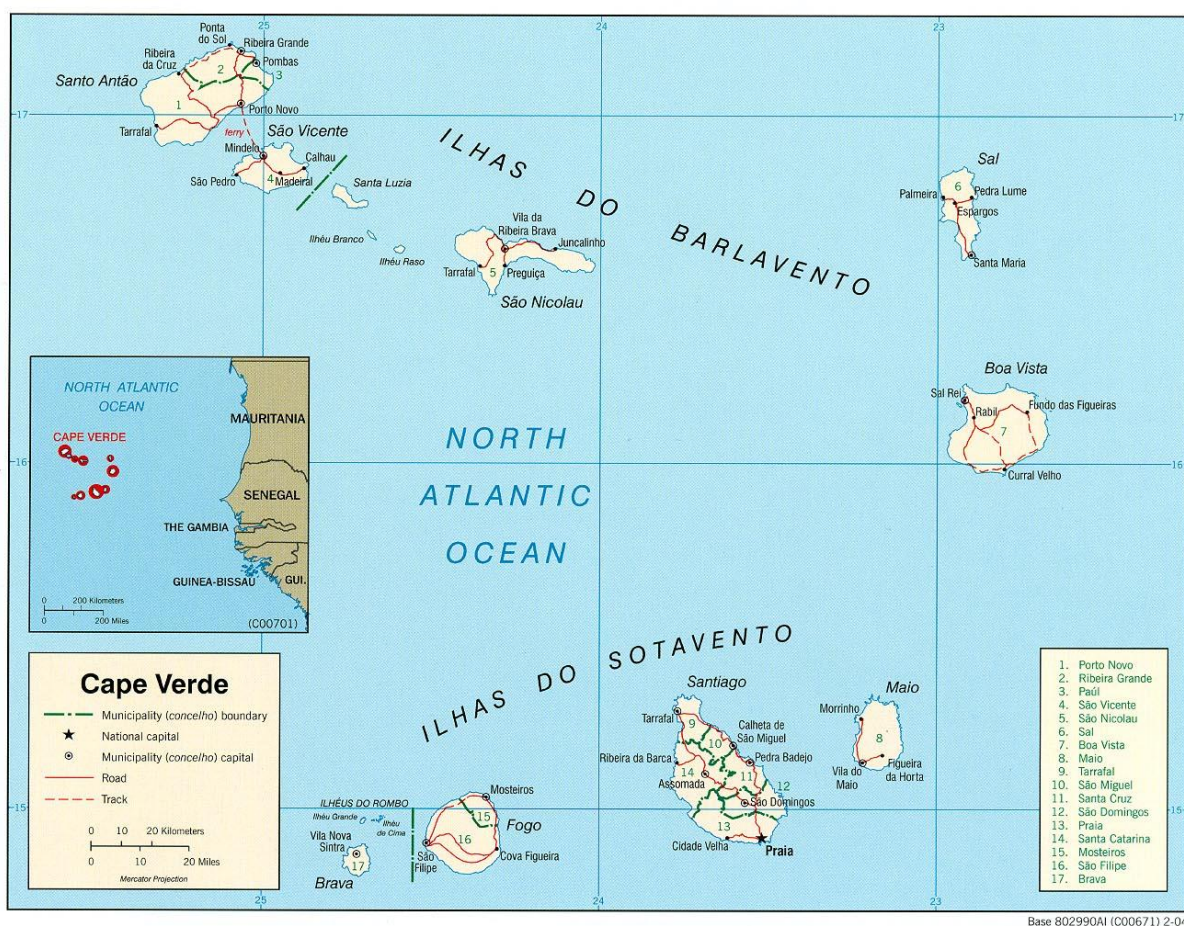


Figura 1- Mapa político de Cabo Verde<sup>11</sup>

<sup>11</sup> [http://www.lib.utexas.edu/maps/africa/cape\\_verde\\_pol\\_2004.jpg](http://www.lib.utexas.edu/maps/africa/cape_verde_pol_2004.jpg) acesso em 28 de março de 2017.

Ainda, as ilhas de Cabo Verde tiveram importância para a metrópole portuguesa devido à intensa movimentação marítima de barcos que vinham da (ou iam para) costa oeste do continente africano, que paravam nas ilhas para reabastecer, dando a Cabo Verde o papel de entreposto comercial colonial. Do encontro – nem sempre tão pacífico e amistoso como a historiografia tradicional propõe – entre portugueses e africanos da costa oeste, fundou-se a sociedade crioula<sup>12</sup> cabo-verdiana a partir da união (e/ou abuso) sexual de “homens senhores brancos com mulheres escravas negras” (Fortes, 2015, p. 101), dando origem à sociedade mestiça que adotou esta característica enquanto símbolo nacional.

Contudo, no momento inicial, a coroa portuguesa pouco deu atenção para o arquipélago. Foi a proximidade com os rios da Guiné que possibilitou o primeiro movimento de povoamento de algumas ilhas, já que, em 1466, foi permitido aos residentes de Santiago realizar comércio entre a população costeira e ribeirinha da costa ocidental da África e a Europa, fluxo este que era ilegal se realizado sem autorização governamental. Aos aventureiros portugueses, os primeiros a traçarem essa rota, cunhou-se o nome *lançados*, porque “eles se lançavam entre os africanos”<sup>13</sup> (Brooks Jr., 1976, p. 19). Esse sistema de trocas entre os *lançados* e as *signares*, importantes mulheres comerciantes da costa noroeste africana com que eles mantinham acordos comerciais, não se restringiu ao comércio, incluindo também intercursos sexuais, gerando os *filhos-da-terra*, como eram chamados os frutos dessas uniões que formariam uma elite crioula em Cabo Verde (Brooks Jr., 1976).

Obviamente, a concessão do controle e redução dos impostos sob o comércio afro-europeu para os habitantes de Santiago não foi uma mera casualidade, tendo em vista que a ilha representava um porto seguro para as trocas comerciais pela baixa probabilidade de ocorrerem revoltas ou saques contra os comerciantes europeus (Lobo, 2015c). Dadas essas características, pode-se perceber a diferença no tratamento que o arquipélago recebeu frente às demais colônias africanas, tendo em vista que esta não era tida como uma colônia de exploração, uma vez que o sistema de *plantations* não vingou como nas demais colônias portuguesas e, assim, alicerçou-se em outras bases econômicas, como o já dito comércio. Vale ressaltar que de Cabo Verde saíram agentes do governo colonial que controlavam os demais territórios além mar.

A não implantação do sistema de *plantations* em Cabo Verde, característica principal do modelo português de colonização, se deu por causa das secas cíclicas que assolavam (e ainda

---

<sup>12</sup> Trajano Filho apresenta enquanto crioula o processo – ou resultado do processo – de “interpenetração das sociedades e culturas” (2005, p. 3) que vem acontecendo desde o final do século XV. No caso cabo-verdiano, o termo crioulo também pode ser usado como sinônimo do gentílico de quem é nascido em Cabo Verde.

<sup>13</sup> Tradução do autor. No original, “termed *lançados* because ‘they threw themselves’ among africans”.

assolam) a então colônia portuguesa, fazendo com que o desenvolvimento das ilhas seguisse um rumo distinto tal qual em outras colônias portuguesas, já que as estações de seca geravam intensos períodos de fome e, em conjunto a outros fatores, o aumento da criminalidade e do banditismo. Devido à baixa produtividade agrícola do arquipélago, a atenção dada pelo império português era mais escassa (Correia e Silva, 1996).

Não obstante, é inegável que o valor que foi atribuído às ilhas de Cabo Verde ao longo da história estava intrinsecamente associado à sua posição geográfica estratégica marcada pela insularidade, que possibilita, assim como apresentado, a triangulação entre os três continentes banhados pelo Atlântico – África, América e Europa –, sendo ponto central na rota transatlântica do tráfico negreiro por ser “último ponto de parada possível na rota entre Europa e América do Sul” (Braz Dias, 2004, p. 96). Embora o valor geoestratégico do arquipélago tenha sofrido mudanças ao longo de sua história, sua centralidade geográfica tornou-se parte da identidade do país (Monteiro, 2015).

Seus portos foram cruciais para o fortalecimento das redes comerciais coloniais entre os séculos XVI e XVIII. Contudo, a administração portuguesa, que, na tentativa de maximizar cada vez mais o lucro com os impostos em cima das atividades portuárias no arquipélago, acabou encarecendo os custos para as empresas de transporte marítimo, que, ao final do século XVIII, começaram a buscar outras alternativas, como portos nos demais arquipélagos da Macaronésia<sup>14</sup> e na costa noroeste da África (Correia e Silva, 1996).

Além da estratégica posição geográfica, outra característica que sofreu variações de valor no decorrer da história de Cabo Verde foi a sua condição climática, que ora era vista de bom tom – como no recente *boom* turístico – e ora como o maior problema do país, pela ocorrência de períodos intensos de seca que dizimaram a população do arquipélago, especialmente nas ilhas mais áridas, como Boa Vista, Sal e São Vicente. Lobo (2015c) diz que “na condição de um país inserido geograficamente na zona do sahel, Cabo Verde confronta-se com um clima sujeito a secas frequentes, com grandes repercussões na produção de alimentos” (p. 140). Quando os portugueses visavam incentivar o povoamento, as terras eram lidas como lugar onde tudo que se planta cresce, já quando a utilidade das ilhas estava em baixa para a metrópole, a aridez da terra e a escassez de água eram sempre lembradas (Lobo, 2015c).

Embora essas duas concepções pareçam excludentes, elas se colocam dentro de um contexto de pluralidade ecológica. Trajano Filho observa que

a sociedade crioula que se desenvolveu em Cabo Verde se caracteriza por uma grande variabilidade cultural e social. As relações com o meio ambiente variam segundo a

---

<sup>14</sup> Nome dado ao conjunto formado pelos arquipélagos de Açores, Cabo Verde, Canárias e Madeira.

topografia e outras características físicas das ilhas. Os padrões de exploração do território, as formas de organização econômica, os modos de sociabilidade e até mesmo o crioulo falado no país são diferenciados segundo as circunstâncias históricas de ocupação do espaço. Por isso é importante especificar de onde se fala quando se trata de Cabo Verde” (TRAJANO, 2005, p.2).

Portanto, deve-se olhar para cada uma das ilhas para, assim, compreender as suas particularidades e o seu percurso histórico.

As ilhas foram ganhando atenção do governo nacional a partir do processo em que cada uma demonstrou sua importância econômica para integrar o local ao âmbito internacional. Santa Luzia, por exemplo, segue desabitada. Quase foi o mesmo destino de ilhas como Sal e Boa Vista. A última por causa de suas dunas, foi renegada pela população, recebendo comentários jocosos durante o século XX de que era melhor transferir os seus habitantes para Santiago e vendê-la para os russos (Lobo, 2015c). Contudo, ao final da década de 90, as ilhas são notadas como potenciais polos turísticos<sup>15</sup> e passam a receber maior atenção do estado cabo-verdiano, o que pode expressar uma mudança relativa na geopolítica local. A inserção do arquipélago nas rotas de turistas europeus, asiáticos e estadunidenses ocorre por Cabo Verde por ser uma África que não é totalmente África,<sup>16</sup> mas onde pode-se encontrar um pouco do que se estereotipou chamar “cultura africana”. Além disso, pelo país ser politicamente estável, com praias belíssimas e população instruída aberta aos viajantes, acaba por atrair um tipo de turista que deseja passar lá as férias (Lobo, 2015c).

Ainda, a ilha de Santiago e as demais do Sotavento – Brava, Fogo e Maio – formam um ciclo de apoio, centrado na primeira, contando com um intenso fluxo de bens e pessoas, já que Santiago é a ilha mais populosa do arquipélago, abrangendo aproximadamente metade da população de Cabo Verde. Pela sua proximidade com a costa da África, foi desde o início do povoamento o principal ponto de contato entre as civilizações que praticavam comércio no Atlântico. A ilha do Fogo é a única com um vulcão ativo, onde, em seu fértil solo, são plantadas vinheiras para produção do famoso vinho *Manecom*.

Podemos compreender a quadra Santa Luzia, Santo Antão, São Nicolau e São Vicente enquanto um grupo coeso assim como o anterior, embora a primeira não seja habitada. São Vicente seria o principal centro administrativo e única ilha que conta atualmente com aeroporto, enquanto Santo Antão e São Nicolau caracterizam-se por serem mais agrárias e terem tido

---

<sup>15</sup> As ilhas de Cabo Verde vêm ganhando destaque nas rotas turísticas por serem uma África não totalmente África, mas onde pode-se encontrar um pouco do que estereotipou enquanto “cultura africana”. Além disso, o país é politicamente estável, com praias belíssimas e população instruída aberta aos viajantes (Lobo, 2015c).

<sup>16</sup> Sobre esse tema ver Anjos, 2002; Furtado, 1997; Trajano, 2014.

processos de ocupação mais eficientes que o de São Vicente, que ocorreu majoritariamente por migrantes que vieram dessas duas ilhas no período de opulência do Porto Grande.

É através desse olhar que particulariza a realidade de cada ilha que poderemos, ainda, entender muitas das disputas internas ao país, como o embate entre Barlavento e Sotavento, personificado nas ilhas de São Vicente e Santiago. Muito embora esta não seja a única rixa presente no país<sup>17</sup>, ela foi a que mais chamou atenção durante minha estadia. Em São Vicente, foram inúmeras as vezes que eu ouvi sobre a disputa entre Mindelo e Praia, como durante um pré-carnaval realizado pela escola de samba Monte Sossego, que dizia “*Bô<sup>18</sup> é capital, bô é capital cultural*”.

Embora a cidade da Praia seja a capital do arquipélago, esse título foi reivindicado por Mindelo no período de apogeu econômico de São Vicente, já que havia maior circulação financeira e de pessoas, contando com diversas representações consulares (Braz Dias, 2004). Como a troca não ocorreu, os habitantes da ilha a intitularam enquanto capital cultural do arquipélago, graças à intensa e diversa vida artística da cidade, local de maturação da Morna,<sup>19</sup> um dos principais estilos musicais do país, eternizado na voz de Cesária Évora.

Berço de grandes expoentes da música e literatura, São Vicente tenta se distanciar e/ou diferenciar da rival através de sua suposta maior aptidão à vida cultural, mas cuja disputa mostra-se mais complexa. A disputa pelo reconhecimento, maior atenção e mais foco nas políticas públicas de São Vicente respinga, inclusive, no processo de formalização do ALUPEC – Alfabeto Unificado para a Escrita da Língua Cabo-verdiana (o Crioulo) – enquanto a língua oficial de Cabo Verde, ao lado do português. Isso porque julgava-se que o projeto visava oficializar o crioulo falado em Santiago, o que afirmaram que prejudicaria os habitantes das demais ilhas, que possuem outras variantes do crioulo.

Para compreender um pouco mais da história de São Vicente e o que possibilitou essa demanda por valorização e reconhecimento frente à capital, sigamos para o próximo ponto.

## ii. O Porto Grande do Mindelo

A ilha de São Vicente é constituída por Mindelo – sede do poder político-administrativo –, e outras vilas, tais como Salamansa, Calhau, São Pedro, Baía das Gatas e Madeiral. É a

---

<sup>17</sup> Principalmente entres os jovens, foi comum ver disputadas construídas através de piadas sobre uma pretensa inferioridade de Santo Antão em comparação a Mindelo, embora sempre fosse pautado que tudo não se passava de brincadeira, que as duas eram ilhas irmãs.

<sup>18</sup> “Você é a capital, você é a capital cultural” (tradução minha)

<sup>19</sup> Para mais informações sobre a história da Morna, ler Dias (2004).



segunda ilha mais populosa do arquipélago, contando com pouco mais de 75 mil habitantes, embora tenha sido a última das ilhas de Cabo Verde a passar por um processo de povoamento eficaz.

A história de São Vicente tende a ganhar mais atenção na segunda metade do século XIX. Isto se dá não apenas pela proximidade temporal que permite maior conservação e produção dos registros historiográficos, mas por causa da construção do Porto Grande em sua baía, localizada no canal que conecta a ilha à Santo Antão. Por esse motivo, é impossível traçar a história de Mindelo sem também retratar a trajetória do Porto Grande, já que uma é complementar a outra. Esse vínculo entre os dois é tão forte que, segundo Almeida (2014), se não fosse pela sua baía propícia à construção de um porto, muito provavelmente São Vicente teria o mesmo futuro que Santa Luzia, tendo em vista as tentativas posteriores de povoar a ilha através da agricultura que falharam miseravelmente, além de as atividades portuárias terem marcado o primeiro dos três ciclos econômicos de São Vicente a serem abordados neste tópico.

O descaso da metrópole com o arquipélago era tão grande que até hoje é possível perceber a forte influência inglesa ocorrida no período áureo do Porto Grande, especialmente na estrutura das casas com telhado inclinado contra acúmulo de neve – embora este evento climático não seja rotineiro nas ilhas do arquipélago – e em alguns vocábulos presentes na variante do crioulo mindelense. Somente com o avanço marítimo das outras nações europeias ao final do século XVIII que surgiu o interesse português em povoar as ilhas de Cabo Verde, em especial as do barlavento. Contudo, nessa altura, o povoamento da ilha de São Vicente foi impedido pelo forte período de estiagem que assolou a região, combinado com a corrente de vento desértica que atravessa aquela área – a “bruma seca” do Saara.

Em sua segunda tentativa de povoamento, na década de 1820, a aldeota da ilha de São Vicente passa de pouco mais de 100 habitantes para quase 300, sendo nomeada Povoação Leopoldina, agraciada pelo rápido fim da seca na região, que voltaria a ocorrer em 1831/32, dizimando, mais uma vez, parte da pobre população que ali vivia. Nesse período, muitos advogavam pela mudança da capital para São Vicente, já que o fluxo econômico circulava pelo Porto Grande. Contudo, a baixa qualidade da terra e a necessidade de importar tudo que lá fosse consumido, mesmo que fosse de Santo Antão, tornou-se um empecilho frente ao poderio agrícola de Santiago (cf. Almeida, 2014).

Com a chegada da Royal Mail, serviço postal do Reino Unido, com seus depósitos de combustível no Porto Grande, em 1850, fez-se necessária a abertura de uma alfândega, e, em 1852, São Vicente é desanexada de Santo Antão, tornando-se um concelho independente. Com

isso, tem início o que Almeida (2014, p. 20) denomina “tempos áureos de Mindelo”, que foram marcados, também, pelo fim da escravatura, em 10 de março de 1857, provavelmente por pressão dos ingleses que começavam a se estabelecer na ilha. No ano seguinte, Mindelo era elevada à categoria de vila, cuja população chegava a 1400 habitantes (cf. Almeida, 2014).

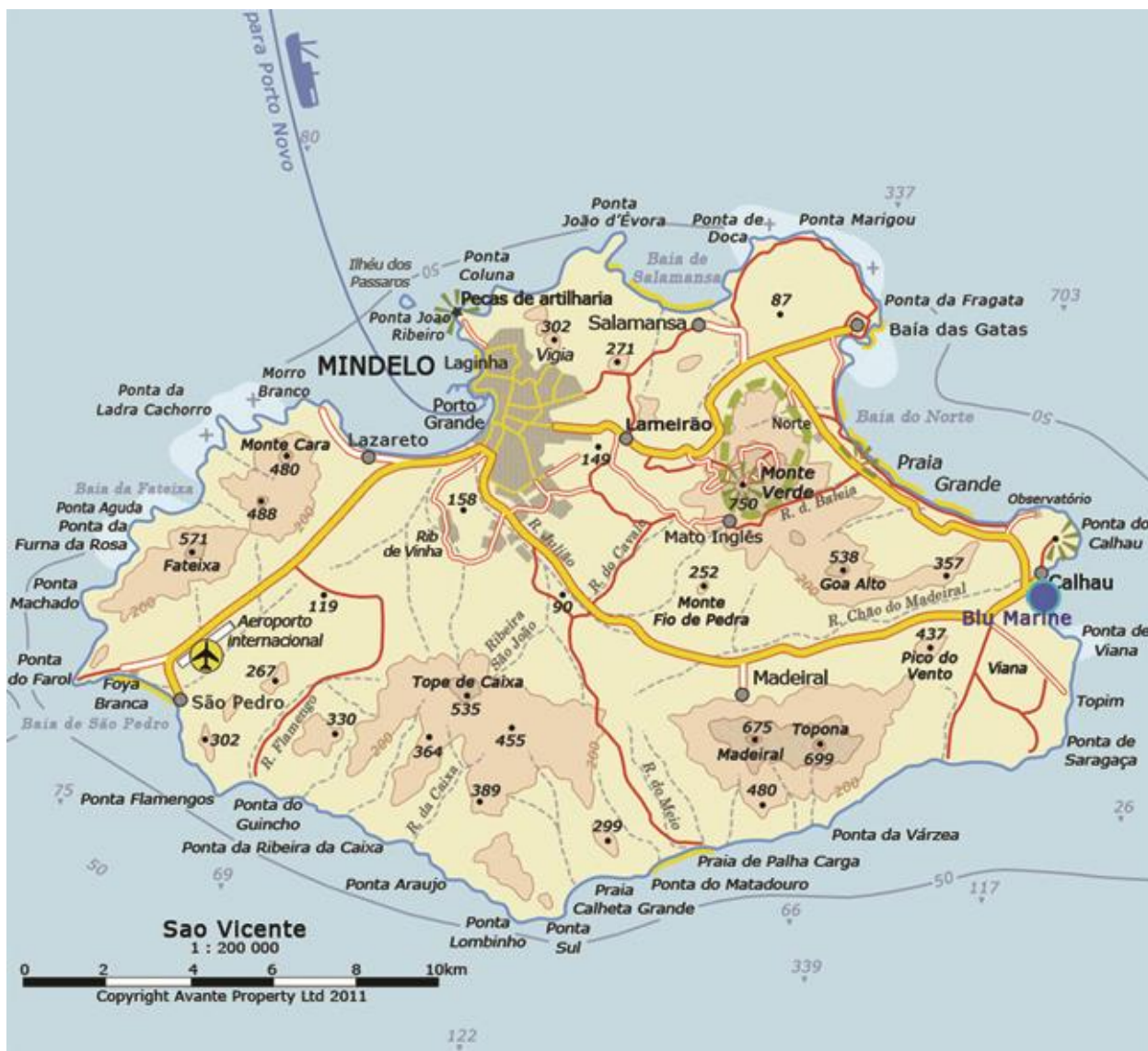


Figura 2 - Mapa da ilha de São Vicente<sup>20</sup>

Devido aos fatos, os progressos na ilha tornaram-se inevitáveis. Em 1870 teve início a canalização da água das nascentes do Madeiral e Madeiralzinho, a fim de reduzir a importação e dependência de água que a ilha possuía com Santo Antão. Quatro anos depois chega o primeiro cabo submarino que ligou a ilha aos continentes europeu e americano e, por causa da

<sup>20</sup> <http://gotravelaz.com/sao-vicente/> acesso em 28 de março de 2017.

chegada da Cory Brothers & C<sup>a</sup>, companhia de transportes marítimos, no Porto Grande em 1875, Mindelo torna-se “o maior porto carvoeiro no médio Atlântico” (Almeida, 2014, p. 23).

Em 1879, graças à atividade do Porto Grande e contando com 3300 habitantes, “27 ruas, uma praça, 5 largos, 2 travessas, um beco e 2 pátios, quase todas calçadas e arborizadas e iluminadas por um total de 120 candeeiros de petróleo” (Almeida, 2014, p. 23), Mindelo foi elevada ao grau de cidade. O período de opulência na ilha não significou riqueza para todos, já que a maior parte da população vivia nos limites da miséria, tendo apenas o suficiente para se alimentar.

Contudo, os anos de decadência retornaram com a mesma velocidade com que chegaram. Ao final dos anos 1880, a demanda de trabalho e reabastecimento reduz drasticamente no Porto Grande, principalmente por causa das disputas entre Portugal e Inglaterra na corrida territorial do neocolonialismo e pelos elevados impostos cobrados pela ambiciosa coroa portuguesa, gerando carência de gêneros alimentícios. Os anos que sucederam a instauração da República em Portugal, em 1910, também não foram nada bons para ilha, já que foram marcados pela decadência do Porto Grande visto a concorrência com outros portos na costa oeste do continente africano, como o de Dakar e Canárias, além do aumento no preço do carvão e outras taxas alfandegárias (Braz Dias, 2004, p. 108).

Almeida (2014) explicita bem a intensidade da miséria que assolou a ilha naquele período ao dizer que

Marx bem que poderia ter estado a pensar nesta cidade quando escreveu acerca dos proletários que nada têm a perder e um mundo inteiro a ganhar, com a diferença de que este povo sabe que não tem mais nada a ganhar para além do que consegue para o seu passado diário (p. 47).

Em 1917 o fluxo migratório do arquipélago volta para Mindelo com a inauguração do Liceu Nacional Infante D. Henrique, que passou a receber os filhos das famílias de melhor condição financeira da ilha. Contudo, o cenário internacional continua desfavorecendo as atividades do Porto, como o bloqueio alemão à Mindelo durante a Primeira Guerra Mundial, a Grande Depressão na década de 30, a Segunda Guerra Mundial que se seguiu e, paralelo a esses acontecimentos, as constantes inovações tecnológicas, como a substituição do carvão por petróleo. Todos esses acontecimentos contribuíram com o agravamento do desemprego no país, consolidado pela saída das empresas britânicas do Porto Grande.

É ao longo da segunda metade do século XX que o fluxo emigratório para países da Europa e América começa a ganhar mais intensidade, tendo sido impulsionado por três razões: o fluxo naval que percorria anualmente a cidade, possibilitando o recrutamento de cabo-

verdianos para trabalhar nos navios, a falta de trabalho no país e a promessa de prosperidade no estrangeiro.

Em Cabo Verde, aproximadamente metade da população encontra-se fora e parcela considerável do PIB advém das remessas monetárias que os emigrados enviam. Por isso, esta dinâmica econômica apresentou-se como o segundo ciclo econômico da ilha, tendo em vista que qualquer pessoa que você conversar com te dirá que ela possui um parente no exterior. Em 2008, último ano abrangido pelo relatório Migração em Cabo Verde - Perfil Nacional de 2009 (Organização Internacional das Migrações, 2010), as remessas de emigrantes para o país representaram 10 bilhões de escudos a mais circulando na economia do país, advindos dos mais de 518.180 emigrados, número contabilizado em 1998<sup>21</sup>. Aprofundar-me-ei nas especificidades do fluxo emigratório da ilha de São Vicente ao longo do capítulo 3, visto que o debate acerca da importância das migrações está intrinsecamente conectado ao fluxo comercial das famílias mindelenses.

O ciclo econômico dos “novos tempos”, como apresenta Lobo (2012b, p. 213), é o do turismo, que, concomitantemente ao segundo, vem gerando bons frutos para a economia cabo-verdiana. Não pude deixar de observar, ao longo de minha estadia em Mindelo, os vários cruzeiros que aportaram em terras sanvicentinas com turistas europeus, estadunidenses, chineses e outros, quase que diariamente. Esse ciclo, como afirma a autora para o caso da Boa Vista, não dinamiza apenas a vida dos locais com a criação de novos empregos, como também atrai pessoas de outras ilhas – e até de outros países, como Senegal e Guiné, os chamados *mandjacos*<sup>22</sup>, que veem em Cabo Verde a chance de uma vida melhor.

Não apenas os *mandjacos* enxergam na ascensão do turismo em Cabo Verde a possibilidade de ampliar sua renda, embora sejam estes que sofram com os casos de xenofobia no país,<sup>23</sup> mas também os europeus, principalmente portugueses, italianos e franceses, que chegam nas ilhas a fim de investir resorts, hotéis, pousadas, restaurantes e outras estruturas que auxiliam na recepção dos turistas.

Além dos eixos supracitados, outro ramo que tem movimentado a economia cabo-verdiana nas últimas décadas é o comércio transnacional, exercido majoritariamente por mulheres. É comum em todo país, como visto em minhas breves passagens pelas ilhas de

---

<sup>21</sup> Os dados apresentados pelo INE-CV mais recentemente entram em descompasso com o apresentado no relatório da OIM. Segundo o estudo sobre migrações do INE-CV (2014), apenas Cabo Verde contava com apenas 16420 cidadãos emigrados efetivamente.

<sup>22</sup> Mandjacos – ou *mandjakus* – é o termo pejorativo pelo qual são denominados os imigrantes provindos do continente africano, especialmente da África subsaariana. Enquanto as mulheres costumam vender gêneros alimentícios, os homens especializam-se em artigos industrializados.

<sup>23</sup> Rocha (2009) apresenta em sua dissertação as nuances da discriminação contra os africanos do continente.

Santiago e Santo Antão e durante o meu período de campo na ilha de São Vicente, observar intensas movimentações em torno das práticas comerciais, sejam elas com maior grau de institucionalização, em lojas, boutiques e nos mercados municipais, ou com menor grau, como as que vendem na rua. É sobre esse ramo que nos dedicaremos a partir de agora.

### iii. Mindelo: comércio e (é) arte

Há quem se deixe enganar por Mindelo. Embora possa ser comparada a uma cidade pequena brasileira devido ao seu contingente populacional de quase 70 mil pessoas, o ar cosmopolita que os habitantes dão à cidade, herança do tempo áureo do funcionamento do Porto Grande, aliado à intensa vida cultural, que não à toa dá à Mindelo o título de capital cultural de Cabo Verde, logo mostram o espírito da cidade, berço do movimento político-literário Claridade.<sup>24</sup> O movimento era composto por intelectuais que, a partir da revista homônima com edições publicadas irregularmente entre 1936 e 1960, versavam sobre a vida em Cabo Verde e, especialmente, sobre a identidade nacional, através da romantização da colonização portuguesa nos trópicos, na qual os cabo-verdianos seriam corpos africanos com almas portuguesas (Vasconcelos, 2004).

A vida cultural da cidade não deixa a desejar. Das peças de teatro na ALAIM - Academia Livre de Artes Integradas do Mindelo – às noites de música – e grogue<sup>25</sup> – na Casa da Morna II ou no Nhô Djunga, cada final de semana era ocupado por uma atividade, fechando o período de campo com chave de ouro graças ao animadíssimo carnaval de Mindelo.

Ainda assim, as artes em Mindelo não se restringem às atividades citadas. A prática do comércio é dotada de certa destreza que está no cerne dos habitantes de lá. Diz-se que todo mundo comercia, da vendedora de peixe das ruas às pessoas de classe alta que vão frequentemente para a Europa e trazem as malas recheadas de produtos. A maior parte das transações comerciais da cidade se dão em sua zona central, conhecida por Morada<sup>26</sup>. Lá, em todo canto, você vê pessoas vendendo coisas. De gêneros alimentícios a botinas – ou até mesmo a própria força de trabalho, como fazem os vários homens que se aglomeram em distintos pontos entre o Porto Grande e o Mercados dos Peixes à espera do chamado para fazer algum bico (resquícios do período de glória do Porto) – todos têm algo para vender.

---

<sup>24</sup> Para mais informações sobre o grupo, ver Anjos, 2002.

<sup>25</sup> A cachaça de Cabo Verde.

<sup>26</sup> Minha intenção não é deixar a impressão de que o comércio em Mindelo está restrito ao centro da cidade, já que a efervescência comercial também está presente em bairros tais como Monte Sossego e Fonte Filipe, apenas pretendo enfatizar a dinâmica presente na Morada.

Por isso, a dinâmica da vida comercial mindelense é dotada de várias nuances, passando por comércios com maior grau de formalidade aos mais informais. No Mercado Municipal de Mindelo (figura 3), prédio do período colonial localizado na rua de Lisboa<sup>27</sup>, ponto de venda de produtos orgânicos, como vegetais, queijos e grogues, percebe-se alto grau de higienização, já que lá cada vendedora possui o seu espaço reservado e deve-se pagar uma taxa fixa ao governo. Em contraste com a sua organização, as vendeiras,<sup>28</sup> majoritariamente santantoneses, *badias*<sup>29</sup> e *mandjacas*, expõem suas hortaliças nas ruas da cidade (figura 4).



Figura 3- Mercado Municipal de Mindelo

O mesmo acontece na Praça Estrela, um pequeno centro comercial ao Sul da Morada, nas proximidades do Mercado de Peixes. Ela é cortada por uma das ruas laterais do Mercado Municipal e cada metade da praça possui seu próprio estilo de produtos comercializados (e um coreto). A metade à oeste é composta por vendedores ambulantes que se dividem em três grupos: i) ao sul, os que vendem alimentos orgânicos e, algumas vezes, peixes; ii) no centro, os que vendem os mais variados souvenirs, que podem ser tanto recordações que remontam a

<sup>27</sup> Rua que começa na rua da Praia, avenida beira-mar, ligando-a ao Palácio do Povo

<sup>28</sup> São mulheres atuantes na face informal do comércio que costumam vender gêneros alimentícios nas ruas de Cabo Verde. (Fortes, 2015)

<sup>29</sup> Palavra em crioulo para designar as cabo-verdianas da ilha de Santiago.

Cabo Verde ou produtos *made in Africa*, destinados aos turistas que lá passam – este grupo é composto majoritariamente por senegaleses; e iii) os que vendem roupas, calçados, peças de automóveis e outras bugigangas – em sua maioria usadas –, usando *bidões* – tambores que são enchidos com produtos, tanto presentes quanto artigos para venda, por parentes emigrados e enviados para os que ficaram em Cabo Verde – e malas para chamar atenção da clientela.



Figura 4 - Arredores da Praça Estrela

Já a metade oriental da praça é composta por quiosques controlados pela Câmara Municipal de Mindelo, onde são vendidos produtos importados – cuja procedência é sempre posta em cheque – de vários países, como Portugal, Senegal e Brasil, assim como há lojinhas de souvenirs. Como é rotineiro nos espaços onde há venda de roupas no país, são vários os quiosques que contam com máquinas de costura para lá mesmo fazer um retoque nas peças que não fiquem muito boas. Ainda, o conjunto comercial conta com alguns salões de beleza, muitos deles vinculados a donas de quiosques, que aproveitam as viagens para comprar roupas e calçados para reabastecer os cosméticos e apliques dos salões. Assim como no resto da cidade, há ambulantes nesta área, mas em número reduzido.

Além das mulheres vendendo alimentos, é rotineiro encontrar senhoras mais idosas, com cestos de palha, a vender dropes e cigarros pelas ruas, assim como *mandjacos* vendendo óculos,

capinhas para celulares e outros artigos industrializados. Nos bairros periféricos da cidade, assim como na Praça Estrela, a venda de roupas na porta das casas faz parte do dia-a-dia. Geralmente estende-se as roupas e sapatos no chão, araras ou até mesmo nos *bidões*, como na imagem 5, e uma ou mais senhoras ficam ali, tomando conta e passando o preço dos produtos para quem se interessar. Todos os vendedores se esforçam ao máximo para que você leve alguma coisa, mesmo que para isso eles tenham que dar alguma coisinha de presente, como pulseirinhas ou colares de miçangas, criando, assim, um vínculo com o comprador. Curiosamente, quando eu me encontrava sozinho a caminhar pelas ruas de Mindelo, o assédio dos vendedores ambulantes era visivelmente menor do que quando eu estava acompanhado de meus colegas brasileiros, muito provavelmente por ter sido lido como cabo-verdiano uma série de vezes ao longo de meu período de campo.



Figura 5 - Mulher vendendo roupas na porta de casa no Chã de Alecrim

Evidentemente, o comércio não se restringe a esses meios. As boutiques e casas comerciais lotam as principais ruas da Morada, embora só funcionem – religiosamente – de 9 da manhã às 13h, com intervalo para o almoço até às 15h, quando os trabalhos recomeçam e seguem até às 18h, 19h a depender do pique das vendas. Estas são controladas por dois grupos: i) mulheres dotadas de algum tipo de capital, pois para manter as lojas funcionando são



demandadas viagens para outros países, tendo em vista que Cabo Verde quase não produz bens industrializados, a quem recai o foco deste trabalho; e ii) os chineses, que vem ganhando cada vez mais espaço em contextos africanos.

Devido a toda essa movimentação, a centralidade das atividades comerciais em Mindelo reflete diretamente no PIB. O comércio configura a segunda principal atividade na ilha de São Vicente, perdendo apenas para as indústrias transformadoras. Sozinho, o comércio gerou 4,02 bilhões de escudos cabo-verdianos<sup>30</sup> apenas no ano de 2014, sendo, proporcionalmente, a ilha que mais lucra com esse tipo de atividade, de acordo com os dados do INE-CV<sup>31</sup>. Surpreendentemente, um fator que chama atenção, tanto nos dados coletados em campo quanto nos fornecidos pelo INE, é que o número de mulheres na área é mais que o dobro que o de homens, o que me levou a questionar o porquê desse fenômeno. Para compreendê-lo, devemos esmiuçar uma categoria nativa central nos estudos sobre comércio em Cabo Verde: as *rabidantes*.

#### iv. *Rabidante*: uma categoria nativa?

Um fator que logo (me) chama atenção é a predominância de mulheres na vida comercial mindelense – embora os trabalhos acerca do comércio em Cabo Verde já atestem esse fator.<sup>32</sup> Elas dominam o comércio não apenas no ramo de hortaliças e peixes, mas também nas boutiques, que (re)vendem produtos adquiridos no exterior. A partir dos trabalhos etnográficos realizados em Cabo Verde, consolidou-se o termo nativo *rabidante* enquanto representativo da categoria de mulheres cabo-verdianas que tecem as mais diversas práticas comerciais, cuja origem está na “substantivação do verbo *rabidar*, que significa revirar”<sup>33</sup>, e pode designar

1. vendedoras eventuais que, a depender do contexto e da necessidade, expõe produtos na calçada de suas casas para dali obterem um dinheiro extra; 2. comerciantes que vendem em feiras, mercados, ou mesmo em um ponto fixo na rua, mas que não viajam para adquirir os produtos da venda; 3. mulheres que realizam viagens regulares para outros países e que vendem no mercado local, em estabelecimentos próprios ou para terceiros (LOBO, 2012, p. 321).

---

<sup>30</sup> Equivalente a aproximadamente 14 milhões de reais.

<sup>31</sup> INE, “PIB a Preços de Mercado Óptica do Produto 2014 por Ilhas (Milhões de Escudos)”, 2016. Disponível em: <http://ine.cv/estatisticas-por-tema/pib-e-componentes-trimestral/#1477419842708-ef3b0490-9ad2077e-ee39>

<sup>32</sup> Sobre o assunto, ver Fortes (2015), Grassi (2003), Lobo (2012, 2015a, 2015b), Muniz (2008), Pólvora (2013) e Silva (2011, 2012, 2013).

<sup>33</sup> Lobo, 2012, p. 320.

A maior parte dos estudos apresentados até o momento<sup>34</sup> mantêm o foco na terceira categoria, a das que desenvolvem comércio transnacional, assim como este é o ponto de partida do meu estudo de caso. Ainda, de acordo com Grassi (2003), podemos compreender as *rabidantes* enquanto

mulheres e homens que fazem negócios no espaço de mercado a que a ciência econômica chama setor informal. Informações recolhidas no terreno esclareceram que o nome significa, em crioulo de Cabo Verde, “dar a volta”, “desenrascar-se”, e é utilizado para indicar alguém que é muito hábil a convencer os outros (*rabida bô*, o que “engana” o outro) (pp. 23-4).

Embora, como apresentado anteriormente, os estudos sobre comércio no arquipélago utilizem esta categoria ao falar das mulheres cabo-verdianas que tecem redes comerciais transnacionais, os meus primeiros dias de inserção em campo foram marcados pela dificuldade das minhas interlocutoras na compreensão do termo, principalmente quando ele era colocado de maneira isolada, sempre surgindo a demanda de uma explicação sobre o que eu queria dizer com ele.

Clara<sup>35</sup>, a simpática e solícita funcionária do mercado que ficava no caminho entre a minha casa e a Morada, foi a primeira a apresentar dúvida quando eu apresentei o tema da minha pesquisa – também foi a primeira pessoa fora do âmbito acadêmico com quem falei do meu trabalho. Precisei fazer um breve resumo do que eu pretendia estudar para que ela falasse “Ah, as árabes”, termo que curiosamente não me foi repetido em nenhum outro momento do campo. Mesmo com a dificuldade inicial de compreender o que eu queria dizer com o termo, no dia seguinte ela muito gentilmente me acompanhou até à Praça Estrela para me apresentar a alguns conhecidos, já que a mesma havia trabalhado em um outro mercado que se localizava nesta praça. Lá comecei a tecer minha rede de contatos.

Ainda, no início do trabalho de campo pude constatar que eram pouquíssimas as pessoas que sabiam o que eu pretendia dizer com *rabidante* e as poucas que sabiam o que significava o termo possuíam algum tipo de ligação com pessoas que trabalhavam com essa prática comercial. Ainda assim, no decorrer do trabalho de campo, as minhas interlocutoras<sup>36</sup> me apresentaram as mais variadas definições de *rabidante* quando questionadas sobre a compreensão que elas possuíam do termo.

---

<sup>34</sup> São trabalhos que versam sobre as dinâmicas comerciais transnacionais realizadas pelas *rabidantes* Grassi (2003), Lobo (2012, 2015a, 2015b), Muniz (2008) e Silva (2011, 2012, 2013).

<sup>35</sup> Os nomes das interlocutoras foram alterados a fim de preservar sua privacidade.

<sup>36</sup> Por trabalhar com um público majoritariamente feminino, usarei ao decorrer do meu trabalho o feminino enquanto universal ao tratar das comerciantes que realizam comércio transnacional.

O primeiro exemplo que trago vem da fala de Maria, uma senhora de 52 anos, dona de um salão de beleza/alfaiataria e uma boutique – é rotineiro em Mindelo ter os três estabelecimentos acoplados – localizados nas proximidades da praça dr. Regala. Embora tenha me explicado que

*rabidância* pra mim é comerciar, comercializar, comprar... É todo um ato comercial, é comprar, vender, revender...tentar comprar o mais barato. Tentar comprar sempre ao melhor preço pra vender sempre ao melhor preço e *rabidância* é andar sempre com sacolas penduradas em você,

ela me questionou se o termo possuía origem brasileira, possivelmente por ouvi-lo com mais frequência no período que ela percorria o eixo Cabo Verde – Brasil.

Através do diálogo com as minhas interlocutoras, pude perceber que, no cotidiano do meu campo, o seu peso variava drasticamente, podendo soar como uma qualidade, assim como apresentado por Maria, ou de maneira pejorativa, como algo que desqualificava o serviço desempenhado por elas. Em busca da compreensão que as mindelenses possuíam do termo *rabidante*, apresentei essa questão em todas as minhas abordagens.

Das pessoas que me apresentaram o termo através de uma conotação positiva, temos Sônia, uma das mais jovens comerciantes que eu entrevistei, com 32 anos. Ao ser perguntada se se considerava *rabidante*, ela abriu um sorriso e falou que *rabidantes* “são pessoas que têm mais conhecimento, sempre conhecem todo lugar, que vão buscar coisas lá fora para vender cá”. Ou seja, o termo também estava associado a pessoas com habilidades de se virar nas diversas situações, que conseguem *rabidar*. “Alguém que trabalha com comprar e vender” foi, de longe, a explicação positiva mais comum dada pelas interlocutoras. Também, a noção de movimento, a necessidade de promover fluxos, era uma característica pontuada como essencial para ser uma *rabidante*.

Nesse sentido, dona Constantina, dona de uma loja de cosméticos brasileiros, também possuía uma compreensão positiva do termo. Ela definiu *rabidante* enquanto “pessoa que vai e volta para vender, seja entre ilhas ou países”, remontando mais uma vez à categoria de circulação. Seu marido, seu Eugênio, um dos poucos exemplos encontrados na ilha de homem que *rabida* no negócio, equivaleu o termo à “sacoleiro internacional, como dizem no Brasil”. Assim como dona Constantina, Célia, dona de uma boutique em Fonte Filipe (bairro de Mindelo), traz a noção de espaço e movimento em sua compreensão de *rabidante* como quem “compra *li*<sup>37</sup>, vende aqui”.

---

<sup>37</sup> “Ali” ou “lá” em crioulo cabo-verdiano.

A comparação das *rabidantes* com as “sacoleiras internacionais”<sup>38</sup> acontece por não existir um termo melhor em nossa para expressar o trabalho que elas desempenham, uma vez que o comércio transfronteiriço de altas quantidades de produtos é algo que elas possuem em comum. Rabossi, antropólogo que realizou pesquisa acerca da transnacionalidade do comércio realizado em Ciudad de Este, cidade paraguaia localizada em fronteira com o Brasil, compreende por sacoleiro “o nome com o qual são conhecidos no Brasil os que viajam para comprar mercadorias para revender em suas cidades de origem” (2004, p. 30), geralmente em feiras. Ou seja, o fenômeno de ir para outros países buscar produtos para revenda não é algo restrito ao contexto cabo-verdiano, mas sim uma prática rotineira dentro do contexto de globalização popular, que é construída justamente a partir desses centros de comércio, viagens e fluxos desenvolvidos pelas e pelos comerciantes, embora cada caso seja dotado de suas especificidades (Ribeiro, 2010, p. 31).

Contudo, a palavra *rabidante* divide opiniões entre as comerciantes. Dona Bette, por exemplo, foi logo se apresentando como “importadora internacional”, já que não tinha licença para o funcionamento de uma loja. Por isso, seu espaço comercial não possuía uma placa de identificação que deixasse claro para quem passasse na porta de que aquele estabelecimento era um comércio, que, mesmo não designado enquanto loja, ela funcionava como tal. Possivelmente, essa é mais uma das táticas utilizadas pelas comerciantes no intuito de reduzir as taxas pagas ao governo, que não são poucas ao longo do traslado, e, assim, aumentar a margem de lucro.

Para ela, “*rabidantes* são pessoas que compram e vendem, saindo de um lugar para outro”. Embora ela fizesse essa prática, no primeiro momento ela se identificou enquanto tal por “não sair para vender” e, além disso, por ter uma funcionária em sua “não-loja” que fizesse isso para ela. Porém, mais ao final da entrevista, ela tentou se convencer de que importadora internacional poderia se encaixar nessa categoria, embora ainda demonstrasse certo receio.

Marta, 49 anos, foi mais uma das que criticaram o uso do termo para designar as pessoas que exercem a mesma função que ela. Ao ser questionada sobre o que ela achava sobre ser chamada de *rabidante*, respondeu-me que

chamam as pessoas de tudo quanto é nome, é *rabidante*, é *rabidante*, é não sei o quê. Eles podem me chamar do que eles bem *quiser*, eu sou empresária. *Rabidante* é aquela pessoa que anda de porta em porta a vender e eu não ia chamar ninguém de *rabidante*, eu não ia desclassificar ninguém por estar a trabalhar. Olha, eu, se fosse possível trabalhar na rua a varrer a rua eu fazia esse trabalho. Desde que fosse um trabalho digno, desde que não estivesse a roubar a ninguém, não estivesse a passar por cima de

---

<sup>38</sup> A comparação entre os dois já aconteceu na mídia brasileira, como em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2907200420.htm> acesso em 02 de agosto de 2017.

ninguém. Com dignidade, honestidade, eu fazia qualquer trabalho que fosse, não ia tirar nenhum "pagaço". Porque eu considero uma pessoa que trabalha com honestidade, com dignidade pra sustentar a sua família, é merecedora de respeito que eles não respeitam. Eles desclassificam essa área de todas maneiras possíveis. Até com insultos nas ruas.

Ainda portando carga negativa, *rabidante* apareceu, na fala de Júlia, outra comerciante, como palavra associada unicamente às categorias 1 e 2 apresentadas por Lobo (2012, p. 321), sendo realizada a distinção entre *rabidante*, como quem vende comida, e comerciante, sendo a pessoa que compra produtos fora.

Esse tipo de incômodo apareceu com certa frequência na fala das mulheres cujas lojas localizavam-se na região nobre da cidade, cuja clientela era representada por integrantes do que podemos compreender enquanto os extratos médios de Mindelo. Como, nos estudos sobre Cabo Verde, falar de classe é enfrentar uma série de fragilidades pela dificuldade de encaixar a realidade vivida no país dentro das categorias propostas pelas teorias sociais, compreenderei extrato médio enquanto o grupo econômico que engloba funcionários públicos e seus familiares, famílias com alto capital migratório e/ou dotadas de alto capital cultural.

Curiosamente, encontravam-se no grupo contrário ao uso do termo *rabidante* as duas comerciantes com quem conversei que haviam nascido na ilha de Santiago, onde o uso do termo é mais disseminado e, de acordo com as etnografias lá realizadas, demonstram caráter majoritariamente positivo. Bia, natural da ilha de Santiago, disse que “esse termo se usava antigamente, é antigo. *É usado mais na Praia, aqui não.* Eu falo comerciante, pequena importadora. Quem vende na rua fala vendedeira. É por causa do crioulo, que é diferente entre as ilhas.”

É possível compreender o receio no uso do termo tendo em vista que ambas faziam parte de grupos familiares cujo capital migratório era alto e, devido a isso, tinham as suas atividades comerciais facilitadas por ter quem mandar produtos para revenda em períodos que não era possível realizar as viagens. Ainda, e também pelo motivo citado, é possível encaixá-las na categoria de comerciantes com maior poder aquisitivo, já que, após as crises econômicas enfrentadas por Portugal, e também pelo Brasil, foram poucas as mulheres que conseguiram manter as viagens com a mesma constância e menor ainda o número das que conseguem fazer os trajetos até hoje, já que muito foi reclamado sobre a baixa saída dos produtos.

Ainda sobre a fala de Bia, a questão da diferença entre o crioulo falado nas ilhas apareceu enquanto um ponto que demandava maior reflexão para que a falta de aplicabilidade do conceito *rabidante* no contexto mindelense pudesse ser compreendida. Embora o crioulo cabo-verdiano seja entendido enquanto língua nacional e símbolo de integração do país, não

podemos vê-lo como uniforme e constante em todas as ilhas, tendo em vista as fortes variações regionais que ele sofre, o que é comum acontecer na grande maioria dos Estados-nação. O crioulo cabo-verdiano se constituiu, segundo estudos de linguistas, a partir do contato entre as línguas da costa oeste africana e a falada pelos comerciantes portugueses, assim como, ao longo do último século, recebeu influência das palavras usadas nos países com alto fluxo migratório de cabo-verdianos. Embora não se possa afirmar com certeza o momento exato de surgimento, assim como se o crioulo surgiu ainda na costa africana ou se é fruto do processo de colonização de Cabo Verde, foi lá que ele tomou a forma que tem hoje (cf. Braz Dias, 2002, pp. 7 - 10).

A diferença no processo de colonização da ilha de Santiago frente à de São Vicente, que contou maior influência europeia – especialmente a inglesa –, e seu ar mais cosmopolita, acentua as diferenças no crioulo falado em cada localidade. Em *Soncent*<sup>39</sup> o crioulo tem mais semelhanças com a língua portuguesa e a influência inglesa se dá por causa da inserção destes no período áureo do Porto Grande. Nessa grande mistura de palavras de diferentes idiomas, às vezes ficava difícil para mim, um mero iniciante no crioulo cabo-verdiano, compreender todo o tom de uma conversa.

Por outra via, o crioulo da Praia é mais próximo à sua raiz africana, sendo facilmente entendido pelos falantes do crioulo da Guiné Bissau. Obviamente, o distanciamento entre Praia e Mindelo não se dá apenas pelo crioulo. Ainda, por São Vicente ser vista enquanto um pequeno Brasil<sup>40</sup>, em contraste com Santiago, que seria, entre as ilhas de Cabo Verde, a que mais se aproximaria da ideia de africanidade. Entretanto, isso não quer dizer uma preferência do português frente ao crioulo em Mindelo. Foram inúmeras as vezes em que minhas interlocutoras conversaram comigo exclusivamente em crioulo a fim de que eu me familiarizasse com a língua e, de certa forma, me desprendesse das amarras de poder que o português representa (Vasconcelos, 2004).

A partir desta reflexão, pude perceber um detalhe que fora crucial no período de análise das referências bibliográficas para a construção do projeto de pesquisa e que apareceu constantemente nas reclamações e agradecimentos das minhas interlocutoras: todos os trabalhos realizados sobre a temática contavam com trabalho de campo realizado na cidade da Praia, na ilha de Santiago, o que me mostrou uma rixa latente entre as duas ilhas. Foi comum ouvir que “tudo aqui em Cabo Verde é voltado pra Praia”, que as demais ilhas recebem pouca atenção, tanto do governo quanto dos pesquisadores, que sempre usam a capital política como

---

<sup>39</sup> São Vicente, em crioulo cabo-verdiano.

<sup>40</sup> “São Vicente é um brasilin”, frase imortalizada na voz de Césaria Évora, na música Carnaval de São Vicente.

*locus* de pesquisa, por lá, além de ser a sede do poder político do país, ser a ilha com a maior concentração populacional do arquipélago. Todos os trabalhos acerca das *rabidantes* haviam sido feitos na cidade da Praia e, por isso, não precisaram levar em conta as diferenças regionais do crioulo.

Ainda, muitos foram os agradecimentos recebidos por dedicar meus estudos iniciais às atividades comerciais transnacionais exercidas pelas mulheres cabo-verdianas, para, segundo minhas interlocutoras, possibilitar a valorização do trabalho delas, pouco reconhecido e valorizado pelo governo nacional e alvo de diversos rumores dentro do contexto social no qual elas estão inseridas.

Vale ressaltar que, embora as comerciantes transnacionais tenham adquirido grande importância dentro da sociedade cabo-verdiana nas últimas décadas, já que era através delas que grande parte dos bens industrializados demandados pelos cabo-verdianos aportava no país e ainda sejam vitais para a dinâmica comercial do país, os chineses vêm tomando aos poucos esse espaço da vida comercial dessas mulheres. Junto às crises econômicas que o país vem enfrentando, a concorrência, tida por elas como desleal, vem reduzindo sua clientela, já que os produtos vendidos por eles são mais baratos. Esses fatores gera(ram) a falência de algumas delas, que não conseguem mais realizar as onerosas viagens para abastecer seus pontos de comércio. Pela relação entre cabo-verdianos e chineses ser marcada por visões contrastantes, retomarei este ponto com mais atenção no epílogo (Silva, 2012, p. 93).

O terceiro e último, mas não menos importante, ponto que trago para compreender a recusa por algumas delas na utilização do termo *rabidante* na ilha de São Vicente é a correlação criada pela mídia entre o fluxo comercial delas e o de substâncias ilícitas entre a América do Sul, África e Europa. Com a criação de linhas aéreas que conectavam Cabo Verde e Fortaleza/CE, em 2001, foi possibilitado o aumento do fluxo de pessoas entre os dois países. Após isso, o Nordeste brasileiro começou a ser usado como rota para o escoamento de drogas provenientes da Bolívia e da Colômbia – cocaína e entorpecentes – para Cabo Verde e, através de lá, seguia para países da África e Europa (SILVA, 2012).

Reportagens recheadas de sensacionalismo com títulos tais como “Cabo Verde um trampolim para entrada de droga na Europa<sup>41</sup>”, “Sal: Jovens *rabidantes* condenadas por tráfico de drogas<sup>42</sup>” e “Cabo Verde na rota do tráfico de droga<sup>43</sup>”, depositam nas comerciantes toda a

---

<sup>41</sup> <http://www.panapress.com/Cabo-Verde-um-trampolim-para-entrada-de-droga-na-Europa--13-394098-17-lang3-index.html> Acesso em 22/05/2017.

<sup>42</sup> <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article63165> Acesso em 22/05/2017.

<sup>43</sup> <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/sociedade/item/49333-cabo-verde-na-rota-do-trafico-de-droga#itemCommentsAnchor> Acesso em 22/05/2017.

desconfiança dos órgãos públicos e também da população, esquecendo da importância delas para as finanças do país. Sônia, por exemplo, me contou de uma amiga que foi revistada com cães farejadores pela polícia em Fortaleza e quase perdeu o voo porque teve sua mala toda desmanchada e acabou processando a segurança do aeroporto pelo transtorno que causaram a ela, tudo isso porque ela havia colocado potes de creme dentro dos sapatos que ela estava trazendo para revender.

Além disso, há o medo eminente de colocarem drogas nas suas coisas. Marta, por exemplo, não ficava com ninguém no hotel. Disse-me que “ficava sozinha com medo de botarem drogas nas minhas coisas”, só foi começar a dividir o quarto no hotel quando conheceu uma amiga da Praia que classificou como “educada e de confiança”. Isso porque, segundo ela, pessoas podem entrar no seu quarto, colocar drogas nas suas coisas e roubar a sua mala quando chegar ao destino final sem você nem perceber. É na tentativa de se diferenciar das pessoas que cometem esse tipo de ação no percurso Brasil – Cabo Verde que ela entende enquanto menosprezo ao trabalho por ela desempenhado quando a chamam de *rabidante*, muito embora a aversão de algumas das comerciantes ao termo esteja inserida em um contexto muito mais complexo do que explicar apenas pela via do tráfico de drogas.

Mesmo que o termo também conte com uma multivocalidade na Praia, as etnografias apontam que lá ele seria mais naturalizado e palatável, o que não acontece em Mindelo. Por isso, é interesse analisar como se dão as aproximações e distanciamentos do termo *rabidante* a depender do que as mulheres desejam ressaltar. Assim, foi comum que, quando elas desejavam refinar o trabalho que elas desenvolviam, elas se afastassem do vocábulo, enquanto quando era visado ressaltar a experiência e a sabedoria que uma comerciante deve ter, ser chamada de *rabidante* não era uma coisa ruim.

As três situações apresentadas – a variação no crioulo derivada do distanciamento de Mindelo em relação à Praia, a diferenciação de classe social e a midialização dos casos de tráfico de drogas – acionadas em conjunto possibilitam a compreensão do porquê da rejeição ao termo *rabidante* no contexto de São Vicente, visto que não podemos entender essa situação pela via de uma causa única. Contudo, tendo a crer, através dos discursos analisados, que a necessidade de se diferenciar frente às vendedeiras e outras mulheres que podem ser entendidas a partir da categoria *rabidante* seria o principal motivo que as leva a não aderir plenamente ao uso do termo, tanto que no lugar são acionados sinônimos como “comerciante” e “importadora internacional”. A classificação desta como a principal razão não quer dizer, de forma alguma, que as outras tenham menor importância, já que, como dito anteriormente, é difícil justificar a



causa dos eventos sociais por apenas um fator, mas sim por essa explicação ter tido um peso maior nos discursos das minhas interlocutoras.



Pretendi ao decorrer deste capítulo apresentar o contexto histórico do arquipélago, seguido pelo da ilha de São Vicente e, por fim, o surgimento de Mindelo e sua estreita relação com os fluxos marítimos que aportaram no Porto Grande, a fim de nortear as leitoras acerca do espaço e ciclos econômicos de onde fora realizada a pesquisa de campo, assim como a importância das diferentes atividades comerciais para o povoamento e consolidação de Mindelo enquanto uma das principais cidades do país, que repetidamente tem a sua centralidade geográfica quanto um de seus principais valores

Realizado o apanhado histórico, apresento também algumas das práticas comerciais de Mindelo, discutindo, a partir dos estudos realizados sobre a temática no arquipélago em conjunto com os dados etnográficos, a aplicabilidade do termo *rabidante* no contexto da cidade, já que, desde os primeiros dias da pesquisa, ele se mostrou de uso pouco estratégico. A dificuldade de compreensão do termo *rabidante* e suas nuances me fez lembrar do que fora alertado pela minha professora de introdução à Antropologia, de que “lá em Pago Pago é diferente<sup>44</sup>”. Para o exercício antropológico, foi de grande valor realizar o processo de estranhamento justamente com termo que eu tinha enquanto balizador da minha pesquisa, destituindo-o do cargo de “categoria nativa” como eu havia postulado no meu projeto de pesquisa e evitando o uso de diversas categorias como dadas, a fim de melhor compreender as dinâmicas comerciais e familiares construídas por esse grupo de mulheres.

Dado os prós e contras do uso termo *rabidante* apresentado no decorrer do capítulo, abrirei mão dele e, a partir de agora, utilizarei “comerciantes transnacionais”, ou apenas comerciantes, sempre que precisar designar o grupo de mulheres aqui analisado. Tendo amarrado – mesmo que temporariamente – a discussão terminológica e histórica, passaremos para o novo desafio que vem se postulando em algumas das falas apresentadas: entender o(s) porquê(s) da entrada dessas mulheres em uma vida definida por elas como tão dura e cheia de riscos. Para tal análise, sigamos para o próximo capítulo.

---

<sup>44</sup> Contada de forma anedótica, a frase integra um caso no qual um cientista político teria dito-a como uma “crítica” pelo fato dos antropólogos sempre enfatizarem que cada realidade é diferente da outra e que, por este motivo, devemos dar atenção aos mínimos detalhes que possam diferenciar os contextos estudados. Vale ressaltar ainda que Pago Pago é a capital da Samoa Americana, arquipélago da Polinésia.

## Capítulo 2 – “A mulher cabo-verdiana tem mais espírito de luta<sup>45</sup>”

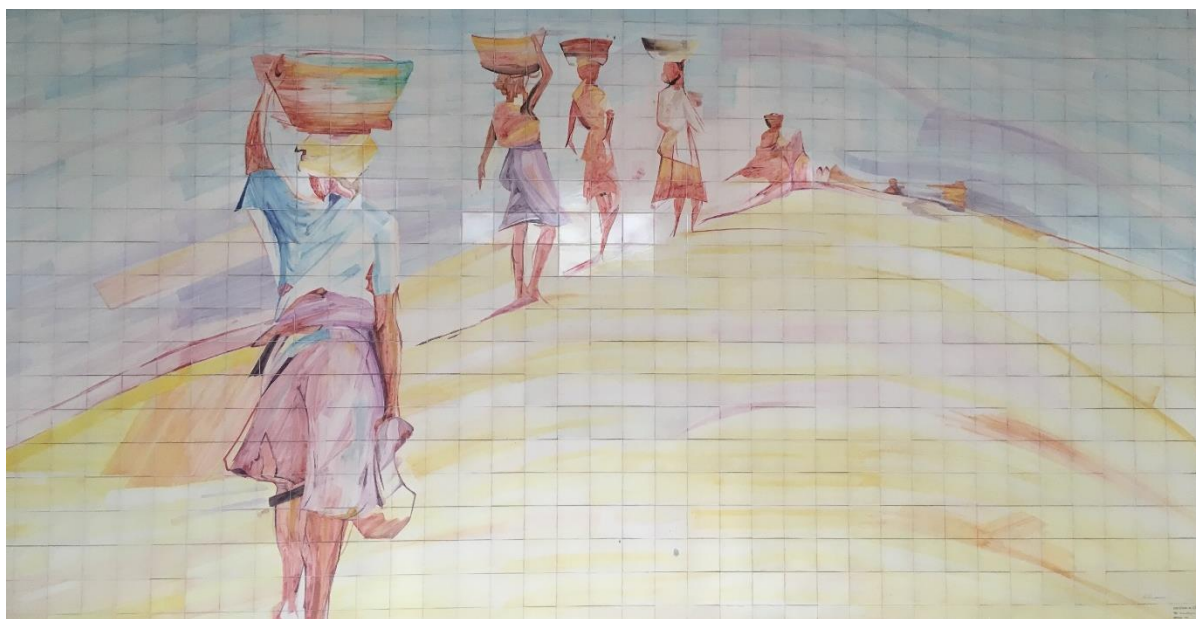


Figura 6- Mural exposto no primeiro piso do Mercado Municipal de Mindelo

Ainda no aeroporto de Fortaleza, onde fiz escala para pegar o voo direto do Brasil para Cabo Verde, uma senhora brasileira se sentou ao meu lado e começou a conversar enquanto esperávamos o nosso voo, que estava atrasado. Perguntou-me se eu estava indo para Portugal, já que ir para Europa pela TACV era mais barato do que pelas demais companhias aéreas – e por isso a sala de espera estava abarrotada de brasileiros que faziam esse percurso. Ao ter minha resposta negativa, começou a falar sobre suas viagens para o arquipélago, ressaltando ponto como a hospitalidade dos cabo-verdianos e a beleza das paisagens. No meio do diálogo ela me contou uma coisa que, segundo ela, eu não acreditaria: lá em Cabo Verde eram as mulheres que comandavam o comércio. A senhora me contou que, na cidade da Praia, as pessoas diziam que as mulheres tinham mais facilidade para as atividades comerciais em comparação aos homens, enquanto eles predominavam em atividades como alfaiataria, o que, para ela, seria o inverso das práticas encontradas no Brasil, embora essa caracterização dos trabalhos não tenha se aplicado dessa maneira. Se o questionamento do porquê da centralidade das mulheres cabo-verdianas no comércio transnacional já era forte em minha cabeça, após esse breve diálogo ele me “atormentou” ainda mais.

A história contada pela senhora brasileira se repetiu, também, em Mindelo. Fossem nas práticas com maior grau de informalidade de comércio, presentes nas principais ruas da

---

<sup>45</sup> Trecho extraído de uma das conversas que tive com Maria.

Morada, fosse nas boutiques – forma mais institucionalizada de comércio –, as mulheres estavam presentes no comando das atividades. Por outro lado, foram poucos os estabelecimentos, cuja saída principal era de produtos importados, que eram chefiados por homens cabo-verdianos.<sup>46</sup>

O domínio do comércio local pelas mulheres está bem representado nos dados estatísticos: em uma lista que conta com 473 profissões apresentada no documento “Cabo Verde em Números”, cinco correspondiam aos trabalhos realizados dentro do âmbito das práticas comerciais - vendedor em quiosque e em mercado; vendedor ambulante de produtos alimentares; comerciante de loja (estabelecimentos); encarregado de lojas (estabelecimentos); e vendedor em loja (estabelecimentos). Essas cinco categorias representam 6822 pessoas envolvidas com comércio no país inteiro, sendo o número de mulheres 4 vezes maior que o de homens.<sup>47</sup>

Embora os dados coletados pelo INE-CV sigam a perspectiva apresentada no capítulo anterior, somente os dados quantitativos não explicam o porquê desta composição social. Para tal, coloquei o questionamento sobre quais os motivos que levam *as mulheres* a entrarem para a vida comercial, enquanto norteador das conversas que eu teceria ao longo da pesquisa.

Não tão surpreendentemente, a família apareceu enquanto principal fator de entrada no comércio, embora por vias diferenciadas, como gravidez, ausência dos *pais-de-filho*<sup>48</sup> no âmbito financeiro, forma de manter-se mais próxima dos filhos e até garantir mais renda durante a aposentadoria. Dados esses fatores, percebi que seria inviável tentar compreender a forma que se dava a inserção feminina no comércio de forma desassociada da centralidade das mulheres na vida familiar em Cabo Verde.

Para compreender a intersecção formada entre o papel das mulheres enquanto comerciantes e mães, outras perguntas surgiram, tais como qual seria o papel dos filhos e demais parentes no comércio? Para quê, quem ou onde vai o dinheiro que elas ganham? Por que elas entraram nesse ramo? E mais: elas desejam que esse seja o negócio da família ou querem que os filhos sigam outros percursos? Na tentativa de respondê-las da melhor forma

---

<sup>46</sup> Essa realidade era diferente no caso dos homens senegaleses e guineenses, tendo em vista que o mundo comercial mulçumano é mais masculino. A maior masculinização do comércio também parecia ocorrer nas lojas chinesas, embora a presença de homens e mulheres fosse paritária. Contudo, um estudo com maior profundidade é necessário para compreender esse assunto, que envolve, ainda, a chegada de imigrantes em Cabo Verde.

<sup>47</sup> Informações extraídas do documento Cabo Verde em números (INE, s.d.). Infelizmente não existiam dados relativos à quantidade de pessoas que trabalham com comércio apenas no concelho de São Vicente.

<sup>48</sup> Ou *pai-d'fidju* “Termos comumente utilizados para se referir aquele ou àquela com quem ego teve um filho. Além disso, quando o casal mantém uma relação conjugal, esse é o termo que se usa para se referir ao companheiro ou companheira, meu pai-de-filho ou minha mãe-de-filho” (LOBO, 2007, 65). Mesmo que a análise da autora se centre na ilha da Boa Vista, a aplicabilidade do conceito se estende ao contexto de São Vicente.

possível, apresentarei a trajetória comercial de algumas mulheres, que, associada à revisão bibliográfica sobre as relações familiares no contexto cabo-verdiano, mostrará os pontos de intersecção desses dois mundos, o da casa e o da rua.

i. Trajetórias comerciais

No decorrer das conversas que realizei, utilizei da apresentação das trajetórias de vida das comerciantes como forma de captar as razões que elas atribuíam como fundamentais para a sua entrada nos fluxos comerciais transfronteiriços. Para facilitar a compreensão dessas razões, separei os relatos em 3 grupos, de acordo com as motivações por elas apresentadas, mesmo que essas causas elencadas não se constituam como o único fator.

As histórias de vida encontram-se divididas nas seguintes categorias: as das mulheres que justificam o começo do trabalho com comércio devido à gravidez, as que explicaram pela via da necessidade de estarem mais próximas de seus filhos e, por fim, como forma de garantir fontes alternativas de renda. Sigamos para cada caso.

*Quando o início do comércio é atribuído à gravidez*

Mesmo que não tenha sido a primeira comerciante com quem eu conversei, Júlia foi quem abriu as portas da minha pesquisa (assim como abriu a porta de sua loja para minha presença constante). Logo no meu primeiro dia em Mindelo, passei em frente à sua loja e, de imediato, fiquei animado com a presença do *bidão*,<sup>49</sup> que sinalizava a presença de produtos importados. Embora a loja tenha ficado fechada durante os meus primeiros dias de campo, pude desenvolver uma relação muito próxima com ela, que se tornou minha principal interlocutora.

Ao longo de nossas conversas, Júlia, que na altura possuía 33 anos, contou-me que começou a trabalhar com comércio há 15 anos, quando engravidou do namorado que tinha na época, pai de seus dois filhos mais velhos, e acabou sendo expulsa da escola. Por isso, estudara somente até o 8º ano do Liceu.<sup>50</sup> Na eminência de ser expulsa de casa pelo seu pai, sua mãe,

---

<sup>49</sup> O *bidão* é um barril que parentes emigrados enviam para os que ficaram em Cabo Verde cheio de produtos, que podem ser tanto presentes quanto artigos para revenda. Ao longo do capítulo 3, farei uma discussão mais profunda sobre a importância das emigrações para a continuidade do comércio no arquipélago.

<sup>50</sup> Liceu é a forma como é estruturado o ensino secundário em Cabo Verde.

mesmo à distância, já que estava emigrada em Brockton,<sup>51</sup> enviou para ela dois *bidões* para que Júlia pudesse revender os produtos e, então, ter uma renda inicial para dar início à sua família.

A partir daí o negócio foi crescendo e, em 2007, ela teve a possibilidade de começar a realizar viagens para comprar os seus produtos, mesmo que sua mãe nunca tenha deixado de enviar *bidões* para ela, já que o forte de sua boutique, localizada nas proximidades do mercado Municipal, são os produtos estadunidenses que sua mãe envia.

Nesse período, ela acabou se separando do pai de seus dois primeiros filhos e conheceu seu atual parceiro, que é policial, e com quem teve seu filho mais novo. Mesmo que seu companheiro seja responsável pela maior parte da renda doméstica, ela também “põe dinheiro em casa”, assim como o pai dos filhos *mais grandes* (mais velhos), atualmente emigrado na França, envia, mesmo que pouco, auxílio financeiro para ajudar na criação deles. Ela se considera a responsável por maior parte das decisões domésticas, já que o companheiro não teria a mesma paciência para resolver esses problemas, mesmo que elas sejam tomadas em conjunto com o ele.

Além de ajudar nas despesas domésticas, o dinheiro que ela ganha com o seu trabalho é poupado para pagar os estudos dos seus filhos, que estão nos anos finais do Liceu, uma vez que ela pretende mandá-los para Portugal ou para os EUA, a depender do andamento da solicitação de visto para que ela se reagrupe com sua mãe e sua irmã que moram nos EUA. O desejo de enviar o filho para realizar o ensino superior nesses países baseia-se na ideia de que neles a qualidade do ensino seria melhor do que a oferecida em Cabo Verde.

A história de Sônia se assemelha muito à de Júlia, que curiosamente eu descobri depois de muitas conversas, serem amigas. Atualmente com 34 anos, ela começou a trabalhar cedo em uma boutique, já que havia engravidado, também antes de concluir o liceu, no 10º ano, e seu pai, na época emigrado na Holanda, tentou expulsá-la de casa, assim como ocorrido com Júlia, porém sem sucesso. Mesmo que o pai fosse o principal responsável pela renda da casa, a autoridade do lar centrava-se na mãe, que havia criado ela e seus irmãos. Pelo pai ser visto por eles, na época, como uma figura ausente do cotidiano da família, ele não possuía tamanha autoridade para realizar tal ato, o que possibilitou que sua mãe conseguisse mantê-la em casa.

Por achar que tinha vocação para o comércio e por gostar de viajar, Sônia decidiu virar dona do seu próprio negócio. Após anos trabalhando em uma boutique, em 2005 ela recebeu uma indenização de cerca de 1500 euros após sair de seu antigo emprego, o que viabilizou a

---

<sup>51</sup> Cidade no estado estadunidense de Massachusetts, que conta com uma expressiva comunidade de cabo-verdianos. Cerca de 10% dos 95,630 habitantes de Brockton possuem ancestralidade cabo-verdiana, sendo a cidade com o maior nível nos EUA. Fonte: <http://www.epodunk.com/ancestry/Cape-Verdean.html> acessado em 10.07.17.

compra das passagens para o Brasil, de onde fez seu primeiro destino de compras. Assim, deu início ao seu próprio negócio, que funcionou em sua casa até 2013, quando ela comprou a sua boutique, que fica perto da Praça Dr. Regala.

Assim como Júlia, o dinheiro que ela ganha na boutique vai para uma poupança para garantir o ensino superior do seu filho único, que estava com 16 anos e no 11º ano do Liceu, devendo seguir para Portugal em 2018 para fazer o curso de aviação. O seu *pai-de-filho* não vive mais com ela, tendo ido para Boa Vista trabalhar, onde constituiu uma nova família, com mais dois filhos, o que não o impede de contribuir financeiramente na educação do filho que teve com Sônia.

*Quando o início do comércio é atribuído à necessidade de estar próxima dos filhos*

Célia, comerciante de 50 anos que possui uma boutique em Fonte Felipe, começou as viagens transfronteiriças há 15 anos, embora tenha começado a trabalhar com comércio dois anos antes. Como muitas das cabo-verdianas, morou com o pai de seus quatro filhos por 10 anos, mas nunca foram casados legalmente. Mesmo que ele contribuísse com as despesas enquanto estavam juntos, ela viu no comércio uma forma de aumentar o sustento do lar e garantir sua autonomia financeira, tendo em vista que atualmente ele só ajuda nas despesas do filho mais novo. Antes disso, emigrou três vezes diferentes – por um ano e seis meses para Holanda, 9 meses em Luxemburgo e na França por 3 meses –, mas todas elas “fracassaram”. Célia atribui ao insucesso de suas tentativas de emigração ao fato de que seus filhos eram pequenos e não se adaptaram muito bem à convivência com os parentes que cuidavam deles. Um problema encontrado por Célia para concretizar as suas tentativas de emigração foi o fato de que suas duas irmãs não estavam lá em Cabo Verde, reduzindo a possibilidade de parentes que poderiam *aguentar*<sup>52</sup> os seus filhos.

Ao se fixar definitivamente em Cabo Verde, viu no comércio a possibilidade de garantir o sustento doméstico como alternativa ao projeto migratório que não deu certo. Sem contar com a ajuda de seu pai-de-filho, ela e seu filho *mais grande* sustentam a sua casa, onde vivem ela, os quatro filhos, de idades entre 31 e 16 anos, e uma neta, filha da sua única filha.

A necessidade de se manter próxima dos filhos também foi a justificativa apresentada por Marta. A comerciante começou a vida trabalhando como secretária em uma companhia de barcos, já que havia engravidado e precisava conseguir dinheiro para sustentar sua filha. Devido

---

<sup>52</sup> Lobo (2014) apresenta, a partir da Boa Vista, a ideia de *aguentar* as crianças como análoga a ajudar a criar.

à sua competência, chegou a ser secretária do diretor, o que lhe demandava muito tempo e acabava distanciando-a da sua casa. Contudo, no início dos anos 2000, descobriu que a moça que cuidava dos seus filhos enquanto ela trabalhava estava maltratando o mais novo, que na época era bebê. Por essa razão, abandonou o emprego onde estava há dez anos assim que descobriu o ocorrido e decidiu ficar em casa para cuidar dos filhos, já que, para ela, os filhos sempre devem vir em primeiro lugar.

Disse-me que nas primeiras viagens fazia todas as compras em apenas três dias para poder voltar logo para casa, por medo de que a responsável pelo cuidado dos seus filhos maltratasse-os assim como a outra fizera. Começou indo para Portugal, onde o marido estava concluindo o ensino superior. Logo depois, passou a ir para São Paulo, onde tinha que ficar por duas semanas, deixando seus filhos mais uma vez na responsabilidade de terceiros, aumentando o seu sofrimento psicológico e físico, já que ela alegou não conseguir dormir de tamanha preocupação com o bem-estar das crianças. Conforme seus filhos foram crescendo e adquirindo mais independência, ela começou a fazer as viagens com mais tranquilidade, por saber que eles poderiam se defender caso acontecesse algo de ruim.

*Quando o início do comércio é atribuído à necessidade de se ter fontes alternativas de renda*

O comércio apresentou-se também enquanto uma alternativa para garantir um pouco mais de dinheiro após conseguir a *reforma* (aposentadoria). Dona Bette, uma senhora de 70 anos que possuía um estabelecimento perto da Praça Nova, disse-me que nunca havia trabalhado com comércio, mas após a reforma decidiu começar. Criou os quatro filhos com o salário de professora, embora tivesse ajuda do marido – de quem afirma sempre ter sido independente. Contudo, o dinheiro arrecadado no comércio não é todo direcionado a ela, já que sua mãe, uma senhora de 92 que não possui aposentadoria por não querer receber “esmola do governo”, fica sob seus cuidados, uma forma de retribuir tudo que a mãe fez por ela durante a sua formação.

Embora não esteja aposentada, Clementina também vê em sua boutique e no seu bar formas de se garantir financeiramente. Ela é uma ex-emigrante que foi para Itália aos 17 anos para tentar melhores condições de vida logo após ter sua primeira filha, assim como a sua mãe fez. Por sorte, conseguiu assistência do pai de sua filha para deixá-la aos cuidados da avó paterna e, assim, enfrentou a empreitada da emigração. Ficou por lá por 30 anos, dos quais

passou 20 casada com um italiano e, por isso, hoje tem um passaporte italiano, o que facilita a suas idas e vindas para lá a fim de comprar produtos para revender em sua boutique.

Para seus familiares, Clementina foi uma emigrante de sucesso, já que “teve cabeça”<sup>53</sup>. Com o dinheiro adquirido na Itália, ela conseguiu pagar os estudos de sua filha mais velha, construiu a casa onde ela mora atualmente, onde também funciona seu bar-restaurant, e comprou a sua boutique. Além disso, aproveitou o período em que esteve casada para fazer cursos profissionalizantes, concluir o Liceu e tirar carteira de motorista. Hoje, após voltar definitivamente da Itália, gerencia com maior proximidade a sua boutique, onde vende majoritariamente produtos italianos.

Nos seis casos apresentados, a vida doméstica aparece, de formas distintas, como um dos fatores motivadores apresentados pelas comerciantes para justificar a sua entrada no âmbito comercial. Dado esse vínculo que se mostra muito forte entre os dois mundos, faz-se necessário realizar um apanhado que aponte como se dá o entrelaçamento entre a casa e o comércio em Cabo Verde, tendo a centralidade feminina como fundante para ambos.

## ii. Centralidade feminina na vida doméstica em Cabo Verde

Nas décadas de 1970 e 80, os modelos elementares universalizantes de família, como os propostos por Radcliffe-Brown (2013) e Lévi-Strauss (2011), passaram a sofrer uma série de críticas dentro da comunidade antropológica [Schneider (1972); Leach (1996) e Needham (1971)], por estarem alicerçados em uma visão eurocêntrica de família. Por algum tempo, essas críticas deram a impressão de que aquele era o fim dos estudos de parentesco. Todavia, eles começaram a recobrar o fôlego nas últimas três décadas através da perspectiva dos estudos de família, que deram uma nova cara à análise antropológica de parentesco, mas sem descartar totalmente o que já havia sido produzido.

É nessa virada de perspectiva que os estudos sobre família em Cabo Verde começaram a ganhar forma, garantindo a produção sobre o tema que possuímos hoje. Como há muita gente

---

<sup>53</sup> Diz-se em Cabo Verde que os emigrados que “têm cabeça” são aqueles que aguentam as dificuldades da emigração e só voltam para sua terra natal quando garantem a aposentadoria, constroem uma casa para morar e/ou dão garantias de vida para seu grupo doméstico (Lobo, 2012).



falando sobre as estruturações familiares cabo-verdianas<sup>54</sup>, principalmente no que tange as classes populares, é inevitável que haja discordâncias na compreensão. Todavia, um fator é razoavelmente consensual em tais estudos: a noção da centralidade feminina na vida doméstica, a quem cabe “a responsabilidade para o sustento e reprodução do agregado” familiar (Grazi & Évora, 2007, p. 18).

Os dados do Censo de 2010 apontam que “dos 117.289 agregados familiares, 47,6% são sustentados econômica e afetivamente pelas mulheres e, destes, 26,1% são considerados famílias monoparentais” (Fortes, 2015b, p. 153-4). De acordo com Fortes (2016), as mulheres em Cabo Verde acabariam por assumir os papéis que seriam destinados à mãe, com a educação dos filhos, e do pai, de garantir segurança financeira para família. Atrelado a essa situação, a luta das mães representaria o desejo de que os filhos tenham acesso à educação para evitar que a prole passe pelas mesmas situações que elas vivenciaram. Essas mulheres, majoritariamente de classes baixas, veem na emigração e no comércio informal caminhos para driblar a pobreza, garantindo o sustento de suas famílias, assim como um futuro melhor para os seus filhos.

Andréa Lobo (2012), a partir de pesquisa na ilha da Boa Vista, apresenta a construção de uma rede de solidariedade feminina que possibilita a emigração dessas mulheres, que seguem predominantemente para a Itália. A principal escolha de pessoa para deixar os filhos seria a avó materna, que segundo a autora, demanda a existência de netos em sua casa para realizar pequenos serviços domésticos, denominados *mandados*, assim como para ter com quem contar nos momentos de velhice. Lobo afirma também que o ciclo da maternidade somente se completaria nessa fase da vida, já que as avós afirmam que as mulheres que engravidam novas não teriam cabeça para criar uma criança, uma vez que estariam preocupadas com outras coisas.

Ainda, Lobo aponta que a noção do parentesco na Boa Vista se daria pela via da casa onde a pessoa é criada, conhecida como *nos casa* ou *nha casa*<sup>55</sup>, sendo ela a definidora de pertencimento. Ou seja, é o ato de viver junto que indicaria a família a qual as pessoas fazem parte. Isso se dá porque a rede de solidariedade feminina ultrapassa o âmbito do parentesco biológico, sendo possível que vizinhas de longa data *aguentem*<sup>56</sup> os filhos uma da outra para possibilitar a saída das mesmas para o mundo do trabalho, fazendo da comunidade uma

---

<sup>54</sup> São trabalhos acerca do tema Barros, 2016; Correia e Silva, 2014; Fortes, 2015a, 2015b, 2016; Fortes e Silva, 2011; Grassi, 2003; Grazi e Évora, 2007; Laurent, 2016; Lobo, 2011, 2012b, 2012d, 2013; Rodrigues, 2007; Silva, 2012.

<sup>55</sup> “Nossa casa ou minha casa” em crioulo.

<sup>56</sup> Expressão que significa ajudar a cuidar e criar uma pessoa.

extensão da família. Com base na noção de *relatedness*<sup>57</sup>, família seria, para as interlocutoras de Andréa Lobo, as pessoas com quem se pode contar.

Quando não é possível que a avó materna *agente* o seu neto para possibilitar a projeto emigratório de sua filha, as mulheres ampliam o seu leque de possibilidade, contatando irmãs, primas e tias, assim como aciona as mulheres do grupo doméstico do seu pai-de-filho, que mesmo com a ausência masculina na criação das crianças, as mulheres da família paterna também entram na disputa pela presença dos rebentos na vida cotidiana.

Além da emigração, a outra alternativa para garantir a renda da casa encontrada pelas mulheres cabo-verdianas é o comércio informal, tema deste trabalho. Seja na própria casa, na rua ou em lojas, as mulheres cabo-verdianas se transformam em comerciantes, sendo elas a maioria nesse ramo. Por isso, Rodrigues aponta que as *rabidantes* formam “uma intrincada rede de agentes económicos femininos independentes” que, “através da economia informal, constroem laços e lucros por todas as ilhas e para além destas” (2007, p. 132), tudo isso em prol de melhorias para o grupo doméstico.

A primazia feminina no comércio não é uma característica exclusiva das cabo-verdianas. Na mesma área geográfica, na Guiné Bissau, temos o comércio feminino protagonizado pelas *bideiras*, que

são mulheres que compram junto de múltiplos pequenos produtores os excedentes da produção, por exemplo de arroz ou peixe, reunindo uma quantidade apreciável de mercadoria, que depois, distribuem em grosso ou a retalho noutros mercados, a partir da sua própria casa, ou através *kulkadores*<sup>58</sup> que revendem as mercadorias junto dos consumidores. Estes agentes e circuitos informais controlam o comércio dos bens alimentares, incluindo fruta, vegetais, arroz produzido no país, peixe (Domingues, 2000, p. 301).

Também nessa região, Brooks (1976), apresentou o caso das *signares*<sup>59</sup>, uma classe de mulheres que residiam na região de Saint Louis e Gorée, hoje territórios pertencentes ao Senegal, que controlavam parte considerável do comércio entre a costa oeste africana (e seu interior) com países Europeus, especialmente Portugal, que fazia uso da proximidade de Cabo Verde com a região para manter esse fluxo comercial. As *signares* foram as responsáveis por atrair os europeus para o comércio no Senegal, que era muito próspero, formando o elo entre os homens europeus e as mulheres euroafricanas e africanas, onde os homens visavam ganho

---

<sup>57</sup> Para Carsten (2004), o parentesco agiria enquanto uma rede de apoio, indo além dos laços de sangue, sêmen e leite.

<sup>58</sup> “Os ‘*kulkadores*’ são pequenos vendedores ambulantes, geralmente mulheres, que se deslocam a pé ou em veículos colectivos, e procurando escoar rápida ente os produtos alimentares perecíveis em que negociam” (Domingues, 2000, p. 301).

<sup>59</sup> Outros nomes para *signares* são *nhara* (usado na Guiné Bissau) e *senora* (Gâmbia), todos eles derivados da palavra portuguesa senhora (Brooks, 1976, p. 20).

pessoal e as mulheres a expansão do seu comércio. Algumas delas eram tão ricas que possuíam empregados e escravos domésticos em suas casas. (Brooks, 1976).

Muitas vezes, as *signares* acabavam se cansando com homens importantes do governo colonial e se aproveitavam do poder que eles possuíam para aumentar os seus negócios. Assim como as comerciantes cabo-verdianas, as *signares* possuíam centralidade tanto na vida doméstica quanto no âmbito comercial. Ainda, elas eram responsáveis por parte da vida cultural de suas cidades, já que em suas mansões ocorriam diversas festas e espetáculos que entretinham a população local.<sup>60</sup>

Esse paralelo entre os casos das cabo-verdianas e das *signares* mostra que, em contextos de embate colonial, não podemos tentar compreender as relações familiares e de gênero exclusivamente pela via da lógica dos colonizadores que, dentro de sua forma de patriarcado, fixavam a mulher no mundo doméstico e dava ao homem o privilégio da circulação na rua. Se aplicada essa concepção sem nenhum tipo de crítica, ela se mostrará demasiado simplória e falaciosa, principalmente tratando do contexto de criouliização cultural cabo-verdiano, emergido do encontro de civilizações africanas e europeias. Logicamente, não estou esvaziando o patriarcado de sua “culpa” nas desigualdades existentes nas relações entre homens e mulheres em Cabo Verde, apenas tento enfatizar que as dinâmicas familiares e a centralidade da mulher no mundo doméstico devem ser vistas com mais cuidado e complexidade do que unicamente por essa relação de causa e consequência, para não correr o risco de ficar em um debate raso.

Nesse caminho, Rodrigues (2007) fala da impossibilidade de compreender a divisão sexual do trabalho em Cabo Verde a partir das teóricas feministas do final do século XX, que partem do pressuposto de que a estrutura nuclear patriarcal euramericana de família é universal, assim como a opressão ao universo feminino que advém dela. Por isso, devemos olhar as performances de masculinidades e feminilidades existentes no arquipélago também a luz das etnografias sobre a costa ocidental da África, que podem ser bem ilustrativas.

No mesmo sentido, Oyèwùmí (s.d), socióloga nigeriana, a partir de uma intensa revisão bibliográfica sobre as estruturas de parentesco da costa oeste da África, argumenta que, mesmo com o empenho do estado colonial – além do neocolonial e do pós-colonial –, a família nuclear não se apresenta enquanto um projeto consistente em contextos africanos, já que a maternidade estaria atrelada à ideia de descendência, não à de subordinação a um homem. Partindo do caso Iorubá, Oyèwùmí também indica a importância da mulher para a reprodução biológica e social

---

<sup>60</sup> De forma mais popular, as comerciantes as Mindelenses também são responsáveis por um importante evento cultural da cidade, o carnaval. Elas costumam trazer produtos para as escolas de samba da cidade e, muitas vezes, são responsáveis por alas que compõem o desfile de carnaval.

das sociedades africanas, apontando a linhagem enquanto o sistema de parentesco por excelência dos Iorubá.

Embora a história e a atualidade de Cabo Verde demonstrem a existência de múltiplas formas de configuração familiar, a maior parte dos trabalhos sobre a área versa sobre a importância das mulheres para o agregado familiar (Fortes, 2016). Todavia, a absorção da família nuclear europeia como modelo correto, faz com que as pessoas enxerguem as formas de organização familiar presentes no arquipélago – como famílias monoparentais, famílias extensas com a presença de várias gerações e famílias centradas na figura das avós – pela via da desestruturação, mesmo que esses casos, que são entendidos como “exceções à regra” hegemônica, sejam os representantes da maior parte dos conglomerados familiares no âmbito da prática (Barros, 2016; Lobo, 2011).

Essa noção de desestrutura está presente no trecho que abre um dos artigos de Lobo (2012d) sobre o tema. Uma de suas interlocutoras, que era professora em um Liceu na Boa Vista afirmou que

É uma família desestruturada, não é normal como lá na Europa, por exemplo. Lá o pai e a mãe dividem tudo, a responsabilidade na casa e no trabalho. Aqui é só a mulher ... coitada ...! O homem só quer saber “de do seu egoísmo, de da sua rua”, das pequenas [namoradas] e do grogue [cachaça] (LOBO, 2012d, p. 100).

Isso mostra que o discurso da “desestrutura” familiar cabo-verdiano está presente em todas as camadas da população.

Os modelos tidos como “desestruturados” têm sido alvos de uma série de políticas públicas – como a criação de um estatuto da família – que visam conter esse padrão de formação familiar, que seria prejudicial ao desenvolvimento do país. Assim como dentro do aparato estatal, há pensadores que enxergam na monoparentalidade feminina a raiz de muitos problemas do país, como é o caso de Correia e Silva (2014). O autor aponta que seria necessário fazer uma etnografia “realista” das relações familiares nas classes baixas de Cabo Verde, sem uma suposta “romantização”, afirmando também que a família mononuclear seria menos eficaz que o padrão familiar assentado na conjugalidade, sendo incapaz de prover educação, padrão de consumo desejável, possibilidade de mobilidade social, além dos riscos de doença mental, gravidez precoce ou mesmo suicídio. Embora não apresente dados que corroborem com a sua argumentação, o autor não apresenta as desigualdades de gênero e classe como principais fatores que levariam a precariedade da vida da parcela da população mais pobre, uma vez que a presença paterna dentro de casa não é garantia de que melhores condições de vida para os filhos, como aponta Fortes (2016).

Ainda, creio que as etnografias apresentadas ao longo dessa discussão vão no caminho oposto ao apresentado por Correia e Silva, que afirma que a mobilidade social não é possibilitada nesse contexto familiar. Uma vez que um dos principais motivos da entrada das mulheres de extratos médios no comércio informal e nas redes emigratórias é justamente o desejo de ver seus filhos recebendo a educação que a maioria delas não teve acesso, sendo inúmeros os casos em que as mães obtiveram sucesso, a argumentação de Correia e Silva não conseguiria se sustentar.

Em um contexto em que a união de fato é a principal forma de relacionamento e a sua oficialização<sup>61</sup> costuma ocorrer quando o casal já está mais velho – e o homem com “mais cabeça” –, Rodrigues acerta ao afirmar que “a família nuclear patriarcal e católica, composta por um matrimônio permanente, baseado na fidelidade de ambos, homens e mulheres, não passa de um castelo de areia com um passado questionável e um futuro incerto” (2007, p. 135), uma vez que a efetivação uniforme da estrutura nuclear de família na sociedade cabo-verdiana, assim como deseja o governo do país, aparenta estar longe de ocorrer.

Ao tratar do sonho da família nuclear monogâmica, outro fator se apresenta para justificar a sua parca ocorrência: a baixa quantidade de casais legalmente casados. De acordo com o anexo 1, que trata do estado civil dos cabo-verdianos elaborado a partir do censo de 2010, dentro do contingente populacional de 369.412 pessoas entre 12 e 65 anos, 46.744 estavam casadas (23.091 homens e 23.653 mulheres) e 96.367 estavam em união de fato<sup>62</sup> (sendo 45.460 homens e 50.907 mulheres). Ou seja, mais que o dobro dos casais no país vive em união de fato, o que já era apontado como “a forma mais comum de conjugalidade” (Lobo, 2007, p. 90).

Mesmo que distantes da vida doméstica – quando estão na posição de pai-de-filho –, para os homens é vital gerar descendência, uma vez que ela está intrinsecamente ligada à construção da masculinidade no arquipélago, já que a socialização masculina demanda que os

---

<sup>61</sup> Mas essa nem sempre é a história das mulheres do arquipélago, que podem findar suas vidas sem nunca oficializarem um matrimônio.

<sup>62</sup> O Artigo 1563º do Decreto-Legislativo nº 12-C/97 de Cabo Verde apresenta a união de fato enquanto “a convivência de cama, mesa e habitação, estável, singular e séria entre duas pessoas de sexo diferente com capacidade legal para celebrar casamento, por um período de, pelo menos, três anos, que pretendem constituir família mediante uma comunhão plena de vida”, enquanto o casamento seria, segundo o artigo 1554º do mesmo decreto-legislativo, “a união voluntária entre duas pessoas de sexo diferente, nos termos da lei, que pretendem constituir a família mediante uma comunhão plena de vida”. A existência da união de fato na legislação cabo-verdiana já aponta para a relevância cultural desse modelo familiar no contexto do país (Braz Dias, 2000, pp. 86-7).

homens tenham várias parceiras sexuais, embora a poligamia não seja formalizada, e, assim, expressem a sua virilidade através da geração de novos (e mais) filhos<sup>63</sup>.

Enquanto a performance da masculinidade dos homens cabo-verdianos permite a sua ausência masculina no que tange as relações paternas, a presença deles é dada como certa quando eles se encontram no papel de filho. Assim, autores como Barros (2016), Lobo (2011; 2012d) e Rodrigues (2007) apontam para as relações entre mãe e filhos como vínculos fortes, enquanto os laços entre pai e filhos são vistos como frouxos, mesmo nos casos em que ambos coabitam. Nesse conjunto de relações, a conexão entre a mãe e os seus filhos é marcada por maior proximidade, ao mesmo tempo que a distância e o respeito seriam as características que definiriam o relacionamento entre os filhos e seus pais.

A fraqueza das relações entre pai e filhos estaria associada à maior volatilidade do vínculo entre pai-de-filho e mãe-de-filho. Dada a instabilidade dessas relações, muitas mulheres apontam que os únicos homens com quem se pode contar são os filhos do sexo masculino. Assim, é comum casos de mulheres que reclamam da falta de confiança nos homens, que não transmitiriam confiança para elas, seja no âmbito econômico ou no afetivo (Fortes, 2015b; Rodrigues, 2007).

Mesmo com a ausência do homem na vida doméstica, é importante que o pai reconheça e registre seus filhos, uma vez que a confirmação da paternidade é de extrema importância para gerar e/ou fortalecer laços entre famílias. Como aponta Lobo (no prelo)

não se trata necessariamente de um privilégio material, visto que assumir a paternidade não garante apoio econômico, ajuda na educação ou mesmo na proximidade entre pai e filho, mas é um privilégio simbólico, já que ter o nome do pai, é marca de qualidade face ao modelo de família considerado ideal.

A importância do *pai-de-filho* na construção de laços entre famílias se materializa no caso de Clementina. Uma vez que sua mãe e sua irmã estavam emigradas na Itália e sua avó materna – que a havia *aguentado* enquanto sua mãe estava emigrada – já estava idosa, ela achou na mãe de seu *pai-de-filho* a segurança de alguém para cuidar de sua filha quando chegou o seu momento de emigrar. Em sua fala, Clementina enfatizou a importância das avós maternas, que são as pessoas com quem se conta nos momentos de necessidade, assim como essa confiança é depositada nas mães.

Apesar de ter obtido auxílio da avó paterna de sua filha no processo de criação dela, ela diz ter tido muita sorte, visto que essa não é uma situação rotineira. Para ela,

---

<sup>63</sup> “Having a child is an important value in the male universe, like having a female partner (or many). Both are symbols of manhood constantly shown in conversations among men” (Lobo, 2011, p. 215).

o problema é que os cabo-verdianos fazem muitos filhos (...) e o pai não assume. Quando a menina fica grávida eles não *assumem*, às vezes nem dão o nome para o próprio filho. São poucos que assumem. Aqueles que são casados, aqueles que vivem com a mulher sim. Mas aqueles solteiros nem dá nada para o filho, só o nome do pai, tem muitos casos que é assim. Não são responsáveis dos filhos, nem sequer lembra que existe os filhos, tem muitos cabo-verdianos assim. (Trecho da entrevista realizada com Clementina em 23 de fevereiro de 2017).

A liberdade masculina de optar pela forma como assumirá (ou não) os seus filhos, dá força à centralidade feminina na vida doméstica. Por isso, a figura da mulher – seja ela enquanto mãe ou avó – representa o ente da família com quem os filhos sabem que podem contar, já que a elas não lhes é permitido socialmente abnegar da prole. Assim, a centralidade nas decisões da família, que dentro da tradição ibérico-cristã deveria ser de uma figura masculina, acaba recaindo nas mulheres, o que acaba sobrecarregando-as de mais uma atividade que tradicionalmente esperava-se que fosse cumprida pelos homens: a de trazer o dinheiro para casa.

Contudo, faz-se necessário diferenciar a ideia de chefia do lar para os órgãos públicos e a chefia a partir da centralidade feminina. Para os dados governamentais, como no caso apresentado por Fortes (2015b), a chefia do lar é definida a partir da existência ou ausência de um homem no lar, não importando fatores como contribuição financeira, afetividade, entre outros, pois assim existiria uma família “estruturada”. Se há um homem, logo infere-se que ele é o chefe da família, o que, dentro dos casos apresentados, apresenta-se como uma falácia.

Embora Fortes aponte que muitas mulheres veem a necessidade de se ter um homem dentro do lar para responder à chefia da família, uma vez que uma “casa sem homem é (seria) um navio à deriva” (Fortes, 2015b, 157), as minhas interlocutoras que não vivem em união de fato mostraram-se felizes pela liberdade de não dever satisfação para um companheiro, que muitas vezes pode atrapalhar a dinâmica familiar mais do que ajudar.

Já a chefia pela via da centralidade feminina estaria vinculada à capacidade de tomar as decisões do agregado doméstico, se responsabilizar “socialmente perante situações de sucesso e fracasso na educação e criação dos filhos” (Fortes, 2015n, p. 152). Embora não implique necessariamente na ausência masculina, ela se constitui por meio da falta de poder do homem dentro do grupo doméstico – ele pode até mandar, mas a última palavra dificilmente será dele. Para Maria, o fato de as mulheres costumarem ter um papel central na vida das famílias, mesmo com a presença de um marido, companheiro ou algum outro homem sênior, seria um fator cultural. Como ela disse,

isto é herança dos cabo-verdianos. Geralmente a mulher tem mais, em Cabo-Verde a gente diz expediente, mas é ... Mais luta, tem mais espírito de luta... O homem é mais acomodado. Aqui em Cabo Verde grande parte das famílias é a mulher que é chefe de

família, o homem pode contribuir, pode estar lá, pode estar presente, mas é a mulher é que é... (Trecho da entrevista realizada com Maria em 09 de fevereiro de 2017).

Como as demais mulheres, Maria não é casada no civil, vivendo em união de fato com o seu marido, emigrado em Portugal. Os dois estão juntos há 26 anos e têm 2 filhos, um rapaz de 21 anos que, assim como o pai, encontra-se em Portugal, mas cursando ciências da comunicação, e uma moça de 16 anos que está para concluir o Liceu. Mesmo que ele envie remessas frequentemente para ajudar nas finanças da casa e que seu pai more em sua casa, é ela quem toma as decisões mais importantes no que concerne o grupo doméstico.

A exaltação da força da mulher cabo-verdiana foi tema frequente nos discursos das comerciantes. Bia, comerciante de 50 anos e dona de um conjunto de quiosques na Praça Estrela, afirmou que “mulher que luta é assim mesmo”, dando a entender que a chefia feminina é um elemento rotineiro nas famílias cabo-verdianas desde que a mulher assuma para si a função de provedora. Muitas vezes, a garra das mulheres-mães, que lutam para pôr o pão na mesa e dar aos seus filhos educação de qualidade, aparece, nos discursos das comerciantes, associada a essência do que seria a mulher africana, que, dentro do jogo identitário vivido por Cabo Verde, seria aquela que não desiste e encara os desafios.

A garra e centralidade da mulher cabo-verdiana pode ser encontrada em todas as histórias apresentadas. Nas duas histórias que justificam a entrada no comércio pela via da gravidez, percebemos elementos que se repetem: a gravidez, os pais das moças que não aceitam a gravidez e as mães que lutam para mantê-las no seio familiar (e conseguem), tudo isso ocorrendo dentro contexto familiar onde ou a mãe ou o pai são as pessoas que estão emigradas. Ainda, a entrada de Júlia e Sônia no comércio transnacional pode ser justificada tendo em vista que esse trabalho é razoavelmente comum em Cabo Verde, uma vez que quase todas as pessoas possuem um parente emigrado. Ainda, ele é acessível por poder ser feito em casa e seu primeiro investimento vir da própria família, como ocorreu com Júlia.

Nos casos agrupados no segundo tópico, onde a presença mais próxima ao cotidiano da família foi a justificativa usada, há, implicitamente, a ideia de que o comércio em Mindelo seria um tipo de trabalho que se permite público e privado ao mesmo tempo, uma vez que pode ser realizado na própria casa das comerciantes, assim como elas possuem maior liberdade para levar os seus filhos consigo para o trabalho, já que elas seriam as próprias chefes. Essa dualidade entre o público e o privado é o que marca o trabalho desempenhado por essas mulheres, uma vez que elas circulariam entres esses dois mundos a todo momento, tirando-os da categoria de opostos, uma vez que eles atuam, para elas, como complementares.



Em todos os casos, percebe-se uma constante: mulheres que viram no comércio a oportunidade de garantir sustento para elas e seus familiares. Nesse sentido, há um ponto que apareceu implicitamente nas falas das mulheres comerciantes que começaram o fluxo transnacional ainda com os filhos jovens, a oportunidade de garantir melhores condições de vida para eles, ou seja, que eles tenham acesso ao ensino superior, nível de instrução que pouquíssimas mulheres neste ramo possuem. Por isso, elas desejam que os seus filhos sigam outros caminhos, para que não tenham a vida de sacrifícios que elas levaram. Maria é uma advoga nesse sentido, tendo afirmado que

eu não prefiro, mas eles que têm que gostar para aceitar, porque o futuro é dele. Se eles querem fazer pedreiro, fazem pedreiro, se querem ser pescadores, fazem. Se querem ser médicos ou engenheiro também. Eu só dou a orientação para eles escolherem bem o que tem saída porque as coisas então cada vez mais difíceis (Entrevista realizada com Maria, 09 de fevereiro de 2017).

O curioso nesse caso é que, mesmo que Maria tenha seguido os passos da mãe,<sup>64</sup> a contragosto dela, ela demonstra querer que os filhos sigam outros caminhos.

Em um ambiente onde educação é a principal herança que os pais podem deixar para os filhos, as mães se orgulham dos feitos de seus filhos. Bia revelou, com a sensação de dever cumprido, que, entre os seus três filhos, o mais novo, de 23 anos, ainda mora com ela, a filha de 32 anos está na França fazendo seu mestrado, a outra, que tem 26 anos e é modelo, trabalha em uma empresa de televisão na Angola, e já tendo participado de programas de televisão aqui no Brasil nas emissoras Record e Globo.

Marta, ao ser perguntada sobre quando se aposentaria, me falou que o comércio “é o único trabalho que eu tenho agora, eu tenho que dar curso (superior) ao outro filho” retomando ao que seria o ponto principal da sua permanência na loja. Ela continua dizendo que “depois que eu dei o curso *pra* minha filha e ela formou ela disse ‘mãe, a tua princesa é formada em administração’, eu entendi para que eu era necessária e eu tirei aquele peso de cima de mim”, mostrando que a recompensa para todo o sacrifício feito por ela é poder ver seus filhos progredindo na vida.

Porém, nem sempre as coisas acontecem da maneira como é desejado. Com a alta taxa de desemprego – que atualmente está em torno de 15% - muitos jovens recém-formados estão

---

<sup>64</sup> Animada dona de um salão de beleza e de uma boutique, além de exímia costureira, Maria cresceu vendo a sua mãe mexendo com as duas primeiras profissões, já que a casa de sua infância era no piso superior do estabelecimento de sua mãe. Embora sua mãe não quisesse que ela seguisse os seus passos por saber das dificuldades que ela encontraria ao longo dos anos de trabalho, chegando a mandar Maria para Portugal para completar o Liceu e realizar alguns cursos complementares, não teve outro jeito quando a primeira veio a falecer em 1997. Neste ano, Maria tomou os negócios que eram da mãe para si, realizou a sua primeira viagem para reabastecer o estoque da boutique e reorganizou as finanças, já que os devedores deixaram de pagar as dívidas que tinham com sua falecida mãe por ela não estar mais presente para cobrá-las.

sem trabalho, já que eles são os mais atingidos pela escassez de trabalho. Embora não queiram que seus filhos sigam o mesmo caminho, o comércio se mostra como uma via provisória enquanto eles não encontram um emprego fixo.

Esse é o caso das filhas de Bia e Marta. Bruna, filha de Bia, acaba de ter seu primeiro filho e, por isso, ficou um tempo ajudando a mãe no trabalho, para assim ter dinheiro para comprar o enxoval de seu filho. Chris, filha de Marta, acaba de voltar de Portugal, onde concluiu o curso de Relações Públicas. Para ganhar dinheiro, faz alguns artesanatos e revende objetos de arte indiana na loja da mãe, que conta com uma estante apenas para expor as coisas da filha. Em ambos os casos, o tom de temporariedade no serviço está presente, não sendo desejável que elas permaneçam por lá muito tempo, já que se espera que elas achem algum emprego no nível de escolaridade delas. Aqui também é percebido o distanciamento dos homens da família no comércio, uma vez que geralmente são as filhas que se envolvem com maior intensidade no trabalho da mãe.

Com tamanha dedicação das mães para fornecer um futuro melhor para seus filhos, não é à toa que um comentário da então presidenta do PAICV, Janira Hopffer Almada, em 2015 tenha gerado tanta polêmica (e revolta). Nas vésperas do período de eleição ao cargo de presidente de Cabo Verde, ela proferiu um discurso em que apontava, a venda de pastel e canja<sup>65</sup> como uma forma dos jovens ganharem dinheiro, tendo em vista que a taxa de desemprego, que está em 15%, atinge com mais força essa parcela da população. Mesmo tendo ocorrido dois anos antes da minha chegada lá, o assunto ainda era ponto de pauta em muitas conversas, já que, em um contexto em que jovens com ensino superior completo representam a maior parcela dos desempregados, suas mães não ficaram nada contentes em imaginar que, após tamanho esforço, eles teriam que passar pela mesma situação que elas.

Quem não tem casos de sucesso dos filhos na vida escolar, como os apresentados, vem trabalhando duro para que tenha, como Júlia e Sônia, que têm filhos quase finalizando o Liceu e já pensam para onde vão mandar os filhos para estudar. Embora ambas pensem em mandar os filhos para Portugal por crerem que lá os cursos superiores seriam de melhor qualidade, Júlia ainda não tinha certeza se faria isso. A razão para tal é que o pedido de visto estadunidense para realizar o reagrupamento familiar em Brockton, Massachussets, poderia sair a qualquer momento. Assim que o visto fosse liberado, ela se mudaria com a família para lá e seu filho poderia estudar nos EUA.

---

<sup>65</sup> O discurso que causou todo o rebuliço está parcialmente disponível em <https://goo.gl/bF9hE8>. Para ver o contraponto apresentado pela candidata, acesse <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article109993>.

Devido à importância que elas pontuam na garantia de educação para os seus filhos, não podemos enxergar o comércio que elas desenvolvem apenas pela via do empoderamento financeiro, uma vez que muitas vezes não existe dependência econômica das mulheres frente aos pais dos seus filhos e, como afirma Silva (2012), “essa pretensa independência financeira não necessariamente reveste as desigualdades de gênero” (p. 25).

Ainda, é rotineiro que parte do dinheiro que elas ganham no comércio não fique com elas, sendo distribuído conforme as necessidades da família, onde os filhos aparentam estar sempre em primeiro lugar. Todavia, não posso negar que é por essa via que elas conseguem melhorar a qualidade de suas vidas. Como via de reduzir as desigualdades de gênero no arquipélago, algumas organizações não-governamentais foram fundadas com o intuito de tratar especificamente do crescimento financeiro e social das mulheres cabo-verdianas. Para entender melhor esse contexto, sigamos para o próximo tópico.

### iii. O papel das ONGs para o comércio em Mindelo

Embora o discurso de “famílias desestruturadas” venha aparecendo com muita força nas políticas públicas atuais, ele não é novo em Cabo Verde. Desde a década de 1980, ONGs vêm surgindo com o propósito de reduzir as desigualdades de gênero presentes em Cabo Verde, em confluência com a Década para as mulheres das Nações Unidas, que ocorreu entre 1976 e 1985 (Grazi & Évora, 2007). O trabalho dessas ONGs é voltado, primordialmente, para garantir melhores condições de vida para as mulheres que não contam com apoio do *pai-de-filho*, uma vez que a monoparentalidade feminina é a segunda forma mais recorrente de residência de jovens e crianças (vide tabela a seguir).

Situação perante à vivência com os pais biológicos	Total		
	Total	Masculino	Feminino
<b>Cabo Verde</b>			
<b>Total</b>	<b>191329</b>	<b>95976</b>	<b>95353</b>
Orfão de pai e mãe	772	388	384
Orfão de mãe e vive com o pai	611	321	290
Orfão de pai e vive com a mãe	5803	2984	2819
Orfão de mãe e não vive com o pai	1111	523	588
Orfão de pai e não vive com a mãe	1036	505	531
Não orfão e vive com os pais	81344	40897	40447
Não orfão e não vive com os pais	24654	12011	12643

Não orfão e vive só com a mãe	68535	34152	34383
Não orfão e vive só com o pai	6399	3676	2723
Não sabe	587	291	296
ND	477	228	249

*Tabela 1- Situação de jovens perante à vivência com os pais biológicos (Fonte: INE-CV)*

As ONGs começaram a se estruturar na primeira década do pós-independência, no período em que Cabo Verde ainda estava no regime monopartidário do PAIGC, como forma de apoiar as mulheres, especialmente as mães-solo em sua dupla jornada de trabalho. Ainda hoje, elas possuem caráter fundamental no desenvolvimento de pequenos negócios, como os das comerciantes transnacionais, através do fornecimento de microcrédito, uma forma menos burocratizada e humanizada de empréstimo.

A primeira delas foi a OMCV (Organização das Mulheres de Cabo Verde). Fundada em 1981 por “várias mulheres que participaram no processo da luta de libertação nacional”<sup>66</sup>, era fortemente vinculada ao governo da época, tendo que passar por um processo de reestruturação quando o PAIGC deu lugar ao PAICV, no início da década de 1980, refinando os seus objetivos enquanto ONG. Hoje conta com mais de mil membros e sua criação foi tão importante que o dia da mulher cabo-verdiana é comemorado no dia 27 de março, dia de sua criação.

Os principais eixos de trabalho da OMCV – o que pode ser estendido para as demais ONGs de amparo às mulheres – são a “saúde, saúde sexual e reprodutiva, direitos da mulher formação e capacitação profissional, educação pré-escolar, novas tecnologias de informação e comunicação, microcrédito, atividades geradoras de rendimento género, população e desenvolvimento e empreendedorismo feminino” (OMCV, no prelo).

Desde o ano 2000 a OMCV possui o programa de microcrédito, que foi criado na Praia, sede da OMCV, e estendido para as outras ilhas, chegando em São Vicente no ano de 2005. O microcrédito é concedido para quem tem ou quer começar um negócio, como forma de driblar a alta taxa de desemprego. Concomitantemente a ele, ocorrem visitas frequentes e palestras motivacionais e de formação, para quando os negócios não vão muito bem. A ONG “tem como visão o bem-estar social, económico e cultural da mulher, das famílias e da sociedade cabo-verdiana no geral, através da defesa e promoção dos direitos da mulher integrado numa perspectiva de género” (OMCV, prelo).

Após muitas idas à OMCV, consegui me encontrar com a funcionária responsável pelo programa de microcrédito, já que a mesma estava sempre muito ocupada realizando

<sup>66</sup> Excerto tirado de <https://aviagemdosargonautas.net/2014/03/09/cabo-verde-17/>. Acesso em 20.06.2017.

acompanhamento das suas clientes. Ao ser questionada sobre a possibilidade de homens receberem microcrédito, ela me respondeu “claro, isso é igualdade de gênero”.

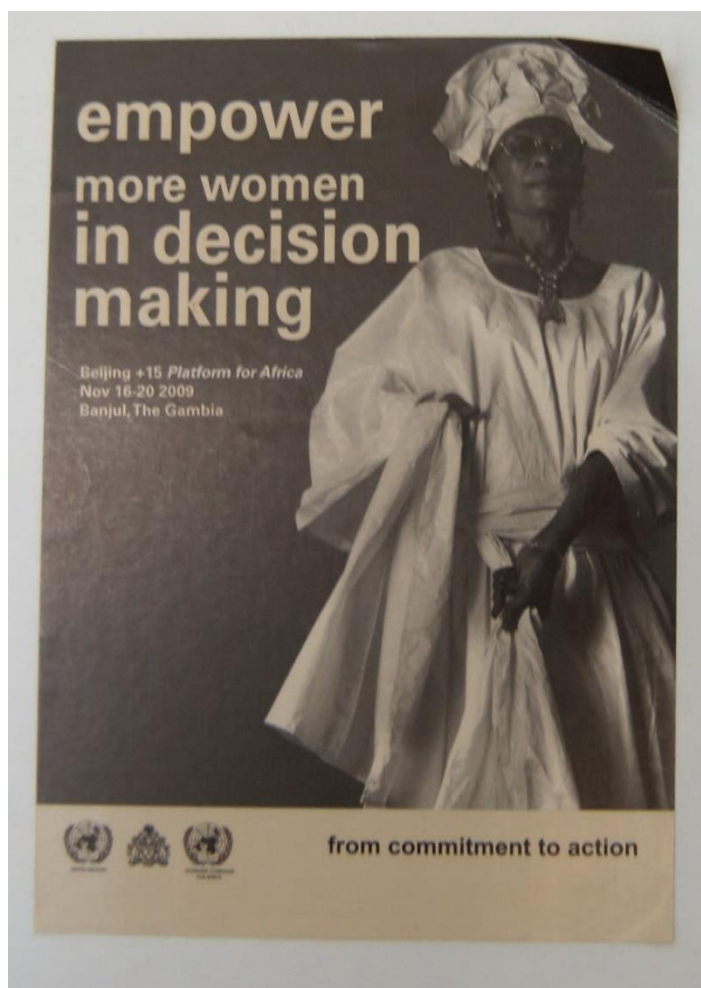


Figura 7- Cartaz na sede da OMCV "empodere mais mulheres no processo de tomada de decisão - Beijing +15 Plataforma para África"

Sobre o perfil das pessoas que solicitam o microcrédito, ela me falou que “normalmente são mulheres de baixa renda, com baixa educação formal, que não conseguem pedir em um banco”. É preferencial pedir o crédito na ONG porque lá a taxa de juros é mais baixa, o pagamento pode ser negociado e as prestações são mais baixas.

Outra importante ONG que pauta a emancipação feminina e fornece microcréditos é a MORABI, cujo propósito é ajudar as mulheres cabo-verdianas nos âmbitos social, econômico, político e cultural. A MORABI foi reconhecida como ONG pelo governo cabo-verdiano no dia 28 de março de 1992. Coincidentemente, apenas mulheres trabalhavam na filial de São Vicente, realidade que nem sempre se repete nas demais filiais ou na OMCV. Seu foco principal são os programas de formação, apoiados no de Microfinanças, a fim de suprir o déficit de mão-de-

obra qualificada no país. Na MORABI, o programa de microcrédito consolidou-se entre 2002 e 2004, facilitando o acesso ao crédito “sem dar o peixe, mas a vara”, como afirmou sua diretora.

O foco nas mulheres se deu porque a taxa de desemprego afeta mais as mulheres, principalmente mães-solo, com baixo nível de qualificação profissional, que sofrem com o que dona Fátima denominou “ausência física, financeira, psicológica e emocional do companheiro”. Dada a situação de vulnerabilidade do grupo mencionado, a MORABI visa dar autonomia financeira para essas mulheres custearem habitação, alimentação, saúde e educação dos filhos e delas mesmas. Segundo ela, “a mulher de Cabo Verde foi ensinada a ficar em casa, cuidando dos filhos e esperando o marido prover o sustento”, fazendo com que, após a independência do país, entrassem em “empregos precários e profissões feminizadas”. Todavia, a afirmação não vai de encontro com os dados etnográficos, que apontam para a constante presença de mulheres das classes populares nas ruas vendendo coisas, embora elas realmente se mantenham em profissões formadas majoritariamente por mulheres.

O programa de microcrédito na MORABI é tão forte que uma das 2 funcionárias aptas a fornecer microcrédito concedeu, nos últimos 3 anos (2014, 2015 e 2016), o total de 406 microcréditos, um número muito alto, já que no início quantidade de créditos concedidos não ultrapassava 20. Na ONG, somente é possível tomar um microcrédito por vez e o seu processo é apresentado como rápido e sem muita burocracia (vide figura 8). A cada ano o número de pedidos de microcrédito aumenta, gerando mais casos de sucesso e os “filhos da MORABI”, filhos de mulheres que tomaram microcrédito na ONG e conseguiram mudar a história de suas famílias.

Esse é o caso da Bia, que foi escolhida como a cliente do ano em 2015. Ela começou expondo seus produtos no chão da Praça Estrela, quando os quiosques ainda não tinham sido construídos. Ela começou tomando o seu primeiro microcrédito de 10 mil escudos, depois a MORABI lhe concedeu 100 mil escudos, seguido por um de 200, depois 300. O último microcrédito que ela pegou foi no valor de 500 mil escudos. Assim, de um quiosque na Praça Estrela, ela foi crescendo e crescendo, até nas cinco bancas que ela possui hoje, além de duas funcionárias que a ajudam com o serviço.

Fora do âmbito do comércio transnacional, dona Fátima, diretora da MORABI de São Vicente, contou-me a história de uma senhora que vendia os peixes que o seu marido pescava na cidade da Praia que, após pegar microcréditos na MORABI, conseguiu comprar todos os

instrumentos necessários para realizar o serviço e transformou o seu marido em funcionário, o que ela contava com o maior sorriso do mundo.

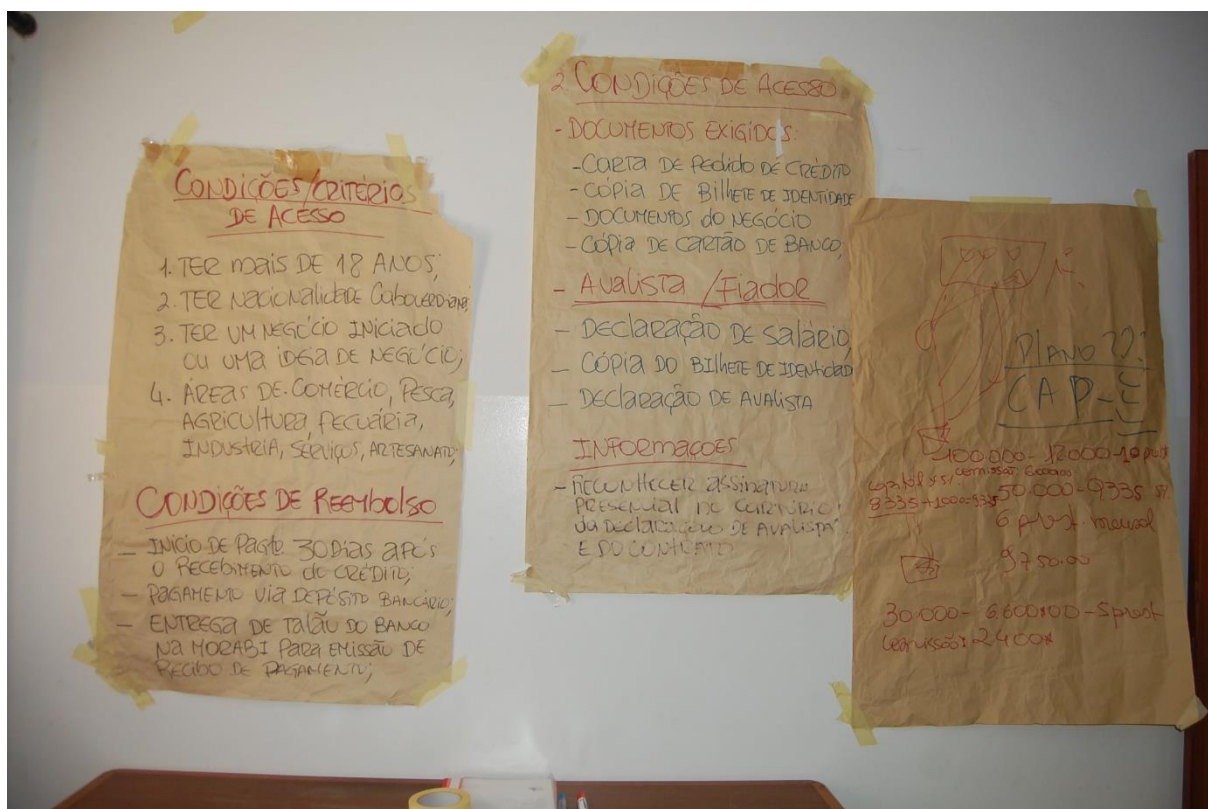


Figura 8- Cartazes na sede da MORABI com o passo-a-passo para se conseguir o microcrédito

Para conseguir fornecer os microcréditos para tantas pessoas, que não se sustentam apenas com a comissão e a taxa de juros que são embutidas na devolução do microcrédito, as ONGS firmam acordos de cooperação em âmbito internacional países como Japão, Luxemburgo (este foi o financiador da IV Semana Nacional de Microfinanças) e França, o Banco Mundial, e, em âmbito nacional, instituições públicas e privadas.

Mesmo com as boas intenções, as ONGs encontram-se em uma posição complexa, visto que ao mesmo tempo em que contribuem com a solidificação da ideia de família nuclear como melhor modelo para o país, por via de projetos que valorizem que os homens arquem com os ônus e os bônus do que seria o “papel de pai”, elas também fortalecem a autonomia econômica feminina por meio da promoção de trabalhos dominados pelas mulheres no arquipélago.

Ainda, as ONGs possuem um papel ativo no combate às desigualdades de gênero, uma vez que elas não apenas apontam os problemas, mas também ajudam, na medida do possível, a saná-los. Dada esse contexto, a minha inserção via ONGs mostrou a complexidade da valorização da vida local, tendo em vista que é tentado valorizar as duas formas de família, mesmo que apenas uma delas seja entendida enquanto um ideal.



A proposta desse capítulo era compreender, à luz dos dados etnográficos, as explicações utilizadas pelas comerciantes para justificar os motivos que as levaram para o mundo do comércio. Fatores basilares da sociedade cabo-verdiana, como poligamia não-oficial, ausência dos pais-de-filho no auxílio financeiro, emigração masculina e feminização do ambiente doméstico, acabam por confluir com situações específicas, tais quais gravidez imprevista, meio de ficar mais próxima dos filhos e forma de aumentar a renda durante a aposentadoria e/ou anos finais da vida, formando as justificativas que as comerciantes usam para entrar nesse mundo de intensos fluxos.

Todavia, esse quadro deve ser compreendido através de múltiplas causalidades que encaminham as mulheres para esse ramo, que acabaram convergindo em um ponto comum: a forte conexão entre a casa e a rua. Assim, a centralidade da mulher no âmbito doméstico, como apontada por Lobo (2012) e Rodrigues (2007), acaba se refletindo também no âmbito doméstico, tornando esses dois mundos um a extensão do outro, o que possibilita que as mulheres assumam a centralidade financeira do grupo doméstico realizando trabalhos que podem ser feitos em casa, local onde costuma se dá o início das atividades comerciais. Assim, as redes de apoio feminino que surgem dentro do âmbito doméstico se refazem nos fluxos comerciais, sendo os familiares emigrados os primeiros financiadores da empreitada comercial. Ainda, a rede de apoio feminino se faz importante na realização das viagens, sendo uma companheira da outra.

Como apontado, a centralidade das mulheres e consecutivo afastamento masculino da vida doméstica nem sempre é vista com bons olhos. Pesquisadores, agentes do Estado e ONGs trabalham em prol da consolidação da família nuclear como modelo a ser seguido no arquipélago. Embora os dois primeiros tenham um caráter mais rígido para a necessidade de se ter a família nuclear enquanto estrutural, as ONGs ocupam uma posição de maior fluidez, uma vez que, mesmo fazendo uso desse discurso, elas contribuam com o fortalecimento de mulheres chefes de famílias monoparentais por meios dos programas de microcrédito, de assistência à saúde feminina e capacitações que contribuem na formação educacional dessas mulheres.

Mesmo que a dupla jornada de trabalho das mulheres seja algo que contribua para intensificar a desigualdade de gênero, o compartilhamento da maternidade dentro da família ajuda a amenizar o fardo. É preciso analisar essa situação, também, pela ótica da desigualdade



de classe, uma vez que mulheres das classes populares são as mais atingidas pela dupla jornada de trabalho, que, no caso das comerciantes, é compensada pela extensão da casa para a rua e vice-versa. Assim, vale pontuar que a entrada no comércio não é importante apenas para as mulheres, uma vez que os seus filhos acabam sendo os principais beneficiários da atividade desempenhada por elas. Isso se dá porque elas veem no sacrifício do trabalho desempenhado por elas uma forma de garantir um futuro melhor para os seus filhos, através do ensino superior, para que eles não tenham que passar pelas mesmas privações que suas mães. Por isso, ousou afirmar que o fluxo comercial transnacional, tal qual as migrações, deve ser visto enquanto um projeto familiar, uma vez que toda o agregado doméstico colherá os frutos e sentirá os impactos da vida comercial da mãe.

Agora, findada a discussão sobre o que garante às mulheres a primazia nos âmbitos doméstico e comercial, chegou a hora de discutir como se dão as dinâmicas desse comércio transnacional, que, nos depoimentos apresentados ao longo deste capítulo, se mostrou enquanto garantidor de um futuro melhor para todo o grupo doméstico ao qual essas mulheres pertencem. No decorrer da discussão do próximo capítulo, veremos que, embora este capítulo foque na família e o próximo nos fluxos transnacionais, os dois assuntos não se separam.

## Capítulo 3 – *Compra ali, vende aqui* – o comércio transnacional em Mindelo

Após todo o percurso apontando o entrelaçamento da história de Cabo Verde com o comércio, revendo o termo *rabidante* e sua aplicabilidade em Mindelo, e passando pela centralidade das mulheres na vida familiar no arquipélago, chegamos ao momento de destrinchar as práticas comerciais realizadas pelas comerciantes transnacionais. Tendo esse eixo norteador, o capítulo será composto de duas partes complementares. A primeira tratará do trabalho das comerciantes a partir de uma perspectiva mais global, sendo abordadas as rotas traçadas, a importância dos fluxos emigratórios para sua existência, os empecilhos e facilidades no acesso a cada localidade onde elas realizam compras, os problemas com as mercadorias e o papel das famílias na continuidade do negócio.

Na segunda parte, o foco recai no trabalho delas em Mindelo. Tratarei das relações com as funcionárias, qual o papel destas dentro dos estabelecimentos comerciais, o processo de conquista da fidelidade dos clientes, além dos frequentes golpes e calotes que elas sofrem. Por fim, apresentarei três casos de homens no comércio transnacional, analisando como se dá a presença deles nesse espaço majoritariamente feminino, se pela via da exceção à regra ou como um complemento a ela.

### i. Fazer comércio dentro e fora de Mindelo

Tendo em vista que o número de habitantes da ilha de São Vicente é equivalente a apenas 30% do contingente populacional da ilha de Santiago, o fluxo de mercadorias em direção à primeira ilha também é menor devido à reduzida demanda, se comparado com o que acontece na capital do país. Outra diferença entre as duas ilhas é a ausência, em São Vicente, de um conglomerado comercial semelhante ao Mercado de Sucupira, localizado na cidade da Praia. Na cidade de Mindelo, os espaços que mais se aproximam da diversidade de atividades existentes na Sucupira é a Praça Estrela, na região central, e o mercado de Fonte Filipe, mais afastado do centro comercial da cidade e, por isso, não tão movimentado. Como a Praça Estrela possui maior centralidade, tanto geográfica quanto comercial, ela acabou ganhando mais atenção ao longo da pesquisa.

Ainda, devido à ausência de um grande mercado, as comerciantes transnacionais tendem a ser encontradas em boutiques, que se espalham por quase toda a cidade, mas se concentram

na sua área central, sendo as donas das boutiques a parcela mais significativa das minhas interlocutoras.

Como apontado ao longo da discussão acerca do termo *rabidante*, é notório que a noção de estar em constante movimento está no âmago do trabalho dessas mulheres. Todavia, como já salientado em capítulos anteriores, a noção de mobilidade está para além do fluxo comercial desempenhado por elas. Como pontuado por Vasconcelos (2012), o desejo de sair da ilha – e do país – faz parte da identidade dos sanvicentinos, que, ao migrarem, teriam na *sodade* a contraposição desse desejo. Eis que a *rabidância* surge como oportunidade interessante para estar em movimento: um trabalho que demanda a distância, mas não uma distância prolongada como a da emigração.

Mesmo que a ideia de saídas rotineiras do país possa ajudar a atrair as pessoas para esse ramo, creio que é errôneo conceder a ela todo o crédito da entrada das donas das boutiques no negócio, como fazem Haugen e Carling, ao pontuarem que “as boutiques são geridas exclusivamente por mulheres, e muitas delas não dependem do lucro de suas lojas, mas são motivadas pela perspectiva das frequentes viagens para comprar os itens”<sup>67</sup> (2005, p. 648). Apesar de a pesquisa de campo da dupla ter sido realizada há mais de uma década, muitas das comerciantes por mim entrevistadas já exerciam esse tipo de profissão nesse período e mostraram um cenário contrário do apontado pelos autores, onde a maioria das mulheres dependia dos recursos das boutiques para sustento de suas famílias.

Creio que apenas a “vontade de viajar” não seria uma justificativa boa o suficiente para garantir a permanência das mulheres no comércio, tendo em vista a série de dificuldades que elas encontram, tais como calotes, produtos que não são vendidos e outros. Tirando os períodos do verão (de julho a setembro) e das festas de final de ano, momentos em que há maior saída de produtos, elas afirmam que as vendas andam muito fracas. Por eu ter visitado a ilha no período seguinte às festas de final de ano, as lojas encontravam-se quase sempre vazias e, das vezes que os clientes entravam, eles costumavam sair de mãos vazias.

Ainda, ninguém começa o negócio já dentro de sua boutique. É um trabalho progressivo, que muitas vezes tem início na casa das próprias comerciantes, até que elas consigam o dinheiro para alugar ou comprar os estabelecimentos. Bia, por exemplo, apesar de possuir quiosques desde 1999, quando eles ficaram prontos, começou vendendo suas coisas no chão da própria Praça Estrela.

---

<sup>67</sup> Na versão original, “the boutiques are run exclusively by women, many of whom do not depend on the income from their shop but are motivated by the prospect of frequent travel to purchase goods” (Haugen&Carling, 2005, p. 648).

Antes aqui (na Praça Estrela) era uma praça, aí eles colocavam os produtos no chão. Depois colocaram a gente no outro lado da praça (onde hoje ficam os vendedores de souvenirs e produtos orgânicos) e começaram a construir os quiosques em 1995. Passamos quase 5 anos do outro lado (a construção terminou em 1998).

Assim que os quiosques ficaram prontos na Praça Estrela, ela começou alugando apenas um espaço. Atualmente, ela aluga cinco deles, sendo dois ocupados por salões de beleza, um apenas com cabelos, perucas, implantes e afins, outro destinado a armazenar os cosméticos para venda e o último com equipamentos de costura. O aluguel deles, que é pago à Prefeitura de Mindelo, sai a cinco mil escudos cada, menos que a metade de um salário mínimo, que é de 11 mil escudos.

Nas viagens para países onde as compras devem ser realizadas no atacado, as comerciantes costumam ir em grupo para dividir as grandes quantidades de itens que têm que comprar. A depender da época do ano, o grupo das comerciantes pode encher um avião da TACV. Quando uma comerciante se vê impossibilitada de realizar uma viagem, ela costuma solicitar que uma amiga que esteja indo traga os produtos que estão em falta – ou quase acabando – no seu estabelecimento. Isso gera uma troca favores que é muito comum neste tipo de comércio transnacional cabo-verdiano.

Por outra via, mesmo com todo o coleguismo que aparenta existir nesse ramo, muitas das comerciantes reclamam do “egoísmo” de algumas colegas de viagem, ainda que cada uma trabalhe com um ramo diferente dentro do comércio de Mindelo. Dona Bia passou por uma situação em que, ao perguntar o local aonde a colega havia adquirido umas bolsas, foi tratada de forma grosseira porque a “concorrente” não queria lhe informar sobre a origem daquele produto, o que deixou Bia chateada. Assim, as parcerias se restringem a grupos com poucas pessoas que elas consideram ser de confiança, uma vez que a concorrência é um fator importante para que elas se mantenham separadas.

Dentre todas as divergências que as comerciantes têm, há um tema de concordância: o serviço precário prestado pela TACV. Um ponto que elas destacaram em todas as entrevistas são os preços exorbitantes que a TACV tem cobrado pelo excesso de bagagem, além de uma suposta redução do peso por passageiro. Bia contou que antes o peso nos percursos Brasil – Cabo Verde e Europa – Cabo Verde era de 70 KG, hoje, o site da companhia aponta que o máximo permitido são dois volumes de 23kg (ver mais informações sobre excessos de bagagem no anexo 2).

Com a TACV há, ainda, o problema do extravio da bagagem. Em um desses incidentes, Maria, ao voltar do Brasil, acabou perdendo todas as compras, já que a bagagem completa nunca apareceu. A sua

carga foi embarcada, um ano depois apareceram algumas coisas no armazém da TACV, depois de eu ter escrito várias cartas, várias reclamações, diziam que não, que não, afinal as coisas estavam lá, durante um ano, quando tive acesso a elas as coisas já estavam quase todas estragadas. Enfim, perdi o dinheiro porque a única coisa que eles deram foi um bilhete de passagem outra vez pra Fortaleza, mais nada.

Devido aos problemas com a TACV, as comerciantes que possuem maior poder aquisitivo têm dado preferência para a TAP. Uma delas é Clementina, que costuma viajar sempre com a TAP pela companhia ser “mais séria”, segundo o seu ponto de vista.

Quando tem atraso ela assume seu atraso, a TAP é uma companhia séria para mim. A TACV é a pior companhia que tem no mundo para mim. Onde eu vou eu falo mal da TACV. É a companhia da minha terra, mas eles não são pontuais, duas vezes me fizeram perder o avião da ilha de Sal para Itália, que eu fui para Sal pegar aquele avião que vai de Sal direto para Roma. Duas vezes eu perdi o avião por culpa deles e eles nem sequer me deram o dinheiro do voo. Eles dizem que não assumem que eu perdi o avião por culpa deles, eles não assumem.

As rotas mais frequentes traçadas pelas comerciantes são Portugal, Estados Unidos, Brasil, Canárias e Senegal, enquanto Luxemburgo, Bélgica, Alemanha Itália, Guiné Bissau, Holanda, França e Inglaterra são destinos menos frequentes. Para todos os países que elas vão é necessário apresentar os documentos das suas respectivas lojas para conseguir tirar o visto,<sup>68</sup> que é o específico para comerciantes, e cuja validade é de um ano. De acordo com as informações fornecidas pelas comerciantes, o visto para o Brasil está custando por volta de nove mil escudos e o para Portugal está em torno de sete mil escudos.

Para se preparar para os períodos de intensificação nas vendas, Júlia, assim como as demais comerciantes, costuma viajar em maio/junho e em novembro ou início de dezembro para reabastecer a loja. Em seu estabelecimento, os produtos que mais vendem são o chinelo da marca Adidas, sapatos desportivos para homens, roupa de criança e o perfume da “Victoria (Secrets)”. É a partir da supervalorização da “origem”<sup>69</sup> dos seus produtos que é feita a diferenciação entre as lojas. Enquanto Júlia diz que os clientes têm preferência pelas coisas vindas dos EUA, afirmando que “aqui em Cabo Verde eles preferem os produtos da América por terem mais qualidade”, Clementina ressalta os seus produtos italianos, uma vez que, para ela, “na Itália só tem coisas bonitas”.

---

<sup>68</sup> Com exceção de Portugal, nenhum outro país possui representação consular na ilha de São Vicente, embora existisse no período áureo de funcionamento do Porto Grande. Isso, mais uma vez, gera revolta às moradoras de Mindelo, que têm que arcar com o deslocamento até a capital para dar entrada nos tramites burocráticos da solicitação do visto, o que torna a viagem delas ainda mais dispendiosa, acirrando a competição entre as duas cidades.

<sup>69</sup> O termo aparece entre aspas por serem raros os casos em que os produtos adquiridos tenham sido produzidos no país onde eles foram comprados. Com exceção de uma parte dos itens brasileiros, a maior parte dos produtos revendidos pelas comerciantes cabo-verdianas são fabricados em países cujos custos são menores do que se fossem fazê-lo em países de economia “desenvolvida”.



Figura 9- Principais rotas das comerciantes de Mindelo

Assim como os produtos e países de destino variam de comerciante para comerciante, a rotina de viagens também não é a mesma, embora costume coincidir com o período que antecede o aumento das vendas. Sônia, que fez do Brasil o seu primeiro destino de compras, no ano de 2005, ainda viaja a cada dois ou três meses para reabastecer sua boutique, sempre deixando alguém de confiança para tomar conta da loja, uma vez que costuma ficar de duas a três semanas fora do país. Quando vem ao Brasil, costuma vir em um grupo de três ou quatro amigas – apenas mulheres – para economizar o dinheiro do hotel e poder comprar no atacado mais barato, indo direto nas fábricas.

O contrário acontece quando ela vai para a Europa, onde ela costuma ir sozinha e pode comprar no varejo. Embora suas companheiras de viagem sejam suas potenciais concorrentes, já que estarão vendendo produtos similares, ela afirmou não haver competição entre o grupo, porque “cada uma tem os seus clientes, seus expedientes”<sup>70</sup> e mesmo que as lojas sejam próximas umas das outras, cada uma já possui a clientela fixa.

Para além de companheiras de viagem, os grupos de solidariedade que se constituem entre as comerciantes formam uma rede de apoio, atuando nos casos em que uma das integrantes do grupo esteja impedida de viajar. Sempre que elas precisam de algo que está em falta nas suas

<sup>70</sup> Os “expedientes” seriam a forma de trabalhar para conquistar a confiança e assiduidade dos clientes.

boutiques, elas pedem para que alguma amiga que esteja indo fazer compras traga para elas. Assim, uma mão vai lavando a outra.

As encomendas também partem dos clientes. Os que já são fixos têm o costume de solicitar que elas tragam sapatos, perfumes, colares e tênis, estando as marcas Adidas e Nike entre as mais vendidas. Em muitos casos, as encomendas são de produtos mais caros e de marcas específicas que provavelmente ficariam encalhados no estoque por terem menor saída, apontou-me Maria.

Nos últimos anos, as comerciantes vêm trocando destinos como Brasil e EUA, tidos por tradicionais, por viagens para o Senegal. Os motivos elencados por elas são a proximidade do país com o arquipélago, que distam um do outro um pouco mais que 500 quilômetros, e a existência de serviço de transporte marítimo para as compras, uma vez que a TACV é a companhia que realiza esse trajeto e, como apontado, as taxas para excesso de bagagem são demasiado caras. Ainda, me fora apontado que em Dakar as compras podem ser feitas com ouro, que é uma moeda de troca com potencial de valorização maior que o euro ou o dólar. Como é possível encontrar bons produtos no país, torna-se mais barato ir para lá fazer as compras, barateando o custo total e, assim, contorna-se a crise.

Embora Grassi (2003, p. 176) já tivesse apontado que, durante a sua pesquisa no início da década passada, as comerciantes já viessem reclamando que as vendas estavam baixas, a retórica da crise ainda é um fantasma que permeia os diálogos sobre comércio em Cabo Verde. Dona de cinco quiosques na Praça Estrela, Bia já chegou a viajar uma vez por mês para reabastecer o seu estoque, mas justifica que o aumento da concorrência – principalmente os chineses –, do preço da passagem e do valor do excesso de bagagem têm tornado as viagens caras e pouco lucrativas. Com a chegada dos chineses (tema a ser discutido no epílogo), as coisas ficaram ainda mais complicadas, já que eles tomaram para si até os produtos de carnaval, mercado importante para as comerciantes.

A redução das vendas é outro fator que contribuiu com o enfraquecimento do negócio. Para Bia,

“com a crise fica difícil, complica tudo. Antes o cliente pegava e pagava, agora os que pegam não pagam e muita gente nem pega... vida difícil. A crise afetou todo tipo de negócio, mesmo alimentos. As pessoas queixam que não tem movimento. Tudo fica difícil, difícil. Agora a vida de comerciante está mesmo difícil”.

O vínculo com a crise que Portugal vem enfrentando foi feito por Célia. Para ela, as recentes dificuldades econômicas dos dois países – Cabo Verde e Portugal – afetaram demais o poder aquisitivo da população, que tende a não quitar as dívidas dos parcelamentos feitos, gerando toda uma cadeia de não realização de viagens. A origem do problema, segundo Célia,

estaria na entrada de Portugal na zona do euro, quando tudo ficou diferente. “Antes era tudo mais barato, principalmente em Portugal”. Mesmo em crise, as comerciantes apontaram que os centros comerciais portugueses viviam cheios, o que iria em contradição ao discurso de que o poder de compra diminuiu. Assim como todas as outras comerciantes, Júlia também reduziu a frequência das viagens. Das quatro ou cinco viagens anuais que ela fazia, agora só realiza duas ou três.

Mesmo com as crises econômicas, os fluxos para outros países continuam sendo fundantes para a vida comercial mindelense, assim como os laços criados entre as comerciantes. Contudo, nem só de idas se constitui o comércio de Mindelo. Como forma de driblar os efeitos da crise na quantidade de viagens que ela realizava, ela aumentou a quantidade de produtos que sua mãe, residente na cidade de Brockton, EUA, envia por meio de *bidões*, relação que se mostrou crucial para o desenvolvimento do comércio em Mindelo, mostrando a importância das redes familiares e dos fluxos migratórios não só para o início do comércio, mas também para sua continuidade. Passemos para o próximo ponto para compreender a importância das redes migratórias para o comércio cabo-verdiano.

## ii. A confluência das redes migratórias e os fluxos comerciais

Devido ao intenso fluxo emigratório que data do início do século XX, a emigração acaba por permear quase todos os âmbitos da vida social cabo-verdiana. Por isso, é comum que praticamente todas as pessoas em Cabo Verde digam que possuem um parente – ou no mínimo alguém próximo – que está em outro país, seja na Europa, EUA, América do Sul ou África subsaariana. Com a ausência de “estimativas precisas, pode-se dizer que mais de metade da população cabo-verdiana vive fora do arquipélago” (Rodrigues, 2007, p. 128), uma vez que não é possível contabilizar os emigrantes que estão ilegalmente nos países de destino.

Ao analisar a emigração a partir do contexto da ilha de Boa Vista, Lobo (2012) discorre sobre a importância da mobilidade para a vida cabo-verdiana, apresentando a migração enquanto um projeto familiar, mesmo que o comprometimento com os que ficam seja diferente entre homens e mulheres. Tendo em vista o caráter coletivo que os projetos emigratórios assumem, as trocas de encomendas são fundamentais para garantir o vínculo entre as pessoas que foram e os que ficaram, como um sinal de que as pessoas se lembram umas das outras. As remessas são parte importante desse fluxo migratório que é tão importante no contexto cabo-verdiano não apenas pela ideia de reciprocidade, mas por garantirem o abastecimento de produtos não encontrados com facilidade no arquipélago.



Ainda, as remessas podem chegar em forma de dinheiro ou como produtos, que por sua vez podem ser enviados por terceiros que estejam indo para Cabo Verde ou em forma de *bidões* – barris que são enviados dos EUA e países europeus via navio e recheados por roupas, sapatos, comida, eletrônicos e afins, podendo conter produtos novos ou usados. Os produtos que vêm no *bidão* podem ter duas finalidades: presentear os parentes que ficaram ou servir para vender na cidade de origem do emigrante.

As remessas, segundo Defreyne (2016), são o que mantém a liga entre as pessoas, através do ato de fazer circular, garantindo a presença mesmo que à distância (Ibid., p. 157). A aquisição do conteúdo do *bidão* pelos parentes emigrados pode durar semanas, ou até meses, por isso, a abertura dos *bidões* são eventos que envolvem todo o grupo doméstico, já que cada um espera que tenham sido enviados bons presentes.



Figura 10- Bidão que costumava ficar na porta da boutique de Júlia. A folha na parte superior dele indicava que ela veio de Boston

Não por acaso, algumas das minhas interlocutoras começaram o próprio negócio graças a produtos enviados em *bidões* por familiares que estão residindo no exterior. Os *bidões* são tão

importantes para o comércio em Mindelo que, com a crise econômica, são eles que estão permitindo a continuidade de muitos negócios. Júlia, que reduziu pela metade o número de viagens que realizava, continua com a sua boutique lotada de produtos graças aos *bidões* de sua mãe, que vive em Brockton, Massachusetts, continua enviando.

Como sua mãe e sua irmã moram lá há quase duas décadas, Júlia possui planos de emigrar para Brockton para trabalhar e ficar com a família – realizando o tão sonhado reagrupamento<sup>71</sup> familiar. Enquanto eu estive em Mindelo, pude acompanhar a sua saga para conseguir o visto, que no início era de incerteza total, mas que acabou se concretizando, quando ela recebeu a notícia de que a sua solicitação havia sido aprovada.<sup>72</sup> Mas como ela trabalha sozinha na loja, ela ainda precisaria achar alguém de confiança para ficar em seu lugar quando ela for emigrar. A partir de então, a loja contará exclusivamente com os produtos dos EUA, que ela seguirá enviando para a pessoa que ficar responsável pela sua loja.

Com a sua experiência no fluxo dos *bidões*, aproveitei para perguntá-la como este acontecia. Então, ela me contou que a cidade onde sua mãe mora, Brockton, fica a 40 minutos de trem de Boston, estado de Massachusetts. Se as condições climáticas estiverem boas, cada *bidão* demora quinze dias de barco dos EUA para Cabo Verde, mas se o mar estiver agitado, o traslado pode demorar até três dias a mais. Existe um grupo que se organiza para ir de carro buscar os *bidões* diretamente nas casas dos emigrados, para levá-los ao porto de Boston, facilitando o trabalho dos cabo-verdianos. Essa profissionalização do envio de *bidões* é algo comum em países com muitos emigrantes cabo-verdianos, como aponta Defreyne (2016).

Geralmente sua mãe costuma enviar cinco ou seis *bidões* por vez (por isso a loja estava abarrotada de produtos). Ou, se ela não conseguir *bidões*, envia em grades grandes, uma espécie de caixote. A variação no preço do traslado é maior que em Portugal (embora seja mais barata) – tem agências que cobram trinta dólares, enquanto outras chegam a cobrar até oitenta dólares. Não há periodicidade para a saída dos navios. Eles podem sair a cada dois ou três meses, tendo a frequência reduzida no período do inverno pela agitação do mar. Por isso, é importante que os emigrantes fiquem atentos às datas estipuladas pelas agências marítimas.

Atualmente, o barco com os *bidões* vem primeiro para São Vicente, por ser a segunda ilha mais próxima dos EUA, atrás apenas de Santo Antão, e, na sequência, segue para Praia e, por fim, desembarca na ilha do Fogo. Júlia me contou que é comum ter extravio de *bidões*,

---

<sup>71</sup> Para mais informações sobre a legislação de reagrupamento familiar estadunidense, ver Laurent, 2016, p. 146-7.

<sup>72</sup> Enquanto eu escrevia a monografia, acompanhei, via *facebook*, que Júlia estava passando o seu primeiro período nos EUA, em férias prolongadas.

assim como há de malas com a TACV. Uma vez, na época em que o navio fazia a rota inversa, indo primeiro para o Fogo, “o tempo estava com *txeu*<sup>73</sup> vento, tem uns dois anos isso, e a carga do Fogo, que era a primeira parada, foi toda para o mar”. Perguntei se a carga dela já tinha passado por problemas e ela me respondeu: se acontece comigo eu acabo com eles.

A alfândega de Mindelo é outro drama. Além de pagar 2800 escudos de taxa na agência marítima (Atlantic Shipping) antes de ir para alfândega, ainda há, já na alfândega, uma taxa mínima de 200 escudos. O aumento dela vai depender do tipo de produto que estiver nos *bidões*. Comida, roupa e outros produtos usados costumam ser mais baratos, enquanto roupas de marca e eletrônicos saem mais caros, geralmente custando no mínimo cinco contos (mil escudos).

Das demais comerciantes, há a reclamação de que os preços estabelecidos na alfândega são abusivos, chegando a 30% do valor original do produto. Há também apontamentos de que funcionaria uma política de “coleguismo”. Uma das minhas interlocutoras disse que “se você tem amigos você sai do aeroporto e não paga alfândega, é assim. Outros pagam, uns não pagam. E você vê outros caras passarem e não pagarem nada na sua frente”. As facilidades para quem tem conhecidos na alfândega, para retirar os *bidões* “sem problemas”, também é apontada nas falas dos interlocutores de Defreyne (2016), que faziam uso, sem o menor problema, da sua rede de contatos para garantir que o preço de cada *bidão* não fosse alto.

Embora hoje haja mais segurança para enviar os *bidões*, há reclamações de mercadorias que nunca chegaram e algumas comerciantes afirmam que, após deixarem as mercadorias por duas semanas no armazém da ENAPOR (autoridade portuária cabo-verdiana), elas tiveram suas embalagens violadas e itens furtados, além de casos em que a mercadoria acabou caindo no mar, o que acarreta em prejuízos para as comerciantes.

Os *bidões* são tão cruciais na vida mindelense que, se você der bobeira com o seu na porta de sua loja, alguém pode passar e levá-lo para casa, já que as formas de o usar podem variar entre o transporte de produtos a utilizá-lo como armário ou reservatório de água (Defreyne, 2016). Por isso, Júlia retirou o *bidão* que estava na porta da sua loja e que havia chamado a minha atenção no meu primeiro dia em Mindelo (figura 10).

As lojas de ex-emigrantes ou de pessoas que têm familiares emigrados – com exceção de Portugal – costumam se especializar em produtos vindos desses países, sempre usando o discurso de que “os produtos de tal lugar são de melhor qualidade”. Assim como Clementina privilegia os produtos italianos, Júlia afirma que aqueles vindos da América são os queridinhos em Mindelo e fazem *txeu* sucesso!

---

<sup>73</sup> Em crioulo, *txeu* significa muito.

Na tentativa de compreender a fetichização de produtos vindos de países específicos, como Brasil, Itália, Portugal e EUA, aponto a discussão realizada por Hansen a partir do argumento de

Appadurai (1986), no qual as mercadorias seriam socialmente construídas e as coisas teriam vida social. Porque uma mercadoria nem sempre remonta ao lugar onde foi produzida, pode-se dizer que ela tem uma “vida social”, em que o valor e significados mudam conforme o objeto se desloca através do tempo e espaço. No processo a mercadoria adquire uma biografia cultural (Kopytoff 1986). Friedman (1991) acrescentou um importante ponto ao sugerir que não são as coisas por elas mesmas que são o ponto de partida, mas as estratégias nas quais elas estão inseridas (Hansen, 2000, p. 161)<sup>74</sup>.

Portanto, mesmo que sejam produtos de baixa qualidade nos países de origem, o valor atribuído a eles é ressignificado ao longo de seu fluxo para que correspondam às expectativas dos compradores, que querem se ver em pé de igualdade com os consumidores dos países onde as mercadorias são adquiridas.

Para realizar o fluxo de mercadorias, muitas comerciantes contam com a ajuda de familiares. Assim como Júlia tem em sua mãe a garantia de que a sua loja sempre estará abastecida, Maria recebe remessas de produtos do marido e do filho mais velho, que atualmente moram em Portugal. Assim que seu filho se mudou para poder cursar o ensino superior, Maria pode diminuir a quantidade de viagens que ela fazia para Portugal. De Portugal, cada *bidão* custa cerca de 100 euros para ser enviado. O preço se repete no trajeto Itália – Cabo Verde. Contudo, na Itália é possível enviar os produtos dentro de grandes caixotes, que são maiores que os *bidões* e comportam mais mercadoria. Quando vai para Itália, Clementina costuma enviar nos *bidões* coisas pesadas, como sapatos, bebidas para o seu bar e coisas para sua casa.

Todavia, os *bidões* não fortalecem vínculos apenas entre familiares. É comum encontrar, nos bairros mais afastados do centro, mulheres com roupas e sapatos expostos nas portas de suas casas. No Chã de Alecrim, bairro próximo de onde estava hospedado, conheci dona Laura, uma senhora que falava um crioulo bem fundo<sup>75</sup> e vendia produtos que chegavam por *bidão*. Curiosamente, a sua mercadoria era enviada por uma outra mulher que morava nos EUA e ela não conhecia. Em nossa breve conversa, ela me contou que havia conseguido esse trabalho por

---

<sup>74</sup> Tradução do autor do trecho “Appadurai’s argument (1986) that commodities are socially constructed and the things have social lives. Because a commodity does not Always remain where it was produced, it can be said to have a “social life” whose value and meanings change as it moves through time and space. In process a commodity acquires a cultural biography (Kopytoff 1986). Friedman (1991) has added na important caveat by suggesting that it is not the things themselves that are the point of departure but rather the strategies within which they are embedded”.

<sup>75</sup> Chama-se popularmente de crioulo fundo as variações da língua que se aproximam mais de sua herança africana.

meio de uma amiga, que a indicou, e agora ela divide os lucros com a mulher misteriosa que envia os *bidões* com os produtos.



Figura 11- Bidões na Praça Estrela enviados por um marido emigrado à sua esposa

Usualmente, os produtos que chegam desta forma costumam ser de segunda mão, por isso são vendidos em bairros mais periféricos. Todavia, a prática de revender produtos de segunda mão, especialmente roupas, parece se inserir em um contexto mais geral, se repetindo em outros países do continente africano. Em seu estudo sobre o mercado de Salaula<sup>76</sup>, localizado em Ndola, na Zâmbia, Karen Hansen (2000) aponta que, embora até o final do século XIX fosse comum encontrar grandes mercados que comercializavam roupas usadas na Europa, a partir do início do século XX, o continente africano passou a ser a principal via de escoação desse tipo de produto. Embora, muitas vezes essas roupas cheguem em forma de doação, de país da América do Norte e noroeste da Europa, elas são revendidas nos países africanos, uma vez que elas são vistas como necessidade e desejos de consumo, além de conceder status a quem as usa.

Para além dos *bidões*, as cadeias migratórias – tipo de rede migratória com caráter mais familiar e constituída de vínculos fortes (Pedone, 2004) – possuem uma outra função

---

<sup>76</sup> Em Bemba, Salaula significa “escolher de uma pilha de coisas revirando-a” (Hansen, 2000, p. 1).

importantíssima, a de garantir estadia gratuita para as comerciantes quando elas forem para os países onde os seus parentes se encontram. Portugal não se mantém como a principal rota do comércio cabo-verdiano apenas pelo vínculo que ainda não foi rompido com a independência tardia, mas também por ser menos oneroso ir para lá ficar na casa de um primo, tia, pai ou até mesmo do marido, como é o caso da maioria das minhas interlocutoras.

Como apontado, em todos os países, com exceção do Brasil, há a facilidade de enviar as compras por *bidão*, que cabe mais coisas e custa menos do que mandar os produtos por via aérea, já que ele é cobrado por unidade, não por peso. Por isso, sempre que tiver excesso de bagagem, é preferível pelas comerciantes enviar pelo barco. Mesmo com esse empecilho, o Brasil ainda se mantém como um dos destinos favoritos das comerciantes. Para melhor compreender, passemos para o próximo tópico.

### iii. Brasil

O vínculo com o Brasil se intensificou a partir de uma série de acordos, que começaram a ser firmados ao final do governo FHC, e ganharam maiores dimensões durante o primeiro governo Lula, que na tentativa de “buscar o tempo perdido”<sup>77</sup> nas relações internacionais entre o Brasil e os países africanos, começou a firmar uma série de acordos comerciais entre os países. Para Cabo Verde, o perdão parcial da dívida que o país possuía com o Brasil foi o mais importante entre as duas nações, permitindo o firmamento de uma série de acordos bilaterais, o que contribuiu para a intensificação das trocas econômicas entre os dois países (Muniz, 2008).

Mesmo que no início da década de 1990 a finada empresa de aviação Varig fizesse a rota Rio de Janeiro – Cabo Verde, foi com a criação de linhas aéreas que conectavam inicialmente a ilha de Sal com Fortaleza, no estado do Ceará, em 2001, pela TACV<sup>78</sup>, que as transações comerciais entre os dois países cresceram exponencialmente. As comerciantes cabo-verdianas impulsionaram a economia de Fortaleza, contribuindo para o surgimento de muitas confecções entre 2002 e 2004. Ainda, estima-se que elas tenham gasto em torno de 5 milhões de dólares aqui só no ano de 2003, levando cerca de 400 toneladas de mercadoria. Há

---

<sup>77</sup> Dentro de seu projeto de fortalecer as relações Sul-Sul, o presidente Lula buscou firmar vínculos entre os países africanos, vendo neles potenciais parceiros comerciais. Mais informações em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2907200419.htm> acessado em 06.07.2017.

<sup>78</sup> Atualmente a TACV também liga o arquipélago à cidade Recife, trajeto iniciado no ano de 2015. Todavia, o destino final deixou de ser a ilha de Sal, que foi substituída pela cidade da Praia.

reportagens que apontam, durante a década de 2000, a existência de rabidantes que realizavam viagens semanais para Fortaleza<sup>79</sup>. (Lobo, 2015a)

Enquanto não havia voos que conectassem os dois países, as comerciantes precisavam ir para Portugal e, de lá, seguiam para São Paulo, que assim popularizou centros de comércio como a Rua 25 de março, que era um terreno fértil para essas mulheres que precisavam comprar os produtos ao mais baixo preço possível (Silva, 2012). Mesmo que São Paulo se postule enquanto rota comercial das cabo-verdianas há mais de 30 anos, as viagens para lá costumavam ser onerosas e longas, além de demandarem menores volumes de compras, já que elas realizariam aquisições de produtos nos dois países – Brasil e Portugal. Com o voo direto, a viagem para o Brasil se tornou mais acessível.

São variados os fatores que podem explicar o porquê de os cabo-verdianos gostarem tanto dos produtos brasileiros. As comerciantes de Mindelo, assim como apontado por Lobo (2015a) para o caso do Mercado de Sucupira, alicerçam a preferência pelos produtos brasileiros na originalidade e principalmente na qualidade, característica primordial quando é preciso desqualificar a mercadoria vendida por um(a) concorrente, como é recorrente quando às críticas aos chineses vêm à tona (ver discussão no prólogo). Sônia, por exemplo, apontou que os produtos brasileiros têm mais saída em sua loja, sendo a sua qualidade até superior à dos produtos europeus. Para justificar sua proposição, ela assegurou que os calçados brasileiros são de tão boa qualidade que ela tem “uns há dois, três anos que continuam novinhos”. Sempre que ela chega de viagem, os produtos brasileiros não costumam durar duas semanas nas prateleiras, do tanto que seus clientes gostam deles.

Outro ponto que pode se relacionar com o sucesso dos produtos brasileiros são as novelas e demais programas televisivos que exportamos para o arquipélago. Enquanto estive lá, a novela Babilônia era exibida em dois horários distintos pela rede TCV, assim como o seriado Louco por elas, ambos da Rede Globo. As novelas vendem um estereótipo de Brasil e consumo que é demandado não só por nós, que aqui vivemos, mas também pela população dos países que recebem as nossas telenovelas, como é o caso dos países lusófonos africanos apresentados no trabalho de Mendes (2012). Embora a trilha sonora seja mais fácil de ser adquirida, com a popularização do acesso à internet, as roupas usadas, os produtos anunciados via merchandising e o próprio *brazilian way of life* tornam-se alvos de desejo dos cabo-verdianos, cujo consumo se faz viável por meio das comerciantes transnacionais<sup>80</sup>.

---

<sup>79</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=NtpSEYSQ2XA>

<sup>80</sup> As figuras no anexo 3 apresentam um pouco mais da influência brasileira em Mindelo.

Os produtos brasileiros com maior demanda dos cabo-verdianos são as roupas – especialmente as de verão, como shortinhos, biquínis e cangas –, calçados, bijuterias e cosméticos, sem exceção de marca. Quase todo quiosque na Praça Estrela que não é de souvenirs revende produtos para cabelo e/ou as famosas Havaianas, de todas as cores, modelos e tamanhos. Elas são tão populares por lá que réplicas – fornecidas majoritariamente pelos chineses – são comuns de serem encontradas nos pés das pessoas, as *Heveienes*.



Figura 12- Havaianas expostas em uma banca na Praça Estrela

Já sobre os produtos para cabelos, um outro elemento acabou por me chamar a atenção: os dois mais vendidos eram os destinados para cabelos lisos e os para cabelos cacheados e crespos. Essa disputa acontece em um momento que o debate sobre transição capilar está em alta, de forma parecida com o que vem acontecendo no Brasil. Não é à toa que Bia apontou que “os produtos de cabelo brasileiros fazem muito sucesso em Cabo Verde”. Vale ressaltar que o discurso contrário a “ditadura do cabelo liso” atinge predominantemente mulheres jovens através de redes sociais, como o *Facebook*. Assim, o mercado de produtos para cabelos brasileiro tem em Cabo Verde um importante escoador de sua produção.

O sucesso dos cosméticos brasileiros é tão grande em Mindelo que possibilitou que Seu Eugênio e dona Helena migrassem do ramo das roupas e calçados para o de cosméticos, abrindo sua loja em uma das principais ruas da Morada, voltada exclusivamente para essa categoria de



produtos, a *Feito no Brasil*. Embora o nome da loja faça referência direta aos produtos adquiridos no Brasil, eu tive uma leve dificuldade em reconhecer parte dos que estavam à mostra, mesmo eu sendo um assíduo comprador de cremes para cabelo. Dentro do jogo de conseguir menores preços na aquisição dos bens, surge a necessidade de adquirir produtos falsificados, já que sua saída será garantida pela boa fama que os produtos brasileiros possuem na cidade.

Na loja do casal só são vendidos cosméticos, que, por pesarem muito, geram a reclamação sobre a ausência de transporte marítimo para as cargas, um fator que torna a vinda para o Brasil mais cara, já que todos os produtos comprados devem ser despachados no avião e, como a taxa de excesso de bagagem não é barata, acaba por encarecer o produto final.

No período áureo das vendas, eles chegaram a realizar seis viagens em um mesmo ano para Fortaleza a fim de reabastecer o estoque. Com o encarecimento das passagens, do excesso de bagagem cobrado pela TACV e dos próprios produtos, houve uma redução nas viagens realizadas. Um fator preponderante para que isso acontecesse foi “a valorização do real frente ao dólar (no início dos anos 2010), o que diminuiu consideravelmente sua margem de lucro” (Lobo, 2015a, p. 24), uma vez que o escudo cabo-verdiano tem o seu câmbio fixo pareado ao euro, consecutivamente também pareado ao dólar.

Agora, é a crise brasileira, que com a inflação em alta, aumenta o preço dos produtos e acaba afastando algumas comerciantes do mercado do Brasil. Ainda, há, em solo brasileiro, outros fatores que têm encarecido as viagens das cabo-verdianas. Nesse contexto, Bia apontou que “antes, para ir para o Brasil, em termos de encomenda, era mais fácil. Agora para ter documento (visto) fica mais exigente, tem hotel, mercadoria e táxi. Tudo fica mais caro agora”, o que acaba refletindo no preço final dos produtos que elas vendem.

Outro problema que afeta o fluxo das cabo-verdianas para o Brasil é a ausência de parentes que as hospedem aqui, como é o caso de dona Bette, que agora se mantém no eixo Portugal e Canárias pela maior comodidade. Isso ressalta, mais uma vez, a importância das redes migratórias para o comércio transnacional cabo-verdiano. Mas não só pela ausência de parentes no Brasil que as comerciantes deixaram de vir para cá. A crise econômica cabo-verdiana, que resultou na queda do poder aquisitivo da população, tem reduzido as vendas das comerciantes transnacionais, o que vem acontecendo desde o início desta década, como apontam Lobo (2012c) e Silva (2012). Só conseguiram manter o fluxo de viagens para o Brasil as comerciantes muito bem estabelecidas na área. Até dona Bia não sabia se viria para o Brasil esse ano, mesmo que os seus cinco quiosques demandem a presença de produtos brasileiros.

Em Fortaleza, as mulheres costumam ir às fábricas, na periferia da cidade, na feirinha da madrugada, e no mercadão, de onde levam roupas, sapatos, cabelo (apliques e perucas) e cosméticos. Costumam pagar todas as compras em dinheiro, o que acaba chamando atenção dos vendedores devido à quantidade de produtos que elas compram. Mesmo com as dificuldades pontuadas pelas comerciantes, o Brasil se mostrava uma rota preferencial para o comércio antes da crise. Os fatores apontados por elas para justificar a predileção pelo Brasil foram a proximidade, uma vez que o voo não chega a durar quatro horas, e pela facilidade do português enquanto língua do Brasil, o que facilita as transações para aquelas que não são fluentes em outros idiomas, como o inglês, embora elas se comuniquem entre elas por meio do crioulo, característica que as diferencia para os donos das fábricas em Fortaleza (Silva, 2012).

Antigamente, quando não conhecia bem a cidade, Maria sempre ia com um corretor, figura importante para as mulheres que fazem compras em Fortaleza. Os corretores são grupos que as acompanham durante as compras, levam às fábricas e lojas, além de tomar conta das compras que elas fazem. Embora não cobrem diretamente pelo serviço prestado, eles possuem acordos com as fábricas que eles encaminham as cabo-verdianas e faturam em cima das vendas das fábricas. Ela explicou que os corretores

cobram das lojas. Eu acho que eles já têm o trato feito com as lojas, eu vou lá, eu peço esse produto, esse produto podia me custar 8 euros por exemplo, mas vai custar 9, porque um euro vai para o corretor. Eu acho que é assim. Porque nós, o que a gente pode pagar para eles é o almoço, a gente que paga o almoço e mais nada.

O ramo dos corretores é tão lucrativo que famílias inteiras entram para o negócio. De acordo com Maria, há uma família, a do senhor Adalberto, que tanto os seus dois filhos quanto a sua esposa trabalham juntos. Essa família forma um grupo forte na cidade, sendo bem conhecidos entre as comerciantes. Adalberto, o chefe, costumava ter muitas clientes por ser considerado “uma pessoa do bem”.

Ainda, os corretores são extremamente úteis para elas nas primeiras viagens, mas assim que elas se acostumam com a cidade, fica preferível dispensá-los, já que com os corretores não é possível pedir desconto nas fábricas. Sem eles, as comerciantes costumam pechinchar para conseguir até 10% de desconto (Silva, 2012). Para maximizar a possibilidade de conseguirem descontos, as comerciantes fazem uso do imaginário brasileiro que associa os países africanos à pobreza, assim como tentam desqualificar os produtos pela sua “pretensa baixa qualidade” (Lobo, 2015a, p. 24), uma vez que eles são comercializados em feiras e produzidos em fábricas clandestinas, assim conseguindo reduzir os preços.

Dentre as dificuldades de se fazer compras em Fortaleza foram elencadas diversas vezes a distância entre os hotéis onde elas se hospedam e as fábricas onde elas compram os seus

produtos. Ainda, a violência das cidades brasileiras é um ponto que costuma assustar essas mulheres, o que os corretores usam a seu favor para convencer as comerciantes de sua importância junto a elas. Por terem muito contato com programas policiais de caráter sensacionalista, como o Brasil Urgente, comandado pelo Datena na Rede Record – também muito famosa no arquipélago –, elas têm receio de andar sozinhas pela cidade. Em uma das vezes em que havia dispensado o corretor, Maria acabou indo para uma zona perigosa em Fortaleza e acabou sendo assaltada.

Outro problema que as comerciantes enfrentam quando vêm para o Brasil é o tráfico de drogas, item já apresentado no capítulo 1. Quando estive em Fortaleza pela última vez, em março de 2016, Sônia viu uma senhora da Praia ser detida por transportar drogas. No aeroporto, havia muitos policiais, o que a deixou apreensiva. Chegando na Praia, todas as malas foram revistas, fazendo com que ela e suas companheiras de viagem acabassem por perder o voo para Mindelo, onerando ainda mais as comerciantes.

Os dados apontam que, mesmo com a redução das viagens para o Brasil, este continua sendo um dos destinos tradicionais do fluxo comercial, sendo essenciais para a continuidade fatores como a importância das novelas e “irmandade” entre as duas pátrias tendo em vista o processo de colonização. Mas o ponto principal para a continuidade do fluxo para o país é a qualidade dos produtos brasileiros, sempre ressaltada durante as conversas e já pontuada por outras pesquisadoras, como Lobo (2015a).

Apresentado o contexto global das trocas comerciais desempenhadas pelas comerciantes transnacionais, atentemo-nos agora para a dinâmica local do comércio desenvolvido por elas.

#### iv. Funcionárias

Dentro das lojas das comerciantes transfronteiriças há uma divisão na compreensão do trabalho. Enquanto os filhos e demais parentes, como sobrinhos, são vistos como quem trabalha *com* as comerciantes, nunca *para* elas, e sempre em tom de temporariedade, como visto no capítulo 2, essa relação não costuma se repetir com as funcionárias das comerciantes, que sempre eram mulheres. Um bom exemplo dessa situação é o caso de Sônia, que até pouco tempo contava com a *ajuda* – como ela mesma frisou – de um primo, que ficou na boutique dela por dois anos, enquanto Sandra estaria trabalhando *para* ela, embora o vínculo fosse de pouco mais que dois meses. Portanto, é preciso se debruçar um pouco mais sobre a relação que elas tecem com as suas funcionárias.

Por sempre ter atividades a serem realizadas, como arrumar, limpar, ver o que está danificado ou retirar da prateleira ou remover o que está vencido, Marta também se vê como uma funcionária de sua boutique, afirmando que ela compartilhar todo o trabalho existente na boutique entre ela e suas funcionárias. Contudo, ela é a única responsável pela parte administrativa, como acontece na maioria das lojas, podendo provocar um distanciamento entre patroas e funcionárias.

Bia costuma ficar fora por até 14 dias, no máximo, para realizar as compras. Ela crê que a vida na feira não é futuro para os filhos e, por isso, investiu tanto na educação deles. Tinha 2 funcionárias que a ajudavam no trabalho e disse-me que se encontrar alguma funcionária de confiança, deixa as bancas em sua responsabilidade e volta para Praia, sua cidade natal onde ela possui uma casa adquirida com o dinheiro do comércio, para aproveitar sua aposentadoria.

Embora a maioria das comerciantes fique em suas lojas, mesmo tendo amparo de suas funcionárias, são minoria os casos em que elas não estão presentes na rotina do estabelecimento. Nos dois casos em que isso aconteceu, as funcionárias foram extremamente solícitas comigo, me indicando onde eu poderia encontrar a dona da boutique para que eu realizasse as entrevistas.

Um dos casos vale ser citado. Uma noite, após o ensaio de carnaval da Escola Samba Tropical, eu acabei descobrindo uma loja de produtos italianos que ficava atrás do ginásio onde ocorriam os ensaios. Por não ser horário de expediente, voltei lá dois dias depois pela manhã para conhecer o estabelecimento que aparentava fugir dos fluxos tradicionais de compra de produtos. Chegando lá, a simpática Jéssica me atendeu e me relatou que ela não era a dona da loja, mas que sua patroa, Dona Clementina, morava ali perto e possuía também um bar, que era muito conhecido, o que facilitaria o meu trabalho de achá-la.

Com o meu receio de chegar na casa da Clementina de surpresa, sem que ela ao menos me conhecesse, disse à Jéssica que voltaria na loja depois, na tentativa de encontrar dona Clementina em sua boutique. Porém, Jéssica não permitiu que eu saísse de lá sem ao menos tentar falar com a sua patroa, já que eu “sou brasileiro e brasileiro não desiste nunca”. Na disposição de me ajudar, ela fechou a loja rapidamente para me indicar o caminho para o bar da Clementina. Seu desejo de que eu conseguisse entrar em contato com a dona da boutique era tão grande que, enquanto nos dirigíamos ao bar, ela parou dois rapazes que ela nem conhecia e os questionou se eles estavam a caminho da Ribeira Bote, um dos bairros de Mindelo. Com a resposta afirmativa deles, ela pediu a eles que me levassem ao bar da dona Clementina, após explicar para eles o caminho. Mais uma vez, me surpreendi com a *morabeza* dos mindelenses,

que se desviaram de seu trajeto original apenas para me ajudar, ficando ainda mais efusivos quando descobriram que eu era brasileiro (situação que se repetiu muitas vezes ao longo do meu campo).

Apesar da disposição demonstrada pela funcionária de dona Clementina, o seu discurso acerca das pessoas que trabalharam *para* ela antes da atual não era nada animador. Por manter a loja desde a época em que ela ainda morava na Itália, ela sempre deixava funcionárias para cuidar da boutique. Porém, hoje em dia, ela afirma que as pessoas que ela contrata não estão lhe passando muita confiança, “porque se comportam mal, não chegam no horário, roubam, te vendem as coisas e não anotam ou ficam com o dinheiro”. Embora não queira generalizar, ela aponta que as pessoas andam bem desonestas. Há um tempo atrás, ela teve uma funcionária de confiança,

era uma pessoa espetacular. Eu fui pra Itália, passei meses lá. Mas a última volta que eu fui eu passei 10 meses porque eu estava fazendo tratamento nos dentes, no dentista, então cheguei para Cabo verde e tive muita, muita *desgracia*. Ela não pagou o aluguel, não pagou a banca, não pagou todas dívidas que acumulou porque ela me roubou muito dinheiro. A gente até está com o caso no tribunal, porque é muito dinheiro, mais de 2 mil euros (trecho da entrevista realizada com Clementina em 23 de fevereiro de 2017).

Os problemas de Clementina com suas funcionárias não se restringem a esse.

Elas (as funcionárias) não são pontuais. Elas faltam e nem sequer te ligam para dizer "senhora eu não posso ir porque estou indo fazer alguma coisa para mim", nada! Às vezes passa até dois dias sem ir para trabalho, imagina! Mês passado eu estava com uma menina ali, 20 dias vendeu as coisas, ficou com o dinheiro, eu dei a chave para ela porque de tarde eu não podia ir para abrir, quando eu passava ali de carro ela ainda estava fechada, abria de tarde 4 horas, o horário é 3 horas, 4, 4 e meia, 3 e meia, sabe...

Clementina também apontou a necessidade da criação de uma espécie de curso preparatório para formar as pessoas que trabalham (e trabalharão) em boutiques, “para ensinar a elas como que se deve comportar, como se deve falar com os clientes, como se deve gerir uma loja quando o dono não está”. Tudo isso porque ela não acha que os funcionários ajudam as patroas da forma devida, não se empenham para vender mais produtos.

A presença das funcionárias nas lojas mostra a necessidade que as comerciantes têm de achar alguém que possa ajudá-las, mas, para além disso, expressa a busca por alguém que possa sucedê-las no negócio, uma vez que esse seria um terreno interdito para os seus filhos. Contudo, a falta de confiança em deixar o seu estabelecimento nas mãos de terceiros, uma vez que casos de golpes são frequentes, é um fator que prolonga o tempo de trabalho dessas mulheres, que muitas vezes não possuem direito à aposentadoria. Assim, elas seguem presentes em suas lojas, a fim de minimizar os prejuízos e garantir que o funcionamento siga conforme elas almejam, mas sempre esperando pela funcionária que irá substituí-las.

v. Falar de dinheiro: um terreno inóspito

A falta de confiança que elas possuem em pessoas que não sejam familiares para falar dos negócios, que esteve presente nas falas sobre as funcionárias, refletiu nos diálogos sobre a pesquisa. Mesmo que eu tenha sido muito bem recebido na maioria das lojas que eu frequentei, falar de finanças foi, de longe, o assunto mais sensível das conversas. Desde a minha primeira inserção em campo, quando fui à Praça Estrela acompanhado pela Clara, percebi que deveria ir com calma quando quisesse tratar desse assunto. Ao avistar uma banca com várias Havaianas expostas, tentei na mesma hora falar com a senhora que estava na banca, com o entusiasmo de quem havia acabado de encontrar os primeiros produtos brasileiros na cidade. No mesmo momento em que me apresentei, a senhora que estava visivelmente responsável pela banca começou a dizer que aquelas coisas não eram dela, que ela não sabia quem era a dona e que não tinha nada para me falar, tentando me afastar o máximo possível da sua banca. Em outras idas à Praça, acabei descobrindo que ela realmente era a dona da banca e só não queria conversar comigo.

Mais uma vez a cena se repetiu. Outro dia, ao conversar com uma amiga brasileira que mora em Mindelo há mais de seis anos, ela me indicou a loja da filha de uma conhecida dela, que tinha uma história de luta muito interessante e que poderia agregar à minha pesquisa. Após muito procurar a loja, perguntei para o rapaz que estava no balcão pela dona, que me foi apontada como a senhora que estava no fundo da loja. Ao anunciar o tema da minha pesquisa, a dona não se sentiu confortável para falar sobre o assunto, encerrando a conversa logo no início.

As negativas em dialogar sobre o assunto também apareceram ao longo das conversas. Em mais de uma situação minhas interlocutoras encerraram discretamente o diálogo no momento em que eu começava a perguntar sobre lucro. Sempre que eu questionei sobre o lucro que elas obtinham, todas desconversavam, seguindo o caminho de duas desculpas para não falar sobre o assunto: ou não se tinha o controle financeiro em mãos, o que impossibilitava que elas me passassem as informações, ou elas faziam uso da retórica da crise, mais uma vez, afirmando que as vendas estavam tão em baixa que não havia lucro, ou seja, elas ganhavam exatamente o que elas precisavam para sobreviver. Frases como “lucro, lucro agora não tem. Às vezes dá para pagar os compromissos, porque está na época baixa” eram comuns durante as conversas. Contudo, creio que o segundo ponto era pouco provável, já que se você não está lucrando, a primeira coisa a se fazer é cortar gastos, que se apresentariam na forma de demissão das

funcionárias. A única exceção foi Sônia, que mesmo me dizendo que não estava com o caderno de contabilidade em mãos, apontou que o seu lucro variava entre 20 mil e mais de 30 mil escudos, a depender da época e da quantidade de vendas.

Esse resguardo frente às informações sobre o lucro do comércio não é besteira. Em um momento de crise econômica, marcado por forte queda nas vendas, elas se protegem e não fornecem informações que podem denunciar “irregularidades” ou entregar a chave da mina de ouro para outras pessoas que podem vir a ser potenciais concorrentes delas. Mesmo que elas tenham tido confiança em me contar suas histórias e trajetórias de vida, eu não era tão próximo delas a ponto de compartilharem comigo informações mais íntimas como essa, uma vez que o mundo do comércio é sempre tido com desconfiança, não podendo confiar em qualquer pessoa no que tange assuntos de finanças (Pinheiro-Machado, 2005).

Embora os clientes não sejam motivo de competição explícita entre as comerciantes, por cada uma já ter seus fixos, a desconfiança que permeia as relações entre as comerciantes é tão forte que não foi possível, até então, estabelecer um sistema de associação muito importante na Praia, o *Totocaixa*, uma espécie de poupança onde

uma pessoa recolhe uma certa quantia de dinheiro por cada grupo, diariamente, e cada participante tem um número de identificação. Cada dois ou três dias, e até diariamente, é feita uma extracção aleatória de um número e a empresária que tem o número extraído recebe o total acumulado. E, assim, em rotação, consegue-se ter uma quantia de dinheiro que é geralmente empregue para fazer mais uma viagem quando o negócio está fraco ou quando os compradores demoram a pagar as mercadorias. (Grassi, 2003, p. 258-9).

Por isso, as comerciantes de Mindelo restringem os empréstimos tomados em prol da realização das viagens aos bancos e às ONGs, a fim de evitar rumores sobre o levantamento financeiro de cada uma delas. Elas tentam a maior discrição possível acerca da movimentação financeira que elas levantam e das viagens que elas fazem, a fim de evitar rumores que podem prejudicá-las nos negócios e até para se livrar de comentários maldosos que possíveis concorrentes podem fazer.

#### vi. Relação com os clientes

A relação que as comerciantes traçam com os seus clientes é dotada de uma característica dúbia, já que eles são, ao mesmo tempo, o meio pelo qual as comerciantes conseguem sua renda e o motivo das dores de cabeça delas. Bia alegou que “cliente é uma coisa falsa. Tem que elogiar, ter muita sabedoria”. São eles o principal motivo para ela ter investido na carreira acadêmica das filhas. Ela “queria que elas seguissem outro caminho melhor.

Trabalho com cliente é difícil. Eles são abusados, mal-agraçados, ingratos, não agradecem”, me contou ela, com amargor na voz. A tática utilizada por dona Helena para manter os clientes é ser amável, o que ela chamou de marketing direto. Para garantir essa relação direta com os clientes, ela está sempre na loja e tenta ser simpática com todos eles.

Entre os problemas apresentados com clientes, o mais grave foi o dos sucessivos calotes que elas têm recebido. Os clientes “penduram muito e nos últimos tempos as pessoas estão piores para pagar, aí o dinheiro fica empatado”, disse Célia. Com a falta de retorno financeiro, o dinheiro que era para fazer outra viagem fica na mão dos devedores, sendo um dos fatores que têm contribuído na redução das viagens.

Hoje em dia é menos comum, mas antigamente era rotineiro que as comerciantes anunciassem, discretamente, o nome de devedores na estação de rádio da cidade, solicitando o comparecimento deles em suas boutiques. Hoje em dia, cada uma tem que dar o seu jeito. Júlia, por exemplo, pede ao seu marido, que é da polícia judiciária, para fazer as cobranças em seu nome. Mesmo com um policial em sua cola, muita gente ainda deixa de pagar as suas dívidas.

Os golpes que as comerciantes têm levado dos clientes são os mais variados. Ao chegar na loja de Célia percebi que mesmo com espaço para expor os dois pés dos sapatos, somente um ficava à mostra. Ao perguntar a ela o motivo, ela contou que qualquer descuido que ela desse, alguém poderia entrar na loja e levar o par do sapato. Ficando apenas um pé exposto, as chances dessa situação ocorrer se reduzem.

Infelizmente, não são só os pequenos furtos que atormentam as comerciantes. Marta me mostrou um documento falso de alistamento na marinha que deram a ela. A história contada foi a seguinte:

Esse rapaz veio cá, deixou-me esse documento, disse-me que eu podia dar a mercadoria para ele que ele ia para uma festa e na segunda feira ele vinha cá para me dar o dinheiro. Olha, até hoje não apareceu! Eu fiquei a saber que esse é um dos trotes que passam em muitas pessoas. Ele vai e consegue essa cédula por 4 mil escudos, ele passa essa cédula e toma duas, viu a situação?

Outra situação constrangedora que aconteceu com a comerciante foi uma moça, cujos pais são influentes em Mindelo, que foi até a sua loja, levou cerca de 79 mil escudos em produtos (aproximadamente R\$2.500,00) e deixou cheques sem fundos. Depois de muito tempo sem dar notícias, ela voltou à loja, negociou a dívida com Marta e levou mais 5 mil escudos em produtos, desta vez pagando à vista, e ainda ganhou desconto. Como se a história não pudesse piorar, ela devolveu uma blusinha que havia comprado e solicitou à Marta que ela devolvesse o valor integral da peça, como se ela não estivesse devendo muito dinheiro para a comerciante. Até o último dia em que eu tive contato com Marta durante a minha estadia na cidade, foram



muitos os bilhetes trocados entre as duas acerca da negociação dos valores, mas o feudo não havia sido finalizado.

As situações apresentadas servem para elucidar as dificuldades enfrentadas pelas comerciantes com a inadimplência dos seus fregueses, que mesmo estando em uma cidade razoavelmente pequena, onde o risco de se esbarrar a qualquer momento é alto, as pessoas não se sentem inibidas a agir de má fé com as donas dos estabelecimentos.

Apesar de todas as dificuldades que elas encontram na relação com os clientes, não podemos perder de vista que, para que elas estejam no papel de vendedoras nessa situação, elas precisaram estar na função de clientes antes. Embora os insistentes pedidos de desconto por parte da sua clientela possam soar chatos, elas também fazem o mesmo quando estão na posição de compradoras. O meu diálogo com Maria exprime essa situação:

Vinícius: E aqui, os clientes costumam pedir muito desconto?

Maria: Por tudo, até no verniz<sup>81</sup> que compram.

V: E a senhora sempre dá o desconto ou às vezes...

Maria: Depende... Acho que depende do meu estado de espírito, né? (risos) Às vezes eu finjo que não ouço e acabam por pagar...

V: E quando a senhora vai fazer compras, a senhora pede muito desconto?

Maria: Ah, eu peço, né? Porque para eu vender tenho que pedir desconto

Elas também pechinham para conseguir os menores preços para, assim, aumentar o lucro e/ou reduzir o preço final para o consumidor. Isso se dá porque elas trabalham como “mediadoras entre os dois universos, manipulam os diferentes valores atribuídos às mercadorias em seu favor para conseguir o melhor lucro” (Lobo, 2015a, p. 24). Mestres na arte da pechincha, elas podem comprar produtos que em outros países são reconhecidos pela baixa qualidade, mas os revendem ressignificado o seu valor, uma vez que eles chegam em Cabo Verde sendo apresentados como “produtos importados do Brasil, Europa e outros”. Essa prática de lutar pelo menor preço e maior lucro é apontada por Geertz (1978) como uma constante nos contextos de comércio, uma vez que, não importaria onde, as pessoas preferem comprar barato e revender caro<sup>82</sup>. Portanto, as comerciantes transnacionais estariam inseridas em um contexto de barganha multidimensional e intensa, fator marcante dos mercados e feiras ao redor do mundo, que pode chegar à disputa por centavos.

A melhor forma de conquistar o cliente continuaria sendo a apontado por Geertz (1978), que em sua pesquisa no bazar de Sefrou, em Marrocos, percebeu que os vendedores precisavam dominar a utilidade dos produtos para conseguir fidelizar os clientes, uma vez que seria

---

<sup>81</sup> Esmalte

<sup>82</sup> Na versão original, “The bazaar is more than another demonstration of the truth than, under whatever skies, men prefer to buy cheap and sell dear” (Geertz, 1978, p. 29).

impossível prosperar sem conhecimento<sup>83</sup>, assim como realizar o tratamento de forma pessoal, no face a face. No caso cabo-verdiano, a fidelização aconteceria da mesma forma, se levar em consideração a noção de *rabidante* para Sônia, que “são pessoas que têm mais conhecimento, sempre conhecem todo lugar, que vão buscar coisas lá fora para vender cá”. Portanto, o *know-how* da arte de comerciar seria a forma de garantir a prosperidade no comércio e garantir que o cliente se torne fiel à sua loja.

vii. E os homens comerciantes?

Nas manhãs – e até mesmo nas tardes – em que eu me dirigia à Praça Estrela, para começar de lá o meu trajeto de coleta de dados, eu costumava fazer a parte final do percurso seguindo pela rua da Praia (ou Avenida Marginal). Sempre que eu chegava perto do Museu do Mar, não importava o horário do dia, era possível encontrar um amontoado de homens jogando conversa fora ou jogando uril em baixo do que me parecia uma cabana aberta, a espera de uma oportunidade de fazer um bico relacionado às atividades portuárias ou pesqueiras. A conversa alta e um certo tom de despreocupação nas conversas que ocorriam lá – assim como na rua de Matigin, uma ruela estreita com vários bares que vendem *grogues* e *pontches* caseiros, contrastavam com a correria das mulheres que também ficavam nas redondezas vendendo hortaliças e peixes.

Embora essa imagem de um mundo masculino mais despreocupado tenha ficado muito forte na minha mente, não se pode cristalizar a imagem dos homens mindelenses. O problema é que grande parte dos trabalhos etnográficos que abordam a temática da organização familiar não conseguem chegar aos homens – e nesse grupo incluo o meu. Um ponto que podemos levantar é que a maior parte das pessoas que realizaram pesquisa sobre esse tema eram mulheres, o que acaba por criar uma barreira entre a pesquisadora e os interlocutores, além de poder gerar situações constrangedoras de assédio (o que pode acontecer em qualquer contexto de pesquisa onde haja uma relação entre homens e mulheres). Embora essa seja uma boa justificativa, ela falha no que diz respeito ao meu caso: eu era um homem brasileiro, características que poderiam facilitar a criação de laços entre nós, o que não ocorreu exatamente como eu esperava.

Dos três homens com quem eu consegui conversar, seu Eugênio foi o primeiro e, como visto anteriormente, não me deu muita atenção. Assim que eu comecei a falar sobre meus

---

<sup>83</sup> “It is impossible to prosper without knowing”(Geertz, 1978, p. 29).

interesses de pesquisa em campo, quase todas as pessoas me direcionavam para a loja *Feito no Brasil*, que só pelo nome já me despertou total interesse. Chegando lá, ainda na primeira semana, ao perguntar pela dona da loja, fui levado à dona Helena, uma senhora com seus quase 70 anos que sempre tinha resposta para tudo e todos. Quando lá cheguei, ela se encontrava no caixa do estabelecimento e, ao ser perguntada pelas viagens, me disse que essa parte era realizada pelo seu marido, seu Eugênio.

Seu Eugênio, que estava na casa deles, no subsolo da loja, demonstrou impaciência e respondeu rapidamente aos meus questionamentos (talvez por causa da idade – ele aparentava ser mais velho que a sua esposa). Em nossa breve conversa, disse-me que possuíam aquela loja há dez anos e costuma ir ao Brasil quatro vezes ao ano, embora, na época áurea, já tivesse ido seis vezes em um ano.

Logo fiquei surpreso, já que a situação dos dois fugia da regra comum dos casos de *rabidância* em Cabo Verde: era o homem quem fazia as viagens para o Brasil, não a mulher, como de costume (com isso não pretendo dizer que não existam homens nesse meio, mas que a presença deles é mais rara). Contudo, ao longo da conversa, percebi que mesmo que o homem desempenhasse o papel central no fluxo comercial, a agência da esposa ainda era muito maior do que a dele dentro do comércio.

Segundo dona Helena, a entrada dos dois no comércio, ao final dos anos 90, era tida como uma aventura. Porém, quem deveria se aventurar era o elo mais fraco da corrente, que no caso dos dois era Eugênio, que trabalhava em uma empresa privada, enquanto dona Helena era funcionária do INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), onde ficou por exatos 35 anos e 11 dias, só saindo de lá após conseguir a sua reforma. Por ser funcionária pública, preferiu resguardar seu emprego caso a aventura empenhada por eles desse errado e, assim que aposentada, passou a dedicar-se exclusivamente à loja dos dois, fiscalizando tudo com muito rigor, sendo ela a responsável pelo controle das notas fiscais da loja, assim como tudo que entra e sai de lá. Provavelmente este fator está ligado a ela ter me confessado que concorda que as mulheres cabo-verdianas têm mais peito para tocar o comércio do que os homens, o que se mostrou verídico em seu caso.

Enquanto seu Eugênio foi breve em nosso diálogo, deixando a conversa por conta de sua esposa, o contrário ocorreu inicialmente com seu Carlos, dono de três quiosques na Praça Estrela, que sempre que me avistava gritava “Como vai, brasileiro?”. Curiosamente, dentre todos os interlocutores, ele era o com mais tempo de comércio transnacional, tendo começado em 1990. Manteve as viagens para o Brasil, embora tenha reduzido a quantidade. Quando nos

conhecemos, havia pouco mais que um mês que ele tinha voltado de Fortaleza, onde foi realizar as compras para o Natal. Em seu negócio, vende também produtos de Portugal, Espanha e Senegal. Pai de seis filhos, mora com sua companheira, que o ajuda nos quiosques, assim como os dois filhos “mais grandes”. Embora todos os filhos que ele tem sejam do casal e o mais velho já tenha 28 anos, os dois só moram juntos há 14 anos, vivendo em união de fato.

De lá, aproveitei que já estava na Praça Estrela e fui falar com Amadeu, o dono de uma série de produtos estendidos ao lado de *bidões*, que estava de férias em Mindelo por três meses, já que ele está emigrado na região de Massachusetts, EUA, e não suporta ficar lá durante o inverno, que é frio demais para ele. Aproveitando que estava em Cabo Verde, Amadeu aproveita para ir para Portugal, Brasil e outros países comprar produtos para sua esposa vender no período em que ele estiver nos EUA. Os produtos por ele vendidos abrangem uma variedade imensa, indo de pedaços de moto a roupas de crianças. Assim como os produtos são variados, a procedência também é, já que ele vende produtos novos e usados.



Figura 13- Parte dos produtos de Amadeu expostos na Praça Estrela

Mesmo que tenha conversado com pouco homens, pude perceber um padrão: todos os três tinham ajuda das companheiras para conduzir os negócios, em maior ou menor grau. Mais uma vez, mesmo quando a chefia do comércio estivesse formalmente nas mãos de um homem, as mulheres também tinham papel importante. Essas situações mostram que as mulheres estão sempre atreladas às práticas comerciais desenvolvidas no seio da família, da mesma forma que, mesmo com vários casos de ausência masculina no mundo doméstico, há a possibilidade de sua presença na vida comercial, como no caso de Maria, em que seu marido e seu filho enviam os *bidões* para que ela revenda. Portanto, mesmo com a plasticidade parental presente no caso cabo-verdiano, os homens e as mulheres podem sim se associar para garantir o sustento do lar.

De certa forma, a presença de homens cabo-verdianos na vida comercial de Mindelo está condicionada à presença de sua companheira, mesmo que eles sejam os agentes que promovem as viagens transfronteiriças. Esse fator demonstra, mais uma vez, que o mundo do comércio está fortemente atrelado ao doméstico, que, no caso dos homens comerciantes, tende a ficar ainda mais explícito, tendo em vista que nenhum deles tocava os negócios sem a sua companheira, enquanto mulheres seguem firmes em suas lojas sem a ajuda de maridos e afins.



Ao longo do capítulo três pude delinear o trabalho realizado pelas comerciantes transnacionais de Mindelo, abordando um pouco mais sobre as suas viagens, as vendas e qual a importância dos laços familiares para a continuidade do negócio. O primeiro ponto é retomar a diferença entre Mindelo e a cidade da Praia, uma vez que a última concentra um maior contingente populacional em comparação à Mindelo.

Na sequência, aponto as principais rotas traçadas pelas comerciantes, que vão dos já tradicionais Portugal, Brasil, EUA, Canárias e Senegal, e podem englobar países como Itália, Luxemburgo, Guiné Bissau, Holanda e França. Muitas dessas rotas estão fortemente vinculadas aos fluxos de emigração que saem do país, tendo em vista que a viagens sai menos onerosa se as comerciantes tiverem um lugar para ficar gratuitamente enquanto fazem as suas compras. As redes migratórias ajudam a fortalecer destinos de viagem, tais como Portugal, Itália e EUA, embora elas não impeçam a criação de outros alternativos, como Brasil, Senegal e Canárias.

Mesmo não sendo um destino de emigração tão forte, já que os cabo-verdianos que vêm para o Brasil costumam estar aqui com o intuito de realizar o ensino superior, enquanto eles vão para outros países em busca de trabalho, o Brasil consegue se mostrar enquanto importante

destino de viagens graças à popularização de seus produtos, via novelas e a ressaltada qualidade deles.

Todavia, as viagens para abastecer as lojas diminuíram drasticamente nos últimos anos e a justificativa usada para tal acontecimento é a crise econômica que tem assolado Cabo Verde, que ainda depende muito dos vínculos comerciais com Portugal, que também passava por um momento difícil em sua economia. Por esse motivo, o envio de *bidões*, repletos de produtos prontos para entrarem no mercado de Mindelo, por parentes emigrados foi a forma encontrada pelas comerciantes de manter suas lojas abastecidas, mesmo que as vendas tenham reduzido nos últimos anos, assim como o poder de compra das pessoas, o que aumentou o número de golpes e calotes que elas recebem.

Os golpes também podem vir das próprias funcionárias das comerciantes, que, com o menor descuido, podem ter altas quantias de dinheiro extraídas ilegalmente dos seus estabelecimentos. Por isso, as pessoas que elas depositam maior confiança são os seus parentes, que muitas vezes estão presentes nas boutiques e lojas apenas temporariamente, já que as comerciantes esperam que o esforço que elas tiveram para criar os seus filhos resulte em empregos que garantam a estabilidade financeira deles.

Por fim, trago alguns casos que ajudam a compreender como se dá a inserção dos homens no comércio mindelense. Embora eles estejam presentes, a maioria esmagadora de comerciantes continua sendo representada por mulheres. Vale pontuar que, mesmo no caso em que são homens cabo-verdianos os responsáveis pela realização das viagens para comprar mercadoria, as suas companheiras atuam ativamente no negócio que é dito como familiar, ao contrário de quando as lojas são chefiadas por mulheres.

A partir da apresentação dos pontos supracitados que compõem as diversas práticas desenvolvidas pelas comerciantes em Mindelo, espero que o trabalho desenvolvido por essas mulheres fortes que detém a centralidade na vida doméstica e comercial cabo-verdiana tenha sido elucidado para o leitor. Meu intuito foi de demonstrar a confluência de dois mundos que aparentam estar tão afastados, o do comércio e o da casa. Tendo um como complementar ao outro, o comércio acaba surgindo do seio familiar e fortalecendo-se nele, seja por meio da ajuda laboral de parentes ou no envio de *bidões*. Logicamente, esse trabalho retrata apenas uma parte do todo complexo e cheio de redes que é o comércio (in)formal mindelense, que merece atenção em trabalhos futuros.

## Considerações Finais

A posição geográfica estratégica de Cabo Verde foi, desde a chegada dos portugueses no arquipélago, um fator determinante para a inserção do país nas mais importantes rotas de comércio que cortavam o oceano Atlântico. Graças ao intenso fluxo marítimo que passava pelo país, então colônia, a ilha de São Vicente pode se estruturar, girando a sua economia em torno das movimentações que ocorriam no Porto Grande de Mindelo. Contudo, o período áureo do porto foi tão curto quanto o seu apogeu e, com a escassez de trabalho que começou a assolar a região, muitas pessoas, inicialmente homens, viram na emigração uma forma de se manter financeiramente e, assim, não repetir os ciclos de miséria que eram tão comuns na ilha antes da viabilização do funcionamento do Porto Grande.

É a partir dos fluxos que tem Cabo Verde como (um dos) palco(s) que se desenvolve a rede comercial tecida pelas comerciantes transnacionais cabo-verdianas, que, em um contexto de escassez de mercadorias industrializadas, surgem enquanto as pessoas responsáveis por fazer o trânsito de mercadorias almejadas pela população Mindelense. Essas mulheres, através de viagens para Portugal, Brasil, Senegal, EUA, Itália e outros países, possibilitam que as pessoas tenham acesso a bens de consumo que não chegam às ilhas com tanta facilidade (ou chegavam, devido à entrada dos chineses no arquipélago). No Brasil, essas mulheres são associadas à figura dos sacoleiros<sup>84</sup>, embora haja uma série de fatores que diferencie esses dois grupos de comerciantes, como, no caso das cabo-verdianas, a feminização do fluxo comercial e a importância dos parentes emigrados para manter o fluxo de mercadorias que segue em direção à Mindelo.

Contudo, as mulheres cabo-verdianas não são as únicas a desenvolver fluxos de comércio que ultrapassem as fronteiras do seu país. Como apontado, na região geográfica em que Cabo Verde está inserido, as *signares* dominaram o comércio na costa noroeste do continente africano durante o século 18, criando amplas redes de relação para garantir a continuidade dos seus negócios, mesmo em contrariedade ao que os governos coloniais propunham para a área (Brooks, 1976). Nos dias de hoje, também é possível encontrar nas *bideiras* a centralidade feminina do comércio na costa oeste do continente africano, embora o ramo delas seja outro (Domingues, 2000). Todavia, o que particulariza o caso das cabo-

---

<sup>84</sup> Em 2004, quando o governo do presidente Lula tentava regularizar as viagens realizadas pelas cabo-verdianas, a mídia brasileira passou a chamá-las de “sacoleiras cabo-verdianas”.

verdianas é a confluência dos fluxos migratórios com as redes comerciais que elas tecem na busca por produtos industrializados.

As redes familiares se apresentam enquanto fator importantíssimo para a realização das viagens que culminarão no abastecimento do estoque de seus estabelecimentos. Por isso, assim como a emigração é compreendida enquanto um projeto familiar, também é possível ver a *rabidância* por essa ótica, uma vez que muitos negócios começam a partir do pontapé inicial de parentes, que enviam *bidões* para quem deseja entrar no ramo, e é um ramo que está muito interligado com o âmbito doméstico, já que parte das comerciantes, antes de se estabelecerem em suas atuais boutiques e quiosques, deram início ao comércio em suas próprias casas, e algumas ainda têm ajuda dos filhos e outros parentes para tocar o negócio.

Além de poder ser a primeira financiadora do negócio, a família aparece enquanto uma das principais justificativas para a entrada dessas mulheres no comércio, a maioria delas visando garantir um futuro melhor para os seus filhos por meio da educação superior, para que eles não passem pelas mesmas dificuldades que elas tiveram que enfrentar.

Vale pontuar que a centralidade feminina no comércio é um reflexo do que acontece na vida doméstica. Entre os fatores que justificam a chefia econômica feminina em quase 50% dos lares cabo-verdianos estão a poligamia não-oficial, ausência dos *pais-de-filho* tanto emocionalmente quanto financeiramente, as altas taxas de fecundidade e a baixa taxa de escolarização feminina em comparação com a masculina (Fortes, 2015b). A fim de minimizar as desigualdades de gênero, foram criadas ONGs voltadas especificamente para esse objetivo, que acabam ajudando muitas mulheres a se inserem no comércio para garantir o sustento do lar, embora, algumas vezes, elas façam uso do discurso da família nuclear patriarcal como a melhor saída para sanar os problemas de desigualdade que Cabo Verde enfrenta.

Contudo, nem mesmo os auxílios financeiros que elas podem obter pelas ONGs conseguiram que elas se estabilizassem frente à crise econômica que Portugal vem enfrentado reverberou no comércio mindelense, uma vez que Portugal é o principal parceiro econômico de Cabo Verde. Com isso, o poder de compra reduziu e elas ainda precisam lidar com outros concorrentes além delas mesmas: os chineses. Devido a essa situação, foram diversos os problemas com clientes que elas me citaram, desde os que levam produtos fiado e não pagam aos que falsificam documentos para deixar como garantia e nunca mais dão as caras. O não pagamento das dívidas por parte dos clientes prejudica o fluxo das viagens, que reduziu quase pela metade e muitas delas só têm conseguido manter as lojas abastecidas graças aos familiares emigrados que enviam produtos nos *bidões* para que elas revendam.



Assim como Portugal, o Brasil se mostra enquanto um importante parceiro comercial. Mesmo que eu não tenha tido a chance de acompanhar as comerciantes em suas viagens para Fortaleza ou São Paulo, elas puderam transmitir um pouco das experiências que elas tiveram em terras brasileiras. A qualidade dos produtos aqui produzidos é o principal fator apresentado por elas que garante a continuidade das viagens para cá, mesmo com a alta nos preços causada pelo aumento da inflação, que é compensada pela desvalorização do real frente ao dólar. Ainda, uma série de práticas de desvalorização dos produtos brasileiros comprados em fábricas irregulares e feiras são realizadas para maximizar o lucro delas, muito embora as comerciantes ressignifiquem o valor das mercadorias ao chegar em Cabo Verde, como apontado por Lobo (2015a) e Silva (2012). A procedência do produto é algo importante no momento da compra em Mindelo, uma vez que as donas das lojas enfatizam a sua qualidade a partir da sua “origem”.

Como pretendido ao logo dessa monografia, apresentei um pouco mais sobre a vida e os trânsitos desenvolvidos pelas mulheres cabo-verdianas que realizam o comércio transfronteiriço que é tão importante para a circulação de bens de consumo no país. Compreendo esse trabalho etnográfico enquanto o primeiro passo para entender melhor os fluxos de objetos e pessoas que são tão intensos no, para e a partir do continente africano, na espera que seja possível ampliar a pesquisa pelas redes tecidas, tendo em vista que “há um mundo africano inteiro à nossa espera” (Pimenta et al, 2016, p. 305).

Vale ressaltar, por fim, que esta pesquisa inicial deixa em aberto uma série de questões que não puderam ser trabalhadas durante a minha pesquisa de campo. Dos ganchos que ficam em aberto para outras oportunidades, a visão que os membros do grupo doméstico têm das comerciantes e do trabalho por elas desempenhado é uma possibilidade formidável para compreender melhor as relações familiares dessas mulheres e o impacto delas no mundo do trabalho.

Outros aspectos levantam questionamentos que não puderam ser sanados, como a importância de Senegal para o comércio cabo-verdiano, uma vez que esse não aparenta se restringir aos souvenirs, e como se dá o processo de compras e ressignificação dos produtos de um país para o outro. Ainda, o papel dos chineses na vida comercial mindelense a partir do ponto de vista deles próprios é um assunto que garante uma discussão profícua, embora eles sejam tão reservados quanto os homens cabo-verdianos, outro grupo que merece maior atenção para complementar os estudos sobre família e comércio no arquipélago.

No que tange o meu atual interesse de pesquisa, o ponto que mais me instiga e não pode ser avaliado com a devida densidade nesse primeiro momento são os fluxos atlânticos dos

*bidões*, assim como todo o processo que perpassa o seu enchimento e esvaziamento. Entre todo o caminho que segue em aberto e ideias para caminhos futuras, espero ter costurado as redes das comerciantes, suas histórias de vida e a centralidade dessas mulheres fortes da maneira precisa.

## Referências Bibliográficas

### i. Livros, coletâneas e artigos

ANJOS, José Carlos Gomes dos. 2002. *Intelectuais, Literatura e Poder em Cabo Verde: Lutas de Definição da Identidade Nacional*. Porto Alegre/Praia: Editora da UFRGS/INIPC.

ALDEN, Chris *et al.* "Introduction". In: ALDEN, Chris *et al.*, *China returns to Africa*. Londres: Hurst & Company. 2009.

ALMEIDA, Germano. *Viagem pela história de S. Vicente*. Mindelo: Ilhéu Editora, 2014. 2ª Edição.

ANDRADE, Leila Leonor Monteiro de. A China em África: que desenvolvimento comum? O caso Cabo Verde. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008.

APPADURAI, Arjun, ed. 1986. *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

BARROS, Crisanto. "Famílias, 'criação' e trajetórias de escolarização em Cabo Verde". In: Lobo, Andréa & Braz Dias, Juliana. *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília: ABA Publicações; LetrasLivres/Cidade da Praia: Edições Uni-CV, 2016.

BOYD, Monica. "Family and Personal Networks in International Migration: Recent Developments and New Agendas," *International Migration Review*, V. 23, 1989: 638-71

BRAZ DIAS, Juliana. *Entre Partidas e Regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. "Língua e poder: transcrevendo a questão nacional". *Mana* (UFRJ. Impresso) , Rio de Janeiro, v. 8, n.1, p. 7-27, 2002.

\_\_\_\_\_. *Mornas e Coladeiras de Cabo Verde: versões musicais de uma nação*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. "Cape Verde and Brazil musical connections". *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.*, Brasília , v. 8, n. 1, p. 95-116, June 2011.

BREDELOUP Sylvie, BERTONCELLO B. (2006). "La migration chinoise en Afrique : accélérateur du développement ou sanglot de l'homme noir". *Afrique Contemporaine*, 218, 199-224

BROOKS JR., George E. "The Signares of Saint-Louis and Gorée: Women Entrepreneurs in Eighteenth-Century Senegal" In: Hafkin and Bay (Org.) *Women in Africa: Studies in Social and Economic Change*. Stanford: Stanford University Press, 1976.

CARSTEN, 2004 *After Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press.

CORREIA e SILVA, António Leão. e. *História de um Sahel insular*. 2.ed. Praia: Spleen Edições, 1996.

\_\_\_\_\_. *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*. Praia: Centro Cultural Português. 2000.

\_\_\_\_\_. *Dilemas de poder na história de Cabo Verde*. Lisboa: Editora Rosa de Porcelana, 2014. 2ª Edição.

DEFRAYNE, Elisabeth. *Au rythme des tambor. Ethnographie des mobilités des “gens de Santo Antão” (Cap-Vert, Belgique, Luxembourg)*. Thèse présentée en vue de l’obtention du grade de Docteur en Sciences Politiques et Sociales: Anthropologie, 2016.

DOMINGUES, Maria Manuela Abreu Borges. 2000. *Estratégias femininas entre as bideiras de Bissau*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Tese de doutorado.

FORTES, Celeste. 2015a “As vendedeiras de Cabo Verde: circulação de produtos, informalidade e mulheres no espaço público de Cabo Verde”. In José Rogério Lopes (Org). *Visagens de Cabo Verde: Ensaios de Antropologia Visual e outros ensaios*. Brasil. Editora Cirkula, pp.101-121.

\_\_\_\_\_. “‘Casa sem homem é um navio à deriva’: Cabo Verde, a monoparentalidade e o sonho de uma família nuclear e patriarcal.” *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, 2015b, v. 40, n. 2: 151-172.

\_\_\_\_\_. “Teorias que servem e teorias que não servem”. In: Lobo, Andréa & Braz Dias, Juliana. *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília: ABA Publicações; LetrasLivres/Cidade da Praia: Edições Uni-CV, 2016.

FORTES, Celeste & SILVA, Carmelita. (Org.), 2011. "As Mulheres em Cabo Verde: Experiências e Perspectivas", Praia: Edições da UNICV.

FRIEDMAN, Jonathan. 1991. “Consuming Desires: Strategies of Selfhood and Appropriation”. *Cultural Anthropology* 6(2): 154-63.

FURTADO, Claudio. 1997. *Génesse Reprodução da Classe Dirigente em Cabo Verde*. Praia: ICL

GEERTZ, Clifford. “The Bazaar Economy: Information and Search in Peasant Marketing.” *The American Economic Review*, vol. 68, no. 2, 1978, pp. 28–32.

GRASSI, Marzia. *Rabidantes: comércio espontâneo transnacional em Cabo Verde*. Instituto de Ciências Sociais e Spleen Edições. 2003.

GRASSI, M. & ÉVORA, I. (Org.). *Género e Migrações Cabo-verdianas*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007

GURAK, D. y F. CACES, 1998. “Redes migratorias y la formación de sistemas de migración”. Malgesini, G. (comp.), *Cruzando fronteras. Migraciones en el sistema mundial*. (pp. 75-112) Barcelona: Icaria- Fundación Hogar del empleado.

HANSEN, Karen. *Salaula: the world of secondhand clothing and Zambia*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

HAUGEN, Heidi Østbø; CARLING, Jørgen. “On the edge of the Chinese diaspora: the surge of baihuo in an African city.” *Ethnic and Racial Studies*, vol. 28, n. 4: 639-662, 2005.

\_\_\_\_\_. “Mixed Fates of a Popular Minority: Chinese migrants in Cape Verde”. In: ALDEN, Chris *et al*, *China returns to Africa*. Londres: Hurst & Company. 2009.

JUSTINO, André Filipe. *O dragão e o Baobá: visitando as relações China-África a partir do contexto cabo-verdiano*. 2014. 74 f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

KOPYTOFF, Igor. 1986. The Cultural Biography of Things: Commoditization as Process. In: APPADURAI, Arjun, ed. 1986. *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 64 – 91.

LAURENT, Pierre-Joseph. “Famílias sob influência de leis migratórias dos países de acolhida: comparação das migrações cabo-verdianas nos Estados Unidos e na Itália”. In: Lobo, Andréa & Braz Dias, Juliana. *Mundos em circulação: perspectivas sobre Cabo Verde*. Brasília: ABA Publicações; LetrasLivres/Cidade da Praia: Edições Uni-CV, 2016.

LEACH, E. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 6ª Edição 2011.

LOBO, Andréa de Souza. Making Families: Child mobility and familiar organization in Cape Verde?. *Vibrant* (Florianópolis), v. 1, p. 197-219, 2011.

\_\_\_\_\_. “Do Feio ao Belo. Aridez, seca, "patrimônio natural" e identidade em Cabo Verde.” In: Lívio Sansone. (Org.). *Memórias da África: patrimônios, museus e políticas das identidades*. 1ed.Salvador/Brasília: EDUFBA/ABA, 2012a, v. 1, p. 67-90.

\_\_\_\_\_. *Tão Longe Tão Perto. Famílias e Movimentos na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde*. 1. ed. Cidade da Praia: Edições Uni-CV, 2012b. 269p .

\_\_\_\_\_. “Negociando pelo mundo: as *rabidantes* cabo-verdianas e suas rotas comerciais.” In: Wilson Trajano Filho. (Org.). *Travessias Antropológicas: estudos em contextos africanos*. 1ed.Brasília: ABA Publicações, 2012c, v. 1, p. 317-338.

\_\_\_\_\_. A Família em Cabo Verde. Uma perspectiva Antropológica. *Revista de Estudo Cabo-Verdianos*, v. 4, p. 99-114, 2012d.

\_\_\_\_\_. “Crianças em cena. Sobre mobilidade infantil, família e fluxos migratórios em Cabo Verde”. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, v. 49, p. 64-74, 2013.

\_\_\_\_\_. “É do produto brasileiro que os clientes gostam?: as *rabidantes* e a rota comercial entre Brasil e Cabo Verde.” *Cuadernos de Antropología Social*, v. 13, p. 15-31, 2015a.

\_\_\_\_\_. “Buying and Selling Between Different Worlds: The *Rabidantes* from Cape Verde.” *Urbanities*, v. 5, p. 72-84, 2015b.

\_\_\_\_\_. “Construindo paisagens e pessoas: colonização, espaço e identidades em Cabo Verde”. *Anuário Antropológico*, v. 40, p. 121-150, n. 2015c.

\_\_\_\_\_. “Sobre mulheres fortes e homens ausentes? Pensando conjugalidades como processos em Cabo Verde”. No prelo.

MAHLER, Sarah; PESSAR, Patricia. 2006. “Gender Matters: Ethnographers Bring Gender from the Periphery toward the Core of Migration Studies”. *International Migration Review*, v. 40, Spring, PP 27-63.

MENDES, Chirley;. *Uma vitrine do Brasil: Telenovelas brasileiras entre estudantes africanos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, 2013

MONTEIRO, Eurídice Furtado. 2015. *Entre os Senhores das Ilhas e as Descontentes: Identidade, Classe e Gênero na Estruturação do Campo Político em Cabo Verde*. Cidade da Praia: Edições Uni-CV.

MUNIZ, Antônio Walber Matias. *Tributação e comércio internacional informal: estudo das relações Cabo Verde/Ceará*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional, Universidade de Fortaleza, 2008.

NEEDHAM, R. “Remarks on the analysis of kinship and marriage”. In: R. Needham (ed.). *Rethinking Kinship and Marriage*. London: Tavistock, 1971.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. (s.d) Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies*. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

PEDONE, Cláudia . 2004. "Tú siempre jalas a los tuyos". Las cadenas y las redes migratorias de las familias ecuatorianas hacia España. Tesis doctoral. Dept. de Geografia. Universitat Autònoma de Barcelona.

PIMENTA, Denise; MOUTINHO, Laura; LOPES, Pedro. “‘Há um mundo africano inteiro à nossa espera’ - Wilson Trajano Filho, um profissional da alteridade”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 295-321, dec. 2016.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. 2005. *A garantia "soy yo": Etnografia das práticas comerciais entre camelôs e sacoleiros em Porto Alegre e Ciudad del Este*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PÓLVORA, Jacqueline Britto. “Cidades informais: o caso da cidade de Praia.” *Revista Ciências Sociais Unisinos*, v. 49, p. 97-103, 2013.

RABOSSI, Fernando. 2004. *Nas ruas de Ciudad del Este: Vidas e vendas num mercado de fronteira*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2004. 318f.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

RIBEIRO, Gustavo Lins. “A Globalização Popular e o Sistema Mundial Não-hegemônico.” *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, p. 21-38, 2010.

ROCHA, Eufémia V. *Mandjakus são todos os africanos, todas as gentes pretas que vêm de África: xenofobia e racismo em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Cabo Verde, 2009.

RODRIGUES, I. F. “As mães e os seus filhos dentro da plasticidade parental: re-considerando o patriarcado na teoria e na prática”. In: GRASSI, M. & ÉVORA, I. (Org.). *Gênero e Migrações Cabo-verdianas*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2007, pp. 123-146.

SAYAD, Abdelmalek. 1998. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp.

SCHNEIDER, D. “What is Kinship all about?”. In: P. Reining (ed.). *Kinship Studies in the Morgan Centennial Year*. Washington: Anthropological Society of Washington, 1972.

SILVA, Tatiana R. R. “COMÉRCIO (TRANS) ATLÂNTICO: As *rabidantes* cabo-verdianas e o mercado informal brasileiro.” *Outros Tempos*, v. 8, p. 128-145, 2011.

\_\_\_\_\_. *A arte de comerciar: gênero, identidades e emancipação feminina no comércio transatlântico das rabidantes em cabo-verdianas*. Tese de Doutorado. Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia, 2012.

\_\_\_\_\_. “Dinâmicas comerciais entre Brasil e Cabo Verde: uma análise acerca do papel das *rabidantes* cabo-verdianas no mercado informal brasileiro.” *Tomo* (UFS), v. 22, p. 9-29, 2013.

TAVARES, Pedro Borges. *Relações Cabo Verde-China: balanço dos trinta e dois anos de cooperação*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) – Universidade de Nova Lisboa, Lisboa, 2010.

TRAJANO FILHO, Wilson. “A Sociabilidade da Diáspora: o retorno.” *Série Antropologia*, Brasília, n.380, p. 1-27, 2005.

\_\_\_\_\_. “Dentro e fora de casa: o pendular jogo de imagens da África em Cabo Verde”. In: A. Motta; A. Lobo; W. Trajano Filho. (Org.). *A África fora de casa: imagens fora do lugar*. 1ed. Recife: Editora UFPE, 2014, v. , p. 19-61.

VASCONCELOS, João, 2004, “Espíritos lusófonos numa ilha crioula: língua, poder e identidade em São Vicente de Cabo Verde”, em Clara Carvalho & João de Pina Cabral, orgs.,

*A Persistência da História: Passado e Contemporaneidade em África*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 149-190.

\_\_\_\_\_. —Manera, ess muv?l: a mobilidade como valor em São Vicente de Cabo Verde. In: BRAZ DIAS, Juliana, LOBO, Andréa de Souza (orgs.). *África em Movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012.

## ii. Documentos

INE, “PIB a Preços de Mercado Óptica do Produto 2014 por Ilhas (Milhões de Escudos)”, 2016. Disponível em: <http://ine.cv/estatisticas-por-tema/pib-e-componentes-trimestral/#1477419842708-ef3b0490-9ad2077e-ee39>

INE, s.d. “RGPH 2010 – Cabo Verde em Números”. Disponível em: <http://ine.cv/quadros/rgph-2010-cabo-verde-em-numeros/>

INE-CV, 2014. Inquérito Multiobjectivo Contínuo - 2014. Estatística das migrações. Disponível em: [http://ine.cv/wp-content/uploads/2016/10/Migracoes2014\\_Rev1.pdf](http://ine.cv/wp-content/uploads/2016/10/Migracoes2014_Rev1.pdf)

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DAS MIGRAÇÕES, 2010. Migração em Cabo Verde - Perfil Nacional 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES DE CABO VERDE. *Caracterização da OMCV*. No prelo.

## iii. Sites consultados

AMARAL, André. Cabo Verde na rota do tráfico de droga. <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/sociedade/item/49333-cabo-verde-na-rota-do-trafico-de-droga#itemCommentsAnchor> Acesso em 22 de maio de 2017.

ANCESTRY SEARCH & ANCESTRY MAPS. Cape Verdean Communities. <http://www.epodunk.com/ancestry/Cape-Verdean.html> Acesso em 10 de julho de 2017.

A SEMANA. Janira Hopffer Almada reage à polémica da venda de pastéis e canja. <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article109993> Acesso em 20 de junho de 2017.

A SEMANA. Sal: Jovens rabidantes condenadas por tráfico de drogas <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article63165> Acesso em 22 de maio de 2017.

CASTILHO, Clara. ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES DE CABO VERDE (OMCV). <https://aviagemdosargonautas.net/2014/03/09/cabo-verde-17/>. Acesso em 20 de junho de 2017.

DUAILIBI, Julia. A africanos, Lula diz buscar tempo perdido. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2907200419.htm> Acesso em 06 de julho de 2017.



DUARTE, Patrique. Canja e Pastel solução JHA para o desemprego <https://goo.gl/bF9hE8>. Acesso em 20 de junho de 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. Presidente quer regularizar os “rabidantes”. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2907200420.htm> Acesso em 02 de agosto de 2017.

HOTEL CONTINENTAL LUANDA. Empresário chinês lança projeto de resort turístico e hotel-casino em Cabo Verde. <http://www.hotelcontinentalluanda.com/index.php/pt/noticias/509-empresario-chines-lanca-projeto-de-resort-turistico-e-hotel-casino-em-cabo-verde> Acesso em 27 de junho de 2017.

PANAPRESS. Cabo Verde um trampolim para entrada de droga na Europa <http://www.panapress.com/Cabo-Verde-um-trampolim-para-entrada-de-droga-na-Europa--13-394098-17-lang3-index.html> Acesso em 22 de maio de 2017.

PRASES, Anna Luisa. Rabidantes. <https://www.youtube.com/watch?v=NtpSEYSQ2XA> Acesso em 13 de fevereiro de 2017.

SAPO. Enredo "Rota da Seda" cantado em dose dupla no Vindos do Oriente. [http://carnaval.sapo.cv/carnavaldomindelo/artigo/enredo\\_a\\_rota\\_da\\_seda\\_cantado\\_em\\_dose\\_dupla\\_no\\_vindos\\_do\\_orient-50652few.html](http://carnaval.sapo.cv/carnavaldomindelo/artigo/enredo_a_rota_da_seda_cantado_em_dose_dupla_no_vindos_do_orient-50652few.html) acesso em 17 de abril de 2017.

SAPO. Primeiro casino de Cabo Verde inaugurado na ilha do Sal. <http://viajar.sapo.cv/curiosidades/primeiro-casino-de-cabo-verde-inaugurado-na-ilha-do-sal> Acesso em 27 de junho de 2017.

TACV. Bagagem de porão. <https://flytacv.com/bagagem-de-porao/> Acesso em 15 de maio de 2017.

TACV. Excesso de bagagem. <https://flytacv.com/excesso-de-bagagem/> Acesso em 15 de maio de 2017.

## Epílogo: Mindelo na “Rota da Seda”



*Figura 14-* Na imagem podemos ver o Centro Cultural Português de Mindelo e, ao seu lado, uma casa comercial chinesa. Passado e presente de uma história imperialista lado a lado.

A entrada dos chineses no continente africano tem ocorrido de maneira gradual desde a década de 1960, quando começaram a surgir as revoluções pela libertação dos países africanos do poder colonial, que foi fortemente apoiada pela China. Desde então, o governo e investidores chineses veem usando a retórica da África enquanto o continente do futuro, devido ao seu potencial econômico, por ser formado por uma população de consumidores e dotado de importantes fontes de matéria-prima, como petróleo (Alden et al, 2009).

Todavia, a entrada dos chineses em Cabo Verde é dotada de dilemas. Como apresentado no capítulo anterior, os chineses têm se apresentado nas últimas duas décadas como grandes concorrentes ao trabalho exercido pelas comerciantes transnacionais. Ao mesmo tempo em que o foco do meu trabalho não era analisar as relações comerciais que os chineses desempenham em Mindelo, eu não poderia deixar de mencionar a presença deles no arquipélago, que é cercada de ambiguidades.

Portanto, abordarei, a partir da perspectiva das comerciantes cabo-verdianas<sup>85</sup>, os aspectos positivos e negativos da chegada dos chineses no arquipélago, assim como a sua “onipresença” nas ilhas, que vai dos pequenos vilarejos de ilhas mais agrárias, como a de Santo Antão, ao carnaval de São Vicente, no qual eles foram homenageados pela escola de samba Vindos do Oriente.

i. “Eles são universais, estão a invadir toda parte”

Atualmente, é impossível tratar de práticas comerciais transnacionais no contexto de Cabo Verde sem abordar aqueles que estão ganhando cada vez mais espaço e poder dentro do cenário econômico internacional: os chineses. Desde o meu primeiro contato real com o arquipélago, na escala realizada na ilha de Santiago, quando passei pelo Plateau, zona central da cidade da Praia, pude perceber que eles possuíam destaque no comércio nacional. Essa impressão me veio porque no dia em que lá cheguei, 13 de janeiro, era feriado, dia da Democracia e da Liberdade. A despeito da importância do feriado, haviam algumas poucas lojas abertas<sup>86</sup>, todas elas pertencentes a chineses. Embora quase não houvesse movimento nas ruas, não havia uma loja de chinês vazia.

Ainda na Praia, chamou-me a atenção o imenso hotel-cassino que estava em processo de construção às margens da Praia da Gamboa, na capital cabo-verdiana, com financiamento chinês. Embora não seja o primeiro cassino do arquipélago<sup>87</sup>, o seu tamanho causou-me impacto, assim como o valor do investimento dos chineses para a obra, descoberto por mim posteriormente, que foi de aproximadamente US\$ 250 milhões de dólares<sup>88</sup>.

Já em São Vicente, algumas das práticas realizadas pelos chineses percebidas por mim em minha breve passagem pela capital do país não se repetiram. Em Mindelo, ao contrário do ocorrido na Praia, as casas de comércio chinesas respeitavam religiosamente o horário de funcionamento oficial das lojas da cidade, que costumavam abrir às 8 horas da manhã, pausar às 13 horas para o almoço, retornar às 15 horas e seguir o trabalho até às 18, 19 da noite, não abrindo nem domingos e nem em feriados.

---

<sup>85</sup> Para análises mais densas sobre a entrada dos chineses em Cabo Verde, ver Cabo Verde: Andrade, 2008; Bredeloup e Bertocello, 2006; Haugen e Carling, 2005; Justino, 2014; Tavares, 2010.

<sup>86</sup> . Quando falo de lojas abertas, estou excluindo estabelecimentos como o Mercado Municipal da Praia, por ser uma espécie de feira de alimentos, além de restaurantes e bares.

<sup>87</sup> “Primeiro casino de Cabo Verde inaugurado na ilha do Sal” <http://viajar.sapo.cv/curiosidades/primeiro-casino-de-cabo-verde-inaugurado-na-ilha-do-sal> acessado em 27 de junho de 2017.

<sup>88</sup> Dados extraídos de <http://www.hotelcontinentalluanda.com/index.php/pt/noticias/509-empresario-chines-lanca-projeto-de-resort-turistico-e-hotel-casino-em-cabo-verde> acessado em 27 de junho de 2017.

Também em Mindelo, ao me aproximar da população local, pude apreender que, da mesma forma que acontece com o termo *rabidante*, a presença dos chineses no arquipélago também é dotada de opiniões dicotômicas vindas dos nacionais. Há quem defenda e, por outro lado, há quem recrimine suas práticas comerciais.

O momento primordial para o desenvolvimento dessa ideia foi ao presenciar uma instigante discussão entre dona Helena e uma amiga dela, Romine, que chegou na loja enquanto conversávamos, a quem fui apresentado como “o brasileiro”. Enquanto dona Helena defendia ferrenhamente a presença dos chineses em Cabo Verde, com o argumento de que, com a chegada dos chineses, “agora muita gente tem o que vestir”, Romine, por outro lado, depositava na conta deles a quantidade expressiva de lixo acumulado nas ilhas nos últimos anos, lixo este sem nenhuma perspectiva de tratamento, segundo ela. Esse lixo teria surgido a partir da possibilidade de comprar produtos por preços menores do que os anteriormente encontrados no arquipélago, o que possibilitou um consumo desenfreado devido à baixa qualidade dos produtos fornecidos pelos chineses.

Embora a fala de Helena, uma das raras comerciantes favoráveis à entrada dos chineses no comércio cabo-verdiano, cause um certo estranhamento, ela faz muito sentido se observarmos que os chineses não competem diretamente com ela, já que seus negócios se centram exclusivamente no ramo de cosmético, enquanto os chineses estão, majoritariamente, no campo de souvenir e vestuário, tanto roupas quanto calçados.

O diálogo entre as duas aponta a ambiguidade que cerca a presença dos chineses em Cabo Verde, que se apresentou com maior grau de complexidade frente ao otimismo de Haugen e Carling (2009). Enquanto os autores apresentam que 85% da população de Cabo Verde aprovaria a presença dos chineses no arquipélago, as minhas conversas apontaram para uma situação um pouco mais dúbia, sendo ambígua até para as próprias comerciantes, que ao mesmo tempo que têm os chineses como concorrentes, muitas vezes fazem deles seus consumidores ou se tornam clientes deles.

Com a inserção dos chineses, houve o agravamento da crise econômica para as comerciantes cabo-verdianas, mesmo que, desde o início dos anos 2000, eles já tenham começado a tomar parte da clientela delas com a venda de produtos mais baratos – e com menor qualidade também – (Haugen e Carling, 2005). Como disse Célia, “com os chineses as coisas complicaram mais” e as vendas reduziram substantivamente. A queda nas vendas dos comerciantes cabo-verdianos, em associação à crise econômica pela qual o país está passando, é o principal argumento para repudiar a presença dos chineses lá. Segundo a memória de Bia,

“tem aproximadamente dez anos que eles chegaram na cidade e, do jeito que as coisas vão, eles vão fechar tudo isso. Mais uns anos e os pequenos negócios não vão resistir”. Contudo, a crise estaria tão séria no país que “até para os chineses, que *acabou* com o nosso negócio, não tá muito bom”.

Até nos produtos de carnaval os chineses conseguiram adentrar. Este era um ramo totalmente dominado pelas comerciantes transnacionais, que costumavam ir para São Paulo fazer compras de adereços carnavalescos na 25 de março, o que gerava muito lucro para elas. Agora, os chineses estariam vendendo “essas coisas praticamente dado”, como disse Célia. Por causa disso, não era incomum ver itens de carnaval antigos encalhados nos estoques das lojas.

Ainda, muitos foram os relatos de que os chineses tiram fotos dos produtos que são tidos como novidade e no mês seguinte chega um contêiner cheio de réplicas. Isso aconteceu com uma das amigas que eu fiz lá. Seu namorado, que mora no Brasil, levou uma sandália da marca Melissa para ela, item que era razoavelmente escasso na cidade. Em um dia enquanto ela estava caminhando pela cidade, uma chinesa a parou e pediu para tirar uma foto da sandália por ter achado bonita. Pouco tempo depois uma das casas comerciais<sup>89</sup> chinesas da cidade estava abarrotada de réplica da sandália.

Outro produto fora do eixo euro-estadunidense que fazia muito sucesso e, por isso, também era alvo de falsificação, eram as famosas Havaianas brasileiras. Entre a população de classe mais baixa era possível ver as “Havaienes” nos pés das pessoas. Essas situações dão sentido à grande quantidade de réplicas dos chinelos de dedo da marca Adidas – que estão na moda – que abarrotavam a entrada das lojas.

Curiosamente, só havia detectores de furto nas lojas chinesas, mesmo que as comerciantes com quem conversei também tenham reclamado da ocorrência de furtos em suas lojas, como apresentado pelo caso de Célia no terceiro capítulo. Mas, como as casas comerciais chinesas costumam estar abarrotadas de produtos, seria mais fácil sair com algo de lá sem chamar atenção. Vale ressaltar que as casas comerciais chinesas são foco de roubos desde que elas começaram a abrir em Mindelo, no início da década passada (Haugen e Carling, 2005).

Outra reclamação comum realizada pelas comerciantes acerca dos chineses é a suposta falta de controle sobre os produtos que eles vendem. Para Maria, os chineses

são universais, estão a invadir toda parte. Por isso o comércio diminuiu consideravelmente. Ao menos lá (no Brasil) eu acho que é diferente, eles têm controle de qualidade, né? Mas aqui não, toda porcaria entra. Há lojas chinesas aqui que a gente não consegue estar nem meia hora ou uma hora, o cheiro é tão forte, os produtos, os plásticos, as borrachas, é tão forte, só fica lá. Ao fim de meia hora, vinte minutos já tá

---

<sup>89</sup> Termo usado por parte dos chineses para se referir às suas lojas.

sufocado do cheiro. (Trecho da entrevista realizada com Maria em 09 de fevereiro de 2017).

Realmente, o cheiro que sai das lojas chinesas é muito forte, chegando a dar dor de cabeça e tontura em quem entra nas lojas e lá permanece por muito tempo, principalmente as menos arejadas. Isso se dá principalmente por causa da diferença do material dos produtos que os chineses mandam para lá. De acordo com Célia, “em Cabo Verde e África eles entram com toda a porcaria, no resto do mundo são produtos de mais qualidade”. Para exemplificar a situação, ela me disse que “os tecidos que eu compro no chinês em São Paulo são melhores que os que eles vendem na África”. Mesmo que haja críticas aos produtos vendidos hoje pelos chineses, Júlia me contou que antigamente os produtos eram ainda piores e, assim, se deterioravam com maior facilidade.

As lojas dos chineses aglomeram-se majoritariamente na Morada, onde antigamente estavam lojas tradicionais da cidade, sendo o estabelecimento deles nas zonas centrais das cidades um padrão em seu processo de fixação (Haugen e Carling, 2005). Frente aos baixos preços postos pelos chineses, a alternativa encontrada por alguns comerciantes mindelenses foi a de alugar as lojas para eles, pois assim o lucro estaria garantido, o trabalho reduzido e o risco de falência menos eminente, fato este já percebido por Tavares (2010) em seu trabalho.

Assim como o verificado por Justino (2015) em sua pesquisa realizada na cidade da Praia, em Mindelo as lojas chinesas também variavam em seus tamanhos e nível de sofisticação, indo de lojas onde antigamente funcionavam boutiques voltadas para as classes altas a outras que eram no subsolo ou primeiro piso de prédios, onde mal dava para caminhar de tantos itens à mostra. Com relação aos trabalhadores, enquanto as funcionárias eram todas cabo-verdianas, os responsáveis pela loja, que ficavam no caixa, eram chineses.

A percepção do trabalho e permanência dos chineses em Cabo Verde é dotada de uma série de divergências. Enquanto alguns creem que “os chineses só vem buscar (o nosso dinheiro) para levar para terra deles”, que “eles (os chineses) ajudam outros países (como Cabo Verde) apenas para que recebam a população deles, que está por todo mundo”, trocando pela acolhida de seus conterrâneos por alianças comerciais e construção de grandes obras, como represas, palácios de governo e cassino, outras pessoas conseguem ter empatia por eles. Esse é o caso de Maria, que mesmo achando que os chineses representam um mercado desleal dentro do país, eles estão saindo do seu país para conseguir a vida, assim como os cabo-verdianos fazem.

Como nós cabo-verdianos saímos pra procurar uma vida melhor em outros países, eles também saem, né? E eles são um povo bem trabalhador, bastante trabalhador, trabalham muito. E com os chineses muita gente teve acesso a coisas que antes elas

não tinham acesso. Hoje em dia raramente a gente vê uma criança ou uma pessoa descalça. Os chineses deram acesso a todo mundo. (Trecho da entrevista realizada com Maria no dia 09 de fevereiro de 2017).

É curioso analisar o caso do tratamento dado pelos cabo-verdianos aos chineses. Isso porque há, nessa situação, a inversão da posição de Cabo Verde no fluxo migratório, passando de país de origem para país de recepção, ao contrário do que tradicionalmente acontece em uma sociedade que quase metade dos seus patriotas estão emigrados.

É interessante, também, perceber que os chineses não são vistos no mesmo patamar de poder que os imigrantes provindos de países europeus. Nos casos em que as interlocutoras teciam reclamações acerca da presença dos chineses em Mindelo, eles eram enquadrados na concepção de imigrante apresentada por Sayad em seu estudo clássico sobre migrações, onde os imigrantes estão em “um lugar à margem e na parte inferior da hierarquia social” (1998, p. 47), assim como eles são rotineiramente taxados de parasitas, que vão para Cabo Verde extrair o que eles podem de lá. Os chineses são sempre encaixados no estereótipo do imigrante enquanto alguém foi para lá roubar as oportunidades de emprego dos nacionais.

Mesmo com a inferiorização dos produtos chineses e por parte das comerciantes cabo-verdianas, acabei descobrindo que parte das lojas de souvenirs da cidade compravam vários produtos nas lojas dos chineses, a preços mais baixos que o colocado para os clientes comuns, e revendiam em suas lojas que ficavam em pontos estratégicos da cidade, como a Praça Estrela e a Rua 5 de julho, pontos de intenso fluxo de turistas.

Até eu, na tentativa de economizar dinheiro na compra dos presentes que eu precisava trazer, recorri a uma loja chinesa após indicação de uma amiga brasileira comerciante que mora lá. Um imã de geladeira que era vendido à 120 escudos cabo-verdianos na loja dos chineses saía, para nós que levaríamos muitos, à 100 escudos. Ainda, o mesmo produto era encontrado por 200, 250 escudos nas lojas para turistas. Ou seja, mesmo que os produtos chineses tenham contribuído para diminuição dos preços, tanto à nível local quanto mundial, as comerciantes cabo-verdianas continuam lucrando com a maximização dos seus lucros.

## ii. Os sombrios acordos econômicos entre China e Cabo Verde

O âmbito dos rumores é algo que perpassou várias das minhas conversas sobre os chineses, estando presente nos diálogos sobre os chineses desde o início dos anos 2000, quando Grassi (2003) realizou sua pesquisa de campo no Mercado de Sucupira. Nunca se tem “certeza

absoluta” sobre as histórias contadas, mas todo mundo apresenta a sua verdade acerca das alianças comerciais estabelecidas entre Cabo Verde e China.

Um dos rumores mais comuns está vinculado às condições de trabalho. Ao ser abordada sobre a sua opinião acerca os chineses, Marta se pôs a pensar nos funcionários deles. “Imagina o pessoal que trabalha lá?! Dizem que as condições de trabalho nas lojas dos chineses são bem precárias. Dizem que eles pagam abaixo do salário e as pessoas têm que trabalhar mais tempo”. Ela não foi a única a me falar que os chineses pagam muito mal e que os seus funcionários trabalham muito e em condições precárias. Contudo, apenas a partir da minha observação, não posso constatar a informação, mas, em um contexto que a taxa de desemprego chega aos 15%, não é de se assustar que existam pessoas que trabalhem por menos que o salário mínimo, que era de 11 mil escudos (aproximadamente R\$371,50).

Com a série de acordos firmados entre China e Cabo Verde, acordos estes que são tão acessíveis para a sociedade cabo-verdiana, a ocorrência de rumores se faz presente mais uma vez. Cada um conta uma história diferente sobre esses tratados, que envolveriam isenção de alguns impostos para as cargas de origem chinesa, como as taxas alfandegárias, o que justificaria o boato de que os comerciantes nacionais estariam em uma “corrida comercial desleal” com os chineses, sendo este um dos fatores que estaria prejudicando a economia familiar-doméstica.

Há ainda, ligado aos rumores das isenções de taxa para os chineses, a história de que eles teriam benefícios nos impostos nos cinco primeiros anos em que eles ficarem em Cabo Verde, não pagando as tarifas (alguns chegam a aumentar para dez). Terminando esse período inicial, os chineses passariam a loja para o nome de um outro parente próximo, que usufruiria desse benefício em nome do primeiro, enquanto ainda seria o dono inicial o responsável pelo comércio no âmbito da prática.

Todavia, a veracidade desses rumores foi refutada pelos órgãos oficiais alfandegários durante as pesquisas realizadas por Marzia Grassi (2003) e Pedro Tavares (2010). A primeira, ao conversar com funcionários da Direção Geral da Alfândega, na cidade da Praia, teve como resposta negativa os rumores sobre isenções fiscais. Na mesma via, Tavares argumenta, em sua dissertação que versa sobre as relações estabelecidas entre Cabo Verde e China, que não existem documentos estatais que comprovem a possibilidade de realizar as ações de isenção fiscal. Por outro lado, o autor confirma os boatos de que os chineses pagariam menos que um salário mínimo para suas funcionárias, o que ele justifica pela vida de que os cabo-verdianos deveriam se adequar a essa forma de trabalho, uma vez que eles estão precisando de empregos.



Contudo, não se pode justificar a exploração da mão-de-obra cabo-verdiana pela via da escassez de trabalho.

Quanto aos baixos preços dos produtos fornecidos pelos chineses, Haugen e Carling (2005), por sua vez, afirmam que os bens industrializados comercializados pelos chineses são adquiridos diretamente das fábricas, na China, por preços muito menores do que os encontrados pelas *rabidantes* em suas viagens para Europa e América, isso porque a situação laboral na China é muito mais precária.

Para compreender melhor as relações China-Cabo Verde, é preciso voltar ao trabalho de Tavares (2010), que apresenta um apanhado histórico das relações estabelecidas entre os dois países. Enquanto Estados-nação<sup>90</sup>, a proximidade entre Cabo Verde e China começou logo em 1976, ano em que Cabo Verde comemorou um ano de independência. Assim, os chineses foram um dos primeiros países a fixar embaixada na jovem nação, mesmo que o embaixador só fosse ter residência permanente a partir de 1985. (Tavares, 2010)

Tavares avalia que o interesse chinês nas ilhas de Cabo Verde se deu pelo país ter

uma democracia consolidada, possui estabilidade económica, política e social, apresenta indicadores económicos aceitáveis, em analogia com os países da sua sub-região, e é detentora de uma localização geográfica de interesse estratégico. Essas Vantagens comparativas em relação aos outros países da África Ocidental, são condições que potencializam não só as parcerias, mas também o investimento externo, pois, a segurança é actualmente um elemento de vantagem competitiva entre as nações (2010, p. 122).

Mais uma vez, o posicionamento geográfico estratégico de Cabo Verde o coloca na centralidade dos fluxos comerciais. Isso porque, nas relações Sul-Sul estabelecidas pela China, o importante é buscar países que possam fornecer matéria-prima, para, depois, comprar essa matéria transformada em bens industrializados. Como Cabo Verde em um país marcado historicamente pela escassez de matérias-primas, o que negativa a balança comercial deles, é a sua posição centralizada no trânsito atlântico que garante a de vínculos com as grandes economias (Justino, 2015).

Os primeiros chineses chegaram em Cabo Verde no ano de 1993, porém, a primeira loja só foi aberta em 1995. Mesmo com o início dos acordos comerciais ainda na década de 1990, as importações de produtos chineses reduziram nos primeiros cinco anos da década de 2000, voltando a aumentar em 2005 e tendo triplicado no ano 2009 (Haugen e Carling, 2005; Tavares, *ibidem*).

---

<sup>90</sup> As relações entre China e Cabo Verde antecedem esse período, mas, como não foram traçadas dentro da formalidade de dois países independentes, não faz sentido trazê-las à tona da mesma forma que Tavares (2010) apresenta em seu trabalho.

A partir de 2006, a parceria entre os dois países intensifica-se no que diz respeito ao âmbito das trocas econômicas, passando a contar com uma série de parcerias de cooperação, financiamentos de grandes obras no país insular e altos empréstimos com juros baixos ou sem essa taxa. No meio dessas obras, houve a reestruturação e ampliação de setores ligados à atividade portuária, como o Porto Grande do Mindelo, tudo isso para facilitar o escoamento da produção chinesa de roupas, calçados, eletrônicos e afins para o novo parceiro comercial africano. Aproveitando-se da posição geográfica estratégica de Cabo Verde, os chineses pretendiam estender sua rede de acordos comerciais para os demais países do continente africano, o que já está em vigor (Andrade, 2008; Justino, 2015; Tavares, 2010).



*Figura 15* - No letreiro da Loja Felicidade, na rua 5 de Julho, pode ser ver o aperto de duas mãos, cada uma delas simbolizando um dos parceiros comerciais com as suas respectivas bandeiras.

Um fator que favoreceu a inserção dos chineses no território cabo-verdiano foi a redução dos investimentos que vinham de países europeus e da União Europeia, já que Cabo Verde havia atingido um nível de desenvolvimento que não permitia a continuidade, como afirma Justino (2015, p. 54). Com o caminho “aberto” em um país em que os financiamentos estrangeiros são fundamentais para girar a economia e dar continuidade ao desenvolvimento, as chances da China não firmar os acordos era quase nula.

### iii. Mindelo na rota da seda

Em meio às distintas interpretações sobre a presença dos chineses na ilha, a escola de samba Vindos do Oriente, uma das quatro que competem anualmente no desfile que circunscreve as principais ruas do centro da cidade, decidiu homenagear em seu samba-enredo os imigrantes sínicos que vivem em seu país, apontando para a importância global da China na navegação e comércio, ao som do samba-enredo “Na rota da seda”<sup>91</sup>.

Após uma série de atrasos que levaram o desfile a terminar apenas no início da noite, com a Vindos do Oriente como última escola a “entrar na avenida”, os integrantes da escola tomaram conta das ruas com suas fantasias finíssimas e cheias de cores, e seus carros alegóricos imensos, que possuíam até televisões de LED. A produção foi tão grande que contava com dois carros de som, além da presença da ilustre cantora mindelense Jenifer Solidade, que ajudou a compor o time dos cantores do samba-enredo.

Mesmo com todo o investimento realizado pela escola na homenagem aos chineses, não havia nenhum durante o desfile, o que causou estranhamento a quem assistia. Porém, o meu maior estranhamento enquanto pesquisador foi o fato de que grande parte das responsáveis pelas alas das escolas de samba são, também, as comerciantes transnacionais, que tanto reclamam da concorrência desleal que os chineses representam. Talvez o amor à sua escola de coração seja maior do que a raiva que elas sentem pelos seus concorrentes estrangeiros.

No dia seguinte ao desfile, a apuração dos votos apontou o que muita gente suspeitava: a Vindos do Oriente ganhou a disputa, com apenas três pontos à frente da segunda colocada, a Monte Sossego. A baixo impacto da notícia da vitória se deve à qualidade dos produtos utilizados na ornamentação dos passistas e dos carros alegóricos, demonstrando o alto investimento financeiro realizado pela escola de samba.



Assim como os demais temas abordados ao longo desta monografia, a presença dos chineses também se mostra como uma situação delicada e cheia das mais diferentes nuances dentro do contexto mindelense. Seja sobre os chineses que possuem suas casas comerciais nas

---

<sup>91</sup> No carnaval de 2017, a escola Vindos do Oriente resolveu inovar ao colocar dois sambas-enredos como representantes da escola. Contudo, o segundo, nomeado “Seda Pura”, não fez o mesmo sucesso do primeiro. A letra está disponível em [http://carnaval.sapo.cv/carnavaldomindelo/artigo/enredo\\_a\\_rota\\_da\\_seda\\_cantado\\_em\\_dose\\_dupla\\_no\\_vindos\\_do\\_orient-50652few.html](http://carnaval.sapo.cv/carnavaldomindelo/artigo/enredo_a_rota_da_seda_cantado_em_dose_dupla_no_vindos_do_orient-50652few.html) acesso em 17 de abril de 2017. O primeiro está disponível no anexo 4.

ilhas, ou os grandes empresários que fecham acordos milionários com o governo cabo-verdiano, não há consenso sobre a entrada e permanência deles no arquipélago, o que sempre levanta suspeição.

A desconfiança dos cabo-verdianos frente aos chineses ocorre, em certa medida, pela não compreensão de como será quitada a contra dívida gerada pelos acordos financeiros firmados entre os dois países, que não é explícita, é motivo de preocupação para os cabo-verdianos. O mesmo ocorre em outros países do continente africano, que desconfiam dos auxílios financeiros “altruístas” da China, assim como o sucessivo perdão de dívidas entre a China e os países africanos que mantém negócios (Alden et al, 2009).

Mas uma coisa é certa, as relações comerciais entre chineses e africanos são cruciais para a economia doméstica chinesa, uma vez que eles precisam das exportações para manter o ritmo de crescimento do país, tendo em vista que eles importam mais do que exportam.

Como visto, é comum entre as comerciantes culpabilizar – parcialmente – os chineses pela queda nas vendas, criando teorias da conspiração e diversos rumores, mesmo que eles contribuam de alguma forma para isso. Por mais que as intenções dos chineses com o arquipélago sejam as mais diversas, é demasiado complicado definir os acordos financeiros entre os dois países dentro da dualidade bom *versus* mau, já que eles inserem os cabo-verdianos em jogo de benesses ou prejuízos, seja para uma parte da população, seja para toda ela.

ANEXO 1 – Estado civil da população residente em Cabo Verde com mais de 12 anos

Estado civil/Sexo	Total	Grupos etários												
		12-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50-54	55-59	60-64	65+	ND
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
<b>Cabo Verde</b>														
Ambos os sexos	<b>369412</b>	<b>33363</b>	<b>59059</b>	<b>52905</b>	<b>44341</b>	<b>34504</b>	<b>27236</b>	<b>26291</b>	<b>23512</b>	<b>18161</b>	<b>12143</b>	<b>6193</b>	<b>31346</b>	<b>358</b>
Masculino	182091	16851	29655	27327	23336	18165	14106	12988	11347	8162	4947	2613	12384	210
Feminino	187321	16512	29404	25578	21005	16339	13130	13303	12165	9999	7196	3580	18962	148
<b>Solteiros(as)</b>														
Total	<b>169081</b>	<b>32984</b>	<b>54674</b>	<b>35456</b>	<b>18482</b>	<b>9285</b>	<b>5435</b>	<b>4133</b>	<b>2858</b>	<b>1837</b>	<b>1174</b>	<b>570</b>	<b>2192</b>	<b>1</b>
Masculino	93741	16657	28706	21514	11839	5995	3437	2327	1394	726	395	191	559	1
Feminino	75340	16327	25968	13942	6643	3290	1998	1806	1464	1111	779	379	1633	0
<b>Casados(as)</b>														
Total	<b>46744</b>	<b>7</b>	<b>85</b>	<b>693</b>	<b>2101</b>	<b>3303</b>	<b>3646</b>	<b>5125</b>	<b>6185</b>	<b>5990</b>	<b>4786</b>	<b>2686</b>	<b>12137</b>	<b>0</b>
Masculino	23091	2	11	172	841	1457	1640	2350	3015	2846	2238	1365	7154	0
Feminino	23653	5	74	521	1260	1846	2006	2775	3170	3144	2548	1321	4983	0
<b>União de Facto</b>														
Total	<b>96367</b>	<b>238</b>	<b>3048</b>	<b>11942</b>	<b>16991</b>	<b>15597</b>	<b>12580</b>	<b>11325</b>	<b>9263</b>	<b>5845</b>	<b>2946</b>	<b>1174</b>	<b>5416</b>	<b>2</b>
Masculino	45460	129	541	3950	7742	7788	6575	6099	5106	3208	1517	603	2202	0
Feminino	50907	109	2507	7992	9249	7809	6005	5226	4157	2637	1429	571	3214	2

<b>Separados(as)</b>														
Total	<b>45391</b>	<b>88</b>	<b>1018</b>	<b>4498</b>	<b>6631</b>	<b>6145</b>	<b>5304</b>	<b>5272</b>	<b>4586</b>	<b>3569</b>	<b>2266</b>	<b>1006</b>	<b>5008</b>	<b>0</b>
Masculino	16817	38	195	1418	2856	2863	2364	2076	1670	1162	634	313	1228	0
Feminino	28574	50	823	3080	3775	3282	2940	3196	2916	2407	1632	693	3780	0
<b>Divorciados(as)</b>														
Total	<b>1826</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>30</b>	<b>92</b>	<b>117</b>	<b>198</b>	<b>268</b>	<b>325</b>	<b>260</b>	<b>172</b>	<b>358</b>	<b>0</b>
Masculino	773	0	0	1	10	33	49	87	107	135	108	81	162	0
Feminino	1053	0	1	4	20	59	68	111	161	190	152	91	196	0
<b>Viúvos(as)</b>														
Total	<b>8688</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>6</b>	<b>17</b>	<b>48</b>	<b>96</b>	<b>190</b>	<b>321</b>	<b>568</b>	<b>695</b>	<b>573</b>	<b>6173</b>	<b>0</b>
Masculino	1312	1	0	0	1	11	8	23	37	71	48	54	1058	0
Feminino	7376	0	0	6	16	37	88	167	284	497	647	519	5115	0
<b>ND</b>														
Total	<b>1315</b>	<b>45</b>	<b>233</b>	<b>305</b>	<b>89</b>	<b>34</b>	<b>58</b>	<b>48</b>	<b>31</b>	<b>27</b>	<b>16</b>	<b>12</b>	<b>62</b>	<b>355</b>
Masculino	897	24	202	272	47	18	33	26	18	14	7	6	21	209
Feminino	418	21	31	33	42	16	25	22	13	13	9	6	41	146

Tabela 2 - População residente com 12 anos ou mais segundo grupos etários por sexo e estado civil – do documento Cabo Verde em Números. Disponível em: <http://www.ine.cv/estatisticas-por-tema/populacao-e-censo/#1477419842708-ef3b0490-9ad276aa-4b69>

## Anexo 2 – Excesso de bagagem na TACV

Percurso	Conceito de Peso
<b>Doméstico</b>	20 kg
<b>Regional</b>	20 kg
<b>Cabo Verde – Amesterdão</b>	1 volume 30 kg
<b>Brasil – Europa</b>	2 volumes 23 kg
<b>Brasil – Cabo Verde</b>	2 volumes 23 kg
<b>Brasil – Dakar, Bissau</b>	1 volume 32 kg

Tabela 3 - Peso máximo da bagagem de porão pela TACV<sup>92</sup>

TARIFA DE EXCESSO DE BAGAGEM		
Rota	Valor por Kg	Informação adicional
<b>Doméstico</b>	250 cve ou 3€ €	
<b>Regional</b>	4□€ €	
<b>Voos internacionais (exceto voos Portugal, Brasil e dos Estados Unidos)</b>	15€ €	
<b>Brasil</b>	10 usd	
<b>Estados Unidos</b>	200 usd por volume de até 23 Kg	Peso adicional 20 usd por Kg
<b>Portugal</b>	180€ por volume de até 23 Kg	280€ quando volume extra excede 23 Kg (23-32 Kg)

Tabela 4- Valor do excesso de bagagem pela TACV<sup>93</sup>

<sup>92</sup> Informações encontradas em <https://flytacv.com/bagagem-de-porao/> acessado em 15.05.2017.

<sup>93</sup> <sup>93</sup> Informações encontradas em <https://flytacv.com/excesso-de-bagagem/> acessado em 15.05.2017.

### Anexo 3 – Produtos brasileiros



Figura 16 - Loja de cosméticos *Made in Brazil*



Figura 17- Cremes para cabelo brasileiros em um quiosque da Praça Estrela



## Anexo 4

### NA ROTA DA SEDA

**Nô embarcá má Vindos d'Oriente  
Num viagem de China a Soncente  
Bem conchê um mund d'fascinação  
Trilhá camim d'evolução**

Shi-Ling-Shi, Sublime Imperatriz  
Num moment inspiród e fliz  
Mudá destino d'humanidade  
Êl trazê Mund prosperidade  
Desde Navegação  
Comunicação, Cultura e Magia  
Rota de seda bem influenciá  
Moda e Tecnologia

Antes de borboleta voá d'casulo  
P'al colori nôs céu azul  
Num capricho d'Mãe Natureza  
Êl criá um obra-prima de rara beleza  
Marco Pólo explorá  
Rancá de Veneza, êl saí ta bá  
Trazê gent seda k'tud sê pureza  
Brilho de sedução  
Sê encant e sê riqueza

**Ôli seda fina  
Ôli seda da boa  
Nô enfeitá de pluma e purpurina  
Pa bem desfilá na Rua d'Lisboa**

João Carlos Silva & Anísio Rodrigues  
Vindos do oriente/Carnaval 2017

### NA ROTA DA SEDA – Tradução livre

**Nós embarcamos com a Vindos do  
Oriente  
Em uma viagem da China à São Vicente  
Vem conhecer um mundo de fascinação  
Trilhar o caminho da evolução**

Shi-Ling-Shi, Sublime Imperatriz  
Em um momento inspirado e feliz  
Mudou o destino da humanidade  
Eles trouxeram um mundo de prosperidade  
Desde a navegação  
Comunicação, Cultura e Magia  
A rota de seda vem influenciar  
Moda e Tecnologia

Antes da borboleta voar do casulo  
Para colorir nosso céu azul  
Num capricho da Mãe Natureza  
Eles criaram um obra-prima de rara beleza  
Marco Polo explorou  
Foi embora de Veneza, ele foi  
Trazer a seda com toda a sua pureza  
Brilho de sedução  
Seu encanto e sua riqueza

**Ôli seda fina  
Ôli seda da boa  
Nos enfeitar de pluma e purpurina  
Para vir desfilar na Rua de Lisboa**